



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**REGIS TORQUATO DE ARAÚJO TAVARES**

**ESCREVENDO NO CAMINHO: AO ENCONTRO DO PENITENTE**

**FORTALEZA**

**2020**

REGIS TORQUATO DE ARAÚJO TAVARES

ESCREVENDO NO CAMINHO: AO ENCONTRO DO PENITENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre. Área de concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

T233e Tavares, Regis Torquato.

Escrevendo no caminho : ao encontro do penitente / Regis Torquato Tavares. – 2020.  
203 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior.

1. Escrita. 2. Penitência. 3. Processo de Criação. I. Título.

CDD 700

---

REGIS TORQUATO DE ARAÚJO TAVARES

ESCREVENDO NO CAMINHO: AO ENCONTRO DO PENITENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre. Área de concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

João Vilnei de Oliveira Filho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Aos avós Aidê e Vicente e Marica e Mundoca.



## RESUMO

Disserto sobre o percurso poético que realizo e que por aqui não se inicia nem se encerra. É o meio de um caminho entre mim e Francisco Leal, entre Fortaleza e o Angico de Cima, sítio de Aurora, no cariri cearense. O processo de criação se entrelaça ao texto dissertativo e carrega consigo andanças e encontros, ideias e partidas, noções repentinas e outros entendimentos. Os muitos encontros possíveis se convergem em Francisco Leal de Oliveira, penitente dedicado à escrita da própria vida em cadernos escolares. De Aurora, município onde reside, retomo, e construo, também, meu próprio caderno a partir de memórias da infância, reminiscências de viagens, visitas a familiares, contatos com penitentes. Aurora é meu lugar de tensão entre o que é, ao mesmo tempo, familiar e passageiro. Desse encontro com o lugar e com o penitente, emerge uma escrita dialogal apresentada sob múltiplos gêneros textuais: crônica, conto, poema, relato de viagem, diário, receita, carta, perfil biográfico. Dissertação desenvolvida junto ao Laboratório de Investigação em Comunicação, Corpo e Arte – LICCA.

**Palavras-chave:** Escrita. Penitência. Processo de Criação.



## ABSTRACT

I write about the poetic path that doesn't star here and doesn't end here. It is the middle of a path between me and Francisco Leal, between Fortaleza and Angico de Cima, countryside of Aurora, Cariri, Ceará. The process of creation is immersed in the dissertation and carries encounters with it. The process is in the text, in the ideas and understandings that came along the way. The many possible meetings converge on Francisco Leal de Oliveira, a penitent dedicated to writing his own life in school notebooks. From Aurora, the municipality where he resides, I take back and gradually build my own notebook from childhood memories, reminiscences of trips, visits to family members, contacts with penitents. Aurora is my place of tension between what is, at the same time, familiar and passage. From this encounter with the place and with the penitent, a dialogical writing emerges presented in multiple textual genres: chronicle, short story, poem, travel story, diary, recipe, letter, biographical profile. Dissertation developed with the Laboratório de Investigação em Comunicação, Corpo e Arte – LICCA.

**Keywords:** Writing. Penitence. Creation Process.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Envelope: remetente.....	18
Ilustração 2 – Envelope: destinatário .....	18
Ilustração 3 – O peso da poesia .....	19
Ilustração 4 – Enfim, escrevo para o senhor .....	20
Ilustração 5 – Banco no terreiro .....	28
Ilustração 6 – Francisco Leal de Oliveira.....	29
Ilustração 7 – Discurso de encerramento: parte 1 .....	30
Ilustração 8 – Discurso de encerramento: parte 2 .....	31
Ilustração 9 – Folha de Rosto: dedicatória .....	33
Ilustração 10 – Entre avós maternos e paternos, o Angico de Cima .....	38
Ilustração 11 – Localização geográfica de Aurora no Ceará e índices.....	38
Ilustração 12 – Primeiro, Malhada Funda; Angico em seguida .....	39
Ilustração 13 – O penitente Zé Carneiro exibindo a guia .....	41
Ilustração 14 – Como imagino que seja a subdivisão territorial brasileira .....	42
Ilustração 15 – Entrada do Angico de Cima a partir da Rodovia Orlando Leite de Macedo .....	43
Ilustração 16 – Cruz presente na entrada do Angico de Cima.....	43
Ilustração 17 – Capa de “Aquarelas & Desenhos do Ceará oitocentista” .....	46
Ilustração 18 – Penitente por José dos Reis Carvalho, 1859.....	48
Ilustração 19 – Detalhe da “disciplina”, instrumento da autoflagelação.....	49
Ilustração 20 – Cantareira de Mamãe .....	62
Ilustração 21 – Casa / Planta Baixa .....	63
Ilustração 22 – Roteiro da Reza, p. 1-2 .....	70
Ilustração 23 - Roteiro da Reza, p. 3-4 .....	71
Ilustração 24 – Altar preparado para o terço .....	76
Ilustração 25 – Altar preparado para o terço .....	77
Ilustração 26 – Penitentes durante o terço .....	77
Ilustração 27 – A disciplina .....	84
Ilustração 28 – Marcas do sangue aspergido na parede após a aplicação da disciplina .....	85
Ilustração 29 – Ficha dos Cadernos de Francisco Leal de Oliveira.....	97

Ilustração 30 – Conservação dos cadernos .....	95
--	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>OS ENCONTROS POSSÍVEIS.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ALI É SABIDO.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>UM ENCONTRO INESPERADO: COMO CHEGUEI.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>UM ENCONTRO ESPERADO: A PROCURA POR FRANCISCO.....</b>	<b>37</b>
4.1	O Angico de Cima.....	39
<b>5</b>	<b>O CEARÁ OITOCENTISTA DOS PENITENTES DA VENDA GRANDE.....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>OS PRIMEIROS PENITENTES NO CAMINHO.....</b>	<b>53</b>
<b>7</b>	<b>PENITÊNCIA .....</b>	<b>57</b>
7.1	O terço, a reza, o rito.....	69
<b>8</b>	<b>A LIDA COM OS CADERNOS.....</b>	<b>93</b>
8.1	Instruções para folhear benditos e outros escritos.....	101
8.2	Uns sobre os outros.....	103
<b>9</b>	<b>UM DESFECHO CORRESPONDENTE.....</b>	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>
	<b>APÊNDICE A – GUIA DE TRANSCRIÇÃO.....</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM</b>	
	<b>28.07.2018.....</b>	<b>125</b>
	<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM</b>	
	<b>29.07.2018.....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM</b>	
	<b>22.04.2019.....</b>	<b>173</b>



## 1 OS ENCONTROS POSSÍVEIS

“Eu vejo alguma coisa, já me dá vontade de escrever. Pego um papel e vou fazer aqui”<sup>1</sup>  
(Francisco Leal de Oliveira)

Certo dia, cheguei ao Angico de Cima, mas não foi o suficiente. O destino foi mais uma partida. Desde então, passo por lucubrações em torno de um percurso poético possível no meio de um caminho entre mim e Francisco Leal, entre Fortaleza e o sitiozinho lá de Aurora, no cariri cearense.

Não é tão difícil chegar. O embaraço é organizar toda a vizinhança de ideias, toda a escala de referências que me arremetem no trajeto, mesmo que entenda que talvez não seja possível, e nem é preciso, concatenar cada mínimo retalho de um processo tão fracionado. Acaba que, por isso, escrevo na aparência dessas estradas carroçáveis com que me deparo no caminho. Há curvas, bifurcações, passagens molhadas. Ora tem uns atalhos, ora tem uns arrodeios. Dá certinho.

Paro para perguntar, sigo, passo da entrada, volto, abro cancela, fecho cancela.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Ô, de casa!

Muita estrada, entrada, buraco. Sol de rachar, chuva de inverno bom e à noite. Conheci penitente, quase penitente, amigo de penitente. Falei com vó, tia, tio, primos de diversos graus. Conversei com gente na beira do caminho, marquei hora com secretário de cultura. Gente demais. Comi angu com galinha, tomei café para umas vidas, aceitei bananada sem poder.

É com isso tudo que escrevo. Meu processo de criação, que se mistura com o texto dissertativo que aqui se estende, vai carregando andanças e encontros ao sabor do texto, das palavras, no que vou tentando me fazer entender pelo caminho.

Os muitos encontros possíveis se convergem em Francisco Leal de Oliveira, penitente dedicado à escrita da própria vida em cadernos escolares. De Aurora, município onde reside, retomo, e construo, aos poucos, memórias de infância, reminiscências de viagens, visitas a familiares, contatos com penitentes. Aurora é meu lugar de tensão entre o que é, ao mesmo tempo, familiar e passageiro.

---

<sup>1</sup> Ver Apêndice D, p. 177. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

Do exercício da penitência por parte de Francisco Leal, dado o fato de serem os penitentes, para mim, desconhecidos, emergiu, desde o início do percurso, a curiosidade jornalística. Desde a transcrição de entrevistas sugeridas pelo orientador até as andanças por uma Aurora em parte desconhecida, os itinerários surgidos da busca por firmar laços com os penitentes foram, e continuam sendo, novos e imaturos. É privilégio conhecer os penitentes e reconhecer o propósito que empreendem a cada execução de bendito, genuflexão feita, oração balbuciada.

Homens simples, os penitentes de Aurora que conheci. Muito ligados ao campo, à terra, à comunidade rural. Conversei por mais tempo com Zé Carneiro, Chico Caboclo, Geraldo Caboclo e Francisco Leal. Somente com o último, guardei 7 horas, 35 minutos e 31 segundos de gravações em áudio, resultado de visitas ao Angico de Cima nos dias 28 e 29 de julho de 2018 e no dia 22 de abril de 2019.

O lado escritor de Francisco Leal completa substancialmente os elementos sugestivos desta empresa. O grande volume de escritos traz particularidade para a pesquisa e fomenta a minha maneira de escrever, trilha alguns passos na jornada. Leal escreve com avidez e coleciona pilhas de cadernos cujas pautas são rotineiramente preenchidas com conteúdo variado de poesia, crônica, carta, oração, bendito, material didático, anotação, retrospectiva e anedota, para citar os mais recorrentes.

A minha relação com os cadernos ultrapassa a de mero analista. Por se tratar de material antigo, fruto do acúmulo de anos de exercícios em escrita, o risco de deterioração é iminente. Lidar com o nível de fragilidade dos cadernos de Leal é mais um elemento sugestivo de interação com que posso contar. O livramento da poeira que se acumula anos a fio também pode se fazer poesia e entra no processo de criação como metodologia e argumento do fazer poético.

Folhear os escritos, limpando-os um a um com pincel apropriado, passeando pelas pautas azuis e, conseqüentemente, pelo conteúdo materializado na caligrafia dedicada de Leal é exercício indispensável e profícuo. O estado de deterioração avançado das folhas com que lido reforça a importância desse encontro e compreende certo peso de responsabilidade à tarefa de acondicionar, explorar e conservar todo o acervo.

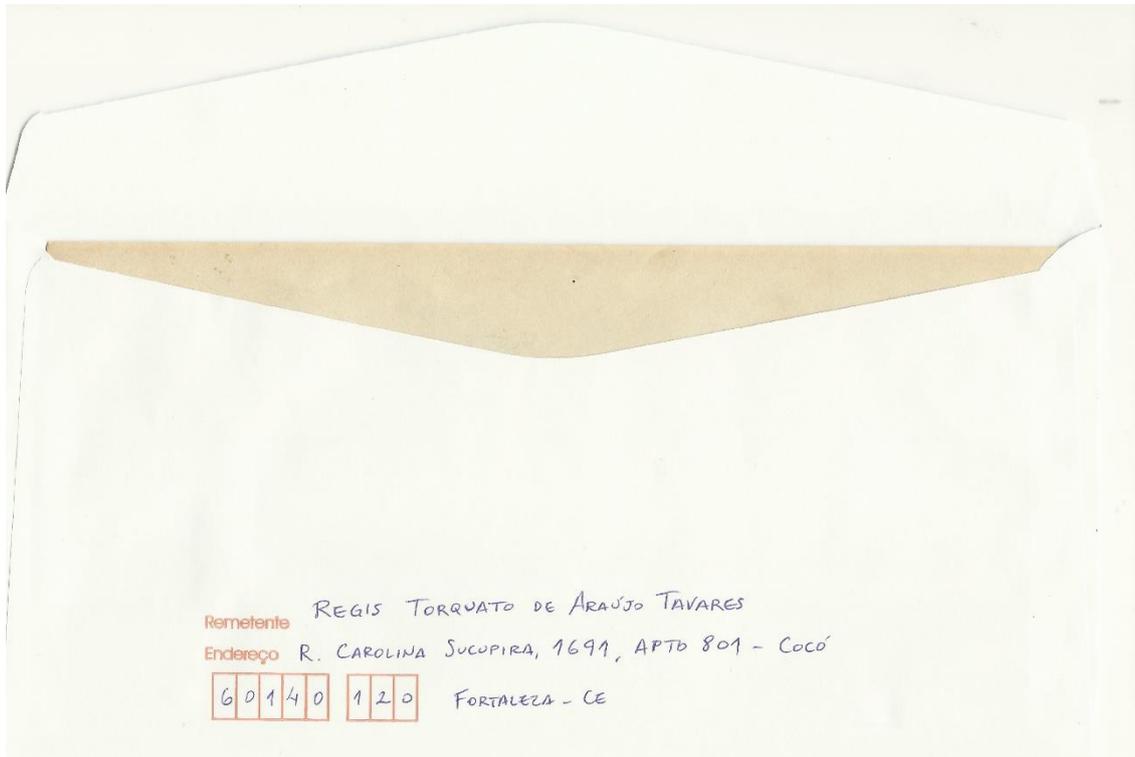
O momento desse cuidado é também momento de adentrar no universo criativo do penitente e, desse contato, buscar, no meu universo, uma escrita dialógica, também apresentada sob múltiplos gêneros textuais: crônica, conto, poema, relato de viagem, diário, receita, carta, perfil biográfico.

\*

Sombra do juazeiro  
:  
apaixona  
limpa o ar  
e faz do mundo um lugar melhor  
lufa  
lufa  
lufa  
...

\*

Ilustração 1 – Envelope: remetente



Fonte: autoria própria

Ilustração 2 – Envelope: destinatário



Fonte: autoria própria

## Ilustração 3 – O peso da poesia

ECT - EMP. BRAS. DE CORREIOS E TELEGRAFOS  
 As: 12301418 - AC IGUATEMI  
 FORTALEZA - CE  
 CNPJ....: 34028316486928 Ins Est.: 068420960

---

COMPROVANTE DO CLIENTE

---

Movimento..: 30/05/2019 Hora.....: 12:35:50  
 Caixa.....: 91879368 Matrícula...: 81788568  
 Lançamento.: 016 Atendimento: 00009  
 Modalidade.: A Vista ID Tiquete.: 1651449188

---

DESCRIÇÃO	QTD.	PREÇO(R\$)
ENVELOPE PRE-PAGO D	1	4,15+
Preço Unitário(R\$)...	4,15	
SELO REGULAR 1,00 F	6	6,00+
Preço Unitário(R\$)...	1,00	
CARTA NAO COMERCIAL	1	7,05+
Valor do Porte(R\$)...	1,30	
Cep Destino: 63360-000 (CE)		
Peso real (G).....	15	
Peso Tarifado:.....	0,015	
OBJETO.....	JU205449627BR	

---

REGISTRO A VISTA....: 5,75  
 Selo.....: 7,05

---

TOTAL DO ATENDIMENTO(R\$) 17,20

---

Valor Declarado não solicitado(R\$)  
 No caso de objeto com valor,  
 utilize o serviço adicional de valor declarado.

---

VALOR EM CARTAO DE DEBITO(R\$): 17,20  
 VALOR RECEBIDO(R\$)=> 17,20

---

SERV. POSTAIS: DIREITOS E DEVERES-LEI 6538/78

---

Ganhe tempo!  
 Baixe o APP de Pré-Atendimento dos Correios  
 Tenha sempre em mãos o número do ID Tiquete  
 deste comprovante, para eventual contato com  
 os Correios.

---

VIA-CLIENTE SARA 7.9.00

Fonte: autoria própria

## Ilustração 4 – Enfim, escrevo para o senhor

Fortaleza, 28 de maio de 2019

Caro Francisco Beal,

Enfim, escrevo para o senhor, conforme prometi durante a última visita que lhe fiz. Não se passou muito de lá para cá, mas sinto que o tempo vem correndo mais depressa nos últimos dias. Eis um assunto bastante valioso para mim neste exato momento de minha vida: como o tempo passa ou como ele deveria passar.

Não sei ainda o que dizer, conclusivamente, sobre essa sensação de sentir o tempo. Também não sei se terei algo a formular sobre o assunto um dia. Pergunto para o senhor, então: como o tempo anda passando por aí? Qual a sensação?

fá peço desculpas se pergunto coisas vagas demais. É que isso vem me inquietando de um jeito diferente. Tentei escrever sobre o assunto e nenhum filete de tinta manchou o papel.

Lembrei do senhor me contando que via alguma coisa e já dava vontade de escrever. Lembrei também que nunca vi o senhor com o bolso da camisa vazio. Sempre um pedacinho de papel de prontidão. Espalhei umas canetas aqui pela casa. Depois conto se eu passar a escrever com mais intensidade.

Espero que esteja tudo bem aí no Angico. Um grande abraço para toda a família.

Regis Jonquato de A. Soares

Fortaleza, 30 de maio de 2019

Caro Leal,

Escrevo mais uma vez, e tão logo que pude, para tratar de assunto delicado e inusitado, para não dizer afrontoso, motivado pelo serviço dos Correios, empresa na qual confiei o envio da última carta que lhe escrevi. O senhor precisava ver que tudo parecia estar na mais perfeita ordem, mais um dia rotineiro na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, não fosse um ínfimo detalhe – deslize? –, porém, não insignificante, registrado no canhoto que recebi como comprovante da postagem.

Atordoado com a constatação cabal e irrefutável do ocorrido, sequer consegui bradar a sorte de protestos que aquele funcionário simpático merecia ouvir. Simpático nada. Aquele Brito é um dissimulado. Sim, sei o nome dele. Cheguei a perguntar no calor da conversa que levávamos. Acho até que reconheceu meu perfil de moço senhor – para que diachos fui usar aquela boina tão apazível? – e resolveu se aproveitar, o descarado.

Se o senhor visse, seu Leal. Sorriso no rosto, muito solícito... Respondia a todas as perguntas na maior paciência. Deixei-me levar. Executou todo o protocolo com agilidade ímpar: abre a gaveta, pega a cartela de selos, destaca os selos da cartela, cola os selos, deixando um sempre meio torto, que é para dar aquele charme especial de carta, fecha a gaveta. Ah, o senhor devia estar lá para ver como ele colou o fecho do envelope, uma destreza só. Eu olhava para os lados, desejoso de saber se os colegas de Brito ou mesmo um cliente atento testemunhava a desenvoltura com que trabalhava.

Mas estava tudo perfeito demais. Deveria ter desconfiado antes, o que fiz apenas ao receber o papel amarelo da comprovação. Brito marcou à caneta uma seta indicando o código de rastreio do objeto. Eis que, acima deste, o dado se escancara sob os olhos que franzo de imediato.

Não que também não pese minhas palavras, seu Leal. Meço-as o tempo todo, com o senhor, inclusive. Não sei se é perceptível. Também não é questão de esconder ou disfarçar, só não vejo é motivo para entrar nesse tipo de detalhe. Voltando ao absurdo dos Correios, não enxergo qualquer justificativa, e quero, então, saber do senhor, para tamanho desrespeito com minha vida íntima. O peso da poesia, seu Leal, não é da conta dos Correios.

Quem sabe

Se continuo a recolher

Se recordo o suficiente

Não me vem o lume necessário

Talvez

O que procuro

Não esteja em baú nenhum

Se perdeu no tempo

Então

É hora de criar

Minha bagagem

Meu jeito de enxergar

## 2 ALI É SABIDO

Quem fala de Francisco Leal em Aurora, não deixa enfatizar que é homem inteligente. “Aqui no Angico, quem passou por ele no grupo escolar sabe contar bem certinho. Tudo aluno dele”, contou Tia Naidles. E Tia Nildes completou: “Era ele quem escrevia as atas das reuniões da associação. Era o secretário. Papai gostava muito dele. Confiava muito nele”.

Leal – nem sei o porquê, mas gosto de chamá-lo assim – nasceu em 1936 ali mesmo, no Sítio Angico, o de cima, do município de Aurora, Ceará. Parece que todos lá o conhecem, e não é só porque lembram do professor. Nascido e criado no Angico, Leal já acumulou muitas funções na comunidade: secretário de associação, professor e diretor de Grupo Escolar, técnico de futebol, penitente, agricultor, confidente, conselheiro... Devo estar esquecendo de alguma.

A sabedoria vem de longe. Quando passou a frequentar a escola, o filho de Maria Dária Leal e Raimundo José de Oliveira já sabia ler, escrever e contar. Nina, Ziza e Rosalba, as professoras de sítio, só complementaram os estudos que se iniciaram muito cedo em casa, com o incentivo dos pais e do avô materno Conegundes da Silva Leal.

– Meu avô foi o primeiro professor da comunidade. Hoje existe o Doutor Chico Lobo e o Padre José Gonçalves Landim que não negam.<sup>2</sup>

Os estudos eram prioridade, mas sobrava tempo para brincar de cavalo-de-pau, esconde-esconde, cobra-cega. Nas férias, é que os quatro irmãos, todos homens, ajudavam mais o pai nos afazeres, que podia ser cortar moita, cortar fardo de algodão, catar o algodão. Dentro de casa, todos se revezavam também:

– Lá em casa, não tinha mulher, não. Um botava a água, outro moía o milho, outro varria a casa, outro pilava. Ali era decidido e cada um fazia aquilo designado.<sup>3</sup>

Leal ainda estudou por dez anos no sítio, mas foi obrigado a frequentar uma escola na cidade para garantir o “papel”. No sítio, não se emitia certificado. Seu José Joaquim acordava ainda na escuridão para dar tempo tirar o leite da vaca e selar o burro que conduzia o filho até a escola da cidade. O exemplo do pai, Francisco Leal carrega para sempre.

– A verdadeira escola que existe é a casa do pai. Daí para frente, o professor vai só aprumando.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Ver Apêndice D, p. 173. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>3</sup> Ver Apêndice D, p. 176. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>4</sup> Ver Apêndice D, p. 174. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

Inquieto, também foi apurando as coisas no sítio. Botou na cabeça que as crianças precisavam de educação formal, vendo nesse intento uma maneira de aumentar a qualidade de vida da comunidade. Por conta própria, arrumou uma casa para as aulas acontecerem e contratou uma professora para ensinar, ideia que vingou, mas logo demandou estrutura maior.

Foi ele quem requisitou, então, um Grupo Escolar para o Angico de Cima. Francisco Bezerra Santos, o prefeito à época, seu compadre, recebeu o pedido e, assim, atendeu. Quinze homens levantaram o prédio que ainda hoje é motivo de orgulho para Francisco:

– Nesse sítio, somente uma pessoa não aprendeu comigo, mas porque não morava aqui. Foi nesse Grupo onde eu deixei a marca.<sup>5</sup>

Se esse feito, e tantos outros, poderia encher o educador de vaidade, não noto tais sinais em seu discurso. Mais de uma vez, quando conversamos, depois de contar uma façanha digna de livro, Leal reitera o mesmo ditado:

– Porque é aquilo que eu digo: Deus não me deu o que eu pedi, mas me deu o que eu preciso.<sup>6</sup>

Se pergunto, enfim, do que precisa, capaz de não saber responder, não sei se por confiar a Deus tais desígnios ou por julgar as próprias necessidades complexas demais para formular. Difícil é imaginar assunto ou pergunta que Leal não tenha dado atenção. Aos oitenta e dois anos, parece manter a mente inquieta, desejosa de novas informações a todo instante. Parece esparramar seus saberes em cadernos por um exercício inevitável de escrita, por não conseguir organizar as ideias de outro jeito. Digo que esparrama porque a sala de estar entrega o destino imprevisível dos escritos, que se aprofundam em cada canto de mesa, prateleira, pasta ou *rack* de televisão.

– Eu vejo alguma coisa, já me dá vontade de escrever. Pego um papel e vou fazer aqui – explica, desenhando com as mãos o movimento de catar um pedaço de papel do bolso da camisa.<sup>7</sup>

Seria por esse motivo o uso recorrente de camisas de botão com bolsos? Se tivesse coragem, perguntaria se tem alguma camiseta no cabide do corredor.

---

<sup>5</sup> Ver Apêndice D, p. 174. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>6</sup> Ver Apêndice D, p. 174. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>7</sup> Ver Apêndice D, p. 177. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

Talvez na beira dos campos de futebol de várzea, a camiseta lhe caísse. Porque Leal também exerceu a função de treinador de futebol. A história começou no colégio em Aurora. Foi meio que à força:

– Em 1955, quem jogasse bola, ganhava ponto. E quem não jogasse, o professor não dava ponto.<sup>8</sup>

Foi o jeito jogar bola. Não tinha o menor costume nem nunca teve. E não é de se admirar que Leal, que sempre demonstrou o espírito de liderança que lhe é característico, logo tenha escapulado de dentro das quatro linhas para se aventurar em palavras de motivação e organização tática. Nessa altura, o prefeito “B. de Santos”, o mesmo que concedeu o Grupo Escolar para o Angico, convenceu o compadre das benesses do futebol de maneira bastante didática, alegando que a educação também está no esporte bretão. Era o que faltava para o lado educador aflorar nas estratégias dos campinhos:

– O futebol é onde está a educação. Lá você conhece o homem. O que não quer dar a bola para o companheiro, é do mesmo jeito em casa, só quer as coisas para si. No futebol, você derruba um e, quando acaba a partida, os dois ainda são os mesmos amigos. E se derrubou alguém, oferece a mão para o cabra se levantar. Assim, a educação vem do futebol.<sup>9</sup>

Não dá para discordar. A voz empostada do professor – como são chamados muitos técnicos de futebol no Brasil – deve ter aprumado muito jogador pela Aurora e redondezas. Imagino só o time chegando e arrodando o campo, como numa arena romana. O goleiro, carregando a bola do jogo, na frente, e o restante dos escalados logo atrás, impondo o respeito a todos os presentes num ritual irrepreensível.

– Lá vem a seleção – até a torcida adversária reconhecia.

Não devia ser só pelo ritual que ganhavam muitas partidas. A sabedoria do treinador para o esporte era fundamentada.

– Aprendi tudo nos livros. Levava o livro explicando tudinho. Não é camisa que faz futebol. Quem faz futebol é o interesse de quem vai jogar, porque camisa não faz futebol. Quem não sabe jogar de bandinha assim com o pé, não sabe jogar futebol. Os times apanhavam.<sup>10</sup>

– Lá vem. Lá vem a seleção.

– Pronto. Era assim.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Ver Apêndice D, p. 185. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>9</sup> Ver Apêndice D, p. 185. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>10</sup> Ver Apêndice D, p. 187. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

<sup>11</sup> Ver Apêndice D, p. 187. Em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

Pois foi. Francisco foi muita coisa na vida, mesmo. E, pelo depoimento de muitos, procurou ser o melhor de si em todas as atividades que desempenhou: em casa, na escola, na roça, no beiral do campo. Também nos cruzeiros, nas casas daqueles que pedem uma cura, alcançam uma graça ou buscam a salvação de um ente que morreu.

O exercício da penitência confere a Francisco Leal uma investidura particular, pessoal, mas que repercute e se entranha na tradição da população camponesa, na igreja rural laica, na vida simples e sofrida do sertanejo.

Os penitentes trabalham em grupos formados, tradicionalmente, por homens. A irmandade, como costumam chamar, dedica-se a rezar em vista da salvação espiritual da humanidade. Têm rito próprio e um modo de agir, dentro e fora da irmandade, baseado em disciplina e compenetração.

Com indumentária uniforme, usando opa e barrete, reúnem-se sob a liderança de um mestre – chamado de decurião – e sempre à noite, parando em cruzeiros espalhados pela estrada e nas casas daqueles que chamam por seus trabalhos. Tradicionalmente, a prática da penitência é acompanhada da aplicação da disciplina, a autoflagelação, mas seu uso, hoje, em Aurora, é limitado a depender do grupo, como menciona o próprio Leal<sup>12</sup>, que entrou para a irmandade ainda muito jovem, aos onze anos de idade, por influência do pai, José Joaquim, que era decurião.

Nesse tempo, era tudo muito fechado para a comunidade. Ninguém de fora da irmandade podia saber quem era penitente. Seu Joaquim, inclusive, conta o filho, passou dezessete anos praticando a penitência sem que os irmãos soubessem, todos morando sob o mesmo teto.

Notando o pai sair de casa na alta noite e se impressionando com o sangue das disciplinas salpicado nas paredes da casa, o menino, de curioso, passou para penitente. Essa iniciação de pai para filho era comum, tanto que, depois, Leal acabou herdando o decurionato. Hoje, são outros tempos. Os grupos da irmandade em Aurora vão minguando na medida em que seus mestres morrem ou ficam impossibilitados, pela idade, de assumir compromissos tão estafantes.

Dos seis filhos com a esposa Terezinha, já falecida, os três homens parecem não seguir o legado da família, o que enche Leal de lamento.

– Quando eu desaparecer, não tem um filho que assuma.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Informação também encontrada em Cícero (2007a).

<sup>13</sup> Ver Apêndice B, p. 125. Em entrevista concedida ao autor em 28 de julho de 2018.

Sim, são outros tempos. Das dezenas de grupos de penitentes que Aurora se destacou por conservar no passado, hoje, sobram dois ou três que atuam com regularidade.

Não é fácil ser penitente, e não é de hoje. Quem assume o compromisso, tem que demonstrar seriedade e retidão. Se passa o dia inteiro trabalhando na roça, o caso da maioria, deve se mostrar disposto para uma noite de caminhada, orações e sacrifícios. O penitente não pode consumir bebida alcoólica em dia de reza, não pode andar armado, não pode ter medo de chuva nem de frio. Muitos não se dão.

– Eu tiro renovação, tiro novena, uso de palavra do jeito que for, faço poesia. Tudo o que quiserem, eu faço, mas nunca me deu uma dor de cabeça andando de penitente. Nunca me viram dizer que adoeci andando de penitente.<sup>14</sup>

Quem passa um tempo com seu Leal, minutos que sejam, acredita piamente na sua saúde e disposição. Se os tempos de sala de aula e de futebol acabaram como atividade e rotina, o papel de conselheiro do Sítio Angico vem ocupando os dias. É o tempo todo chegando gente para se sentar na sombra do juazeiro, no terreiro da casa, seja para uma consulta ou para uma conversa descontraída regada a café fresquinho.

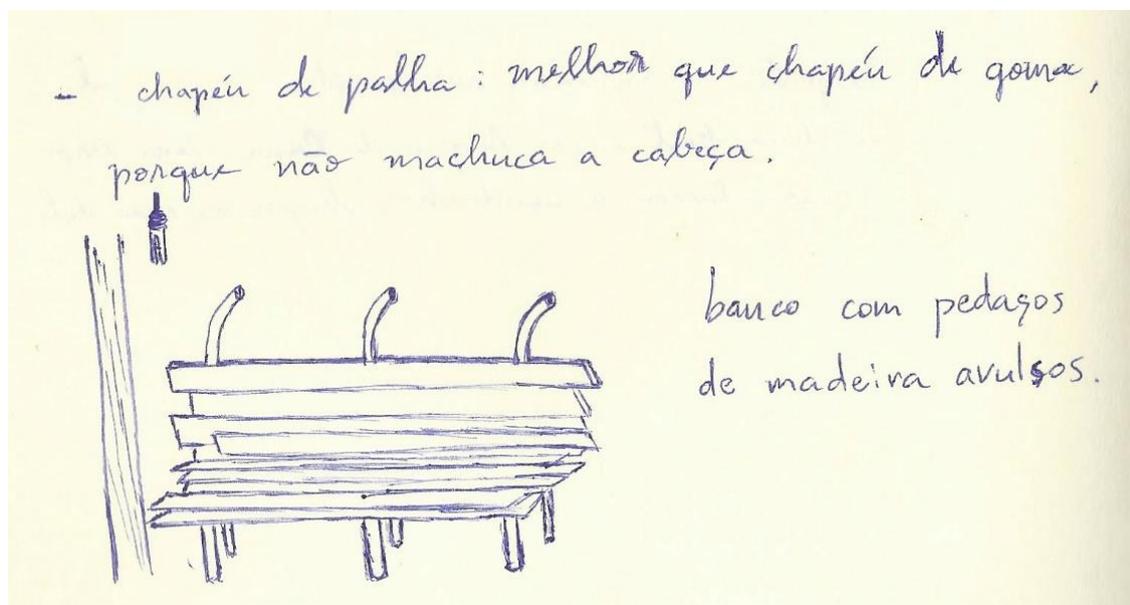
Se o tempo não é para conversa, o pé de Juá também serve de escritório. Hora de pegar um livro para aprender coisas novas, munir-se, quem sabe, de informações para o próximo texto de retrospectivas ou mesmo para o próximo poema.

Melhor deixá-lo curtir essa brisa do açude aqui, quietinho, que já passa da hora do almoço e devo estar incomodando. Outro dia, eu volto, seu Leal. Antes disso, eu lhe escrevo.

---

<sup>14</sup> Ver Apêndice B, p. 124. Em entrevista concedida ao autor em 28 de julho de 2018.

Ilustração 5 – Banco no terreiro



Fonte: autoria própria

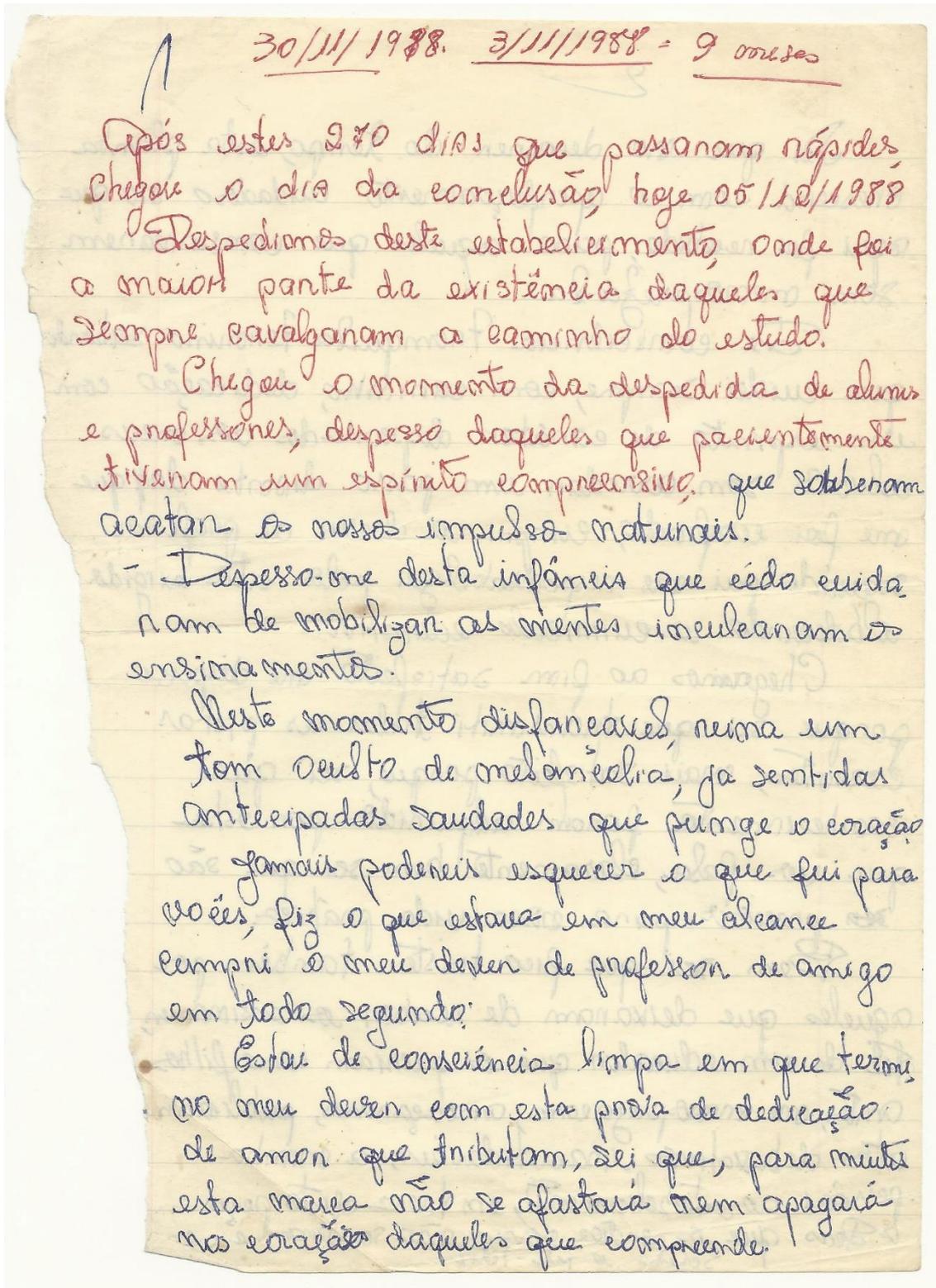
Página do caderno de ideias e partidas usado para anotações de noções repentinas e entendimentos instigantes.

Ilustração 6 – Francisco Leal de Oliveira

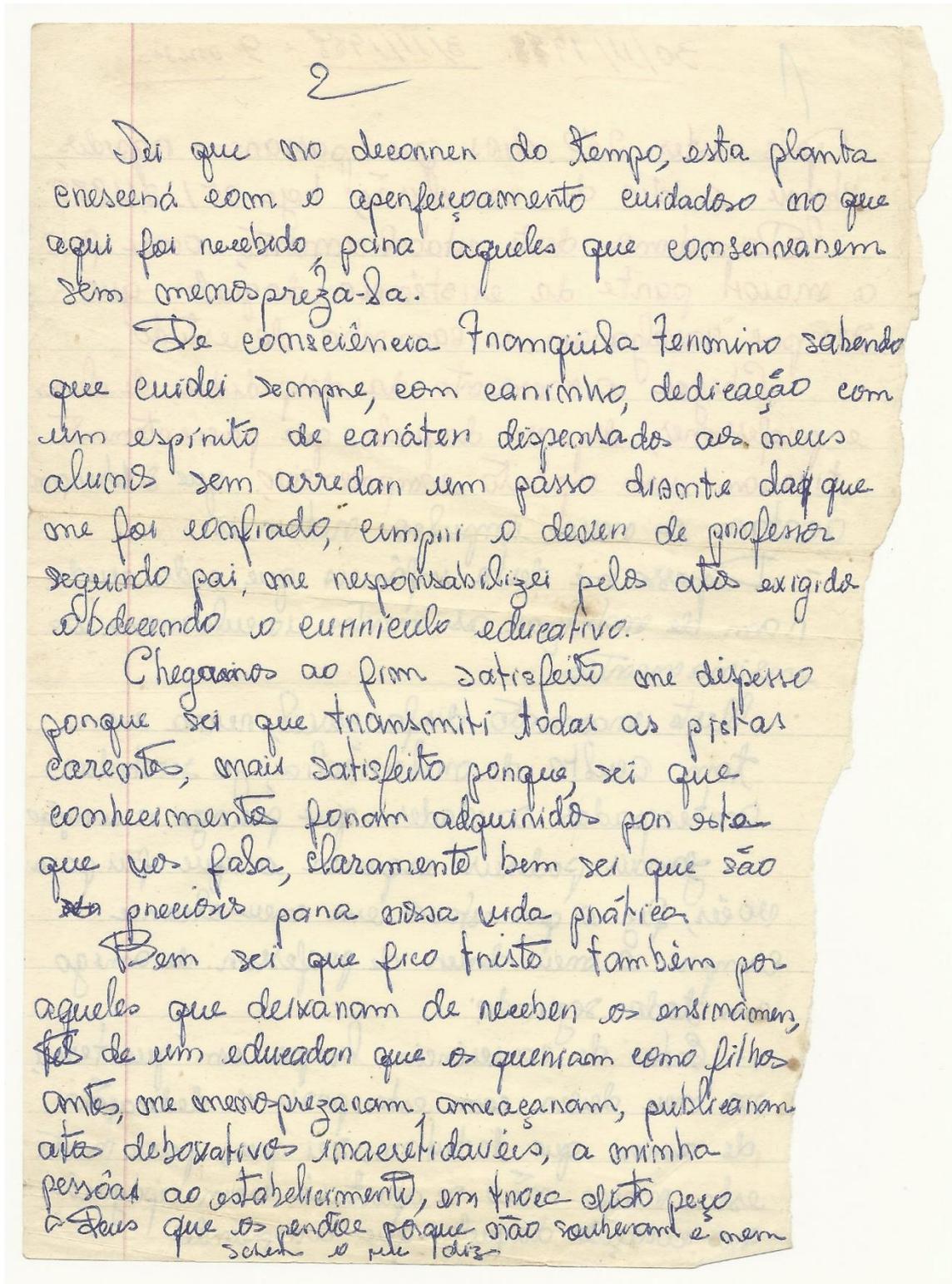


Fonte: autoria própria

Ilustração 7 – Discurso de encerramento: parte 1



## Ilustração 8 – Discurso de encerramento: parte 2



Fonte: caderno de Francisco Leal de Oliveira



### 3 UM ENCONTRO INESPERADO: COMO CHEGUEI

Não fazia ideia. Desconhecia a existência dos penitentes. Quando li o *Artes da Tradição: mestres do povo*, de Carvalho (2005), voltei-me para o autor – o jornalista, o pesquisador e suas técnicas. A intenção era entender o processo de feitura dos perfis ali escritos.

Ilustração 9 – Folha de Rosto: dedicatória



Fonte: autoria própria

“Para Régis, uma visita ao Ceará mais profundo. Abraços / Gilmar de Carvalho / Fortaleza, 28/08/2014”

Li tudo com o maior esmero, paulatinamente, e fui percebendo a identificação dos personagens ali presentes com o meu próprio repertório de Ceará, da nossa cultura popular e tradição. As páginas margeadas, a lápis, de grifos, anotações e referências entregam o interesse com que li alguns trechos. Era mesmo um Ceará profundo e, de alguma maneira, as pessoas ali retratadas e perfiladas, patrimônios imateriais, eram familiares a mim: o “pife” de seu Alfredo em Viçosa do Ceará, a forja de Ferreirão em Crateús, as esculturas de Manuel Graciano em Juazeiro do Norte, as rabecas de tantos artistas espalhados pelo estado.

O perfil de Joaquim Mulato, penitente de Barbalha, no Cariri cearense, me intrigou de forma particular, pois, ao menos no meu próprio Ceará profundo, não havia nenhum penitente. Nas inúmeras andanças no Cariri dos meus avós, nunca ouvi falar de homens encapuchados perambulando na calada da noite em busca de expiar pecados.

Assim fui apresentado à tradição dos penitentes. Dei-me conta, então, de que existiam. Não era coisa do passado medieval. Homens se juntam, “rezam o terço, se embrenham mata adentro, em busca dos cruzeiros perdidos e dos cemitérios. Lá, com capuzes e opas, usam o ‘cacho’, lâminas de metal com que se auto-flagelam”. (CARVALHO, 2005, p. 142)

Como já mencionei, a história de Joaquim Mulato me intrigou. Remoí por um tempo o *modus operandi* dos penitentes... Sair à noite em busca de cruzeiros, cantando, flagelando-se... À época, minha espiritualidade – católica, mas muito introspectiva; jesuíta demais? – não dava conta de toda a operação. A falta de maturidade que ainda hoje tenho para entender certos mistérios da fé era, em 2014, talvez, mais manifesta. Sempre que possível, tento assumi-los de vez, os mistérios. Como exercício, de vida e de pesquisa, tem valido um bocado.

*“Eis o mistério da fé  
Todas as vezes que comemos deste pão  
e bebemos deste cálice”<sup>15</sup>*

Indo adiante no *Artes da Tradição*, vieram *luthier*, *rendeira*, *cordelista*, muitos outros mestres da cultura. Segui em frente. Foi preciso deixar Joaquim Mulato páginas atrás. Ao final do livro, já sabia que Mulato morrera em 2009 e a dúvida se existiam muitos como ele, penitente, pairou em minha cabeça como nuvem “bonita pra chover”.

---

<sup>15</sup> Parte da resposta dos fieis durante a oração eucarística da missa católica.

O projeto de pesquisa pretendido acabou não vingando, mas, por uma ironia misteriosa – todas as vezes que comemos deste pão? –, foi falando dele que me vi novamente sombreado pela mesma nuvem nebulosa dos penitentes, tema ainda bastante obscuro. Conversando com o professor de semiótica, agora orientador, nos corredores da Universidade, já em 2015, fui apresentado a sua pesquisa com os penitentes do Cariri cearense.

Generoso, o professor passou um bom tempo a explicar todo o processo de envolvimento com os penitentes, o que havia realizado até então e o que precisava realizar. Fiquei envolvido, desde ali, no novo projeto que estaria por vir. Guardo até hoje as palavras de incentivo que me chegaram nesse dia e todas as recomendações de leitura passadas dias depois, quando iniciamos, assim considero, mesmo que de forma isolada, as orientações de pesquisa. Entendemos, desde o início, que seria interessante unir, aos penitentes, a *performance* e a poesia.

– Se não tiver tempo de ler tudo, começa pelo Zumthor...

Outro entendimento era de que meu caminho de pesquisa havia de passar por Aurora, município do Cariri distante 460 quilômetros de Fortaleza, aproximadamente, onde a prática da penitência ainda consegue se manter viva. Talvez não tenha demonstrado ao orientador todo o meu entusiasmo por estarmos falando de um lugar tão familiar a mim, já que Aurora e sua vizinhança, Lavras da Mangabeira e Barro, compreendem a tríade conterrânea dos Torquato de Araújo Tavares.

A partir desses primeiros contatos com a pesquisa, tracei três pontos de interesse: 1) os penitentes ; 2) o conceito de *performance* alinhado com a escrita e a poesia; e 3) Aurora: o lugar; o ambiente. Explorar cada um desses pontos determinou o início do processo e serviu de alicerce para os desdobramentos que surgiram.

Comecei, sim, por Paul Zumthor, que fundamentou minha compreensão sobre o que mais desconhecia. Se a pretensão era criar pela escrita, precisei especular como daria forma a um texto forjado a partir da escuta, do contato, do diálogo – fatalmente, o processo me faria aterrissar nos encontros. E, gravitando no universo dos penitentes, é importante, assim entendo, lidar com a tradição oral e com a transmissão oral – “a primeira se situa na duração; a segunda, no presente da performance” (ZUMTHOR, 1993, p. 17).

Considereei, então, no processo, essa diferença apontada por Zumthor. O envolvimento paulatino com a pesquisa me instigou a explorar uma escuta qualificada, num exercício consciente do que poderia ser aproveitado como criação narrativa. O afã de escrever

pelo caminho foi mais possível à medida que enxerguei a *performance* nos vários encontros, esperados ou não: a *performance* como

a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário, circunstâncias (quer o texto, por outra via, com a ajuda de meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição. (Zumthor, 2010, p. 31)

Colocando foco nesses confrontos citados por Zumthor e, mais além, buscando uma relação deles com os objetivos aqui pretendidos, assumo o desejo de despertar um momento de recepção único, pessoal e provocador de sentidos particulares a ponto de não podermos mais distinguir tão claramente o papel do ouvinte/leitor quanto à *recepção* ou *coautoria* (Zumthor, 2010). Nesse ponto, preciso explicar que não é intenção, longe disso, aprofundar-me nos estudos de recepção, mas coloco que a encaro também como o mesmo Zumthor (2014, p. 52) quando escreve que

a performance é então um momento da recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido. Quando do enunciado de um discurso utilitário corrente, a recepção se reduz à performance (...) Uma das marcas do discurso poético (do "literário") é, seguramente, por oposição a todos os outros, o forte confronto que ele instaura entre recepção e performance.

Estendo, portanto, essas relações ao meu fazer poético também. Minha maneira de escrever – de inventar, de criar – leva bastante em conta, reitero, a escuta. Falo do apreço por sentar à sombra de um juazeiro e, sem pressa, voltar toda a atenção para o que um penitente tem a contar; ou por me encontrar numa roda de debulhar feijão e rir das histórias de trancoso; mais ainda por ajuntar toda essa escuta num processo de criação na escrita.

#### 4 UM ENCONTRO ESPERADO: A PROCURA POR FRANCISCO

Quaresma de 2018. Chegava a hora do contato imediato. Quarenta dias de espera. Um deserto? Nessas horas, não fico muito ansioso. Me preparo, claro. Repito diálogos na cabeça, tracejo mapas, programo os horários todos certinhos... Hora de acordar – sempre antes do despertador –, de partir e de chegar. Com limites. Resolvi não me ater a tantos pormenores.

– Eu vou sem muita pretensão. Eu quero é conhecer, conversar, sentir o clima.

– *Flâneur, é?* – senti a ironia – Não caia nessa. Vá e registre tudo o que puder.

Filme, fotografe, anote. Vai se arrepender se não o fizer.

Ri contidamente com a história do *flâneur*, lembrei até de João do Rio. Posso ter romantizado demais a pesquisa de campo. É que tem uma tenuidade ali, entre o programar e ver no que dar, que, se programo um tiquito demais, tenho medo de deixar de ver certas coisas. Medo besta, sei. Se anoto cada pergunta pretendida, fico preso mais do que gostaria naquilo e vem um grau de comprometimento com o executar que se sobressai demasiadamente. Amadorismo. Sei.

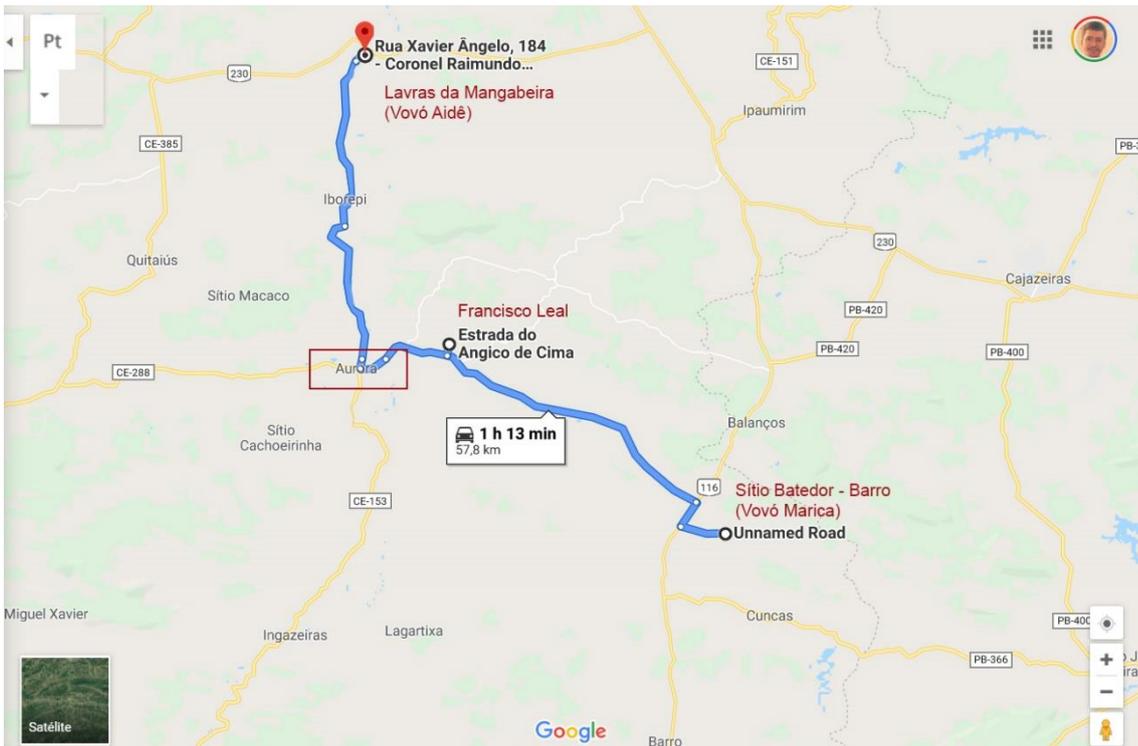
O orientador tinha razão. Flanar não me ajudava tanto. Sair todo errante e despreparado faria muito bem a meu espírito desbravador e fujão, mas iria fragilizar, mais ainda, o *modus operandi* acadêmico traçado até então. Fiz o que estava ao alcance e sob minhas posses. Caderno sem pauta, gravador, câmera fotográfica, tripé.

– Procura o Chico Caboclo. É um homem muito sábio e escreve bastante. Você vai gostar de conhecê-lo.

A recomendação era precisa e senti a responsabilidade de recebê-la. O penitente talvez fosse a chave da pesquisa e precisava mesmo de uma. Tinha poucas informações. Diz que Caboclo morava na Malhada Funda, em Aurora. Tranquilo. Nunca havia ido à Malhada Funda, mas já havia chegado bem perto. Passei as férias da minha vida andando por essas bandas.

Situo geográfica e genealógicamente: mamãe nasceu no município de Lavras da Mangabeira, papai no município de Barro. Eis que Aurora tratou de separar os dois, os municípios. De tanto frequentar Lavras e Barro, e não só por isso, cortei Aurora muitas vezes nesse pêndulo marcante dos meus dias de férias.

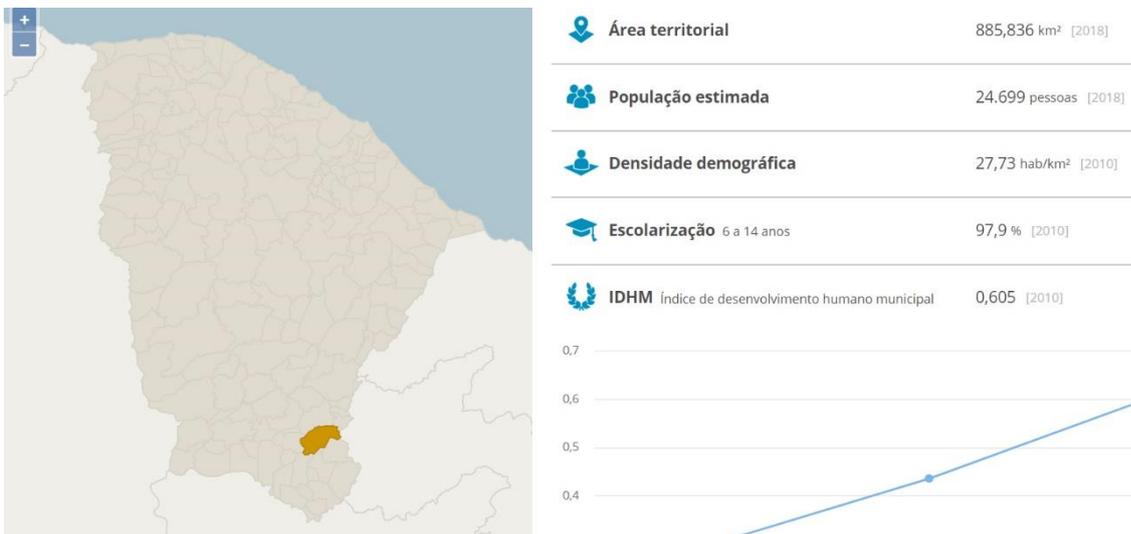
Ilustração 10 – Entre avós maternos e paternos, o Angico de Cima.



Fonte:

Google Maps

Ilustração 11 – Localização geográfica de Aurora no território do Estado do Ceará e índices do município.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/aurora.html> . Acesso em: 31 maio 2019.

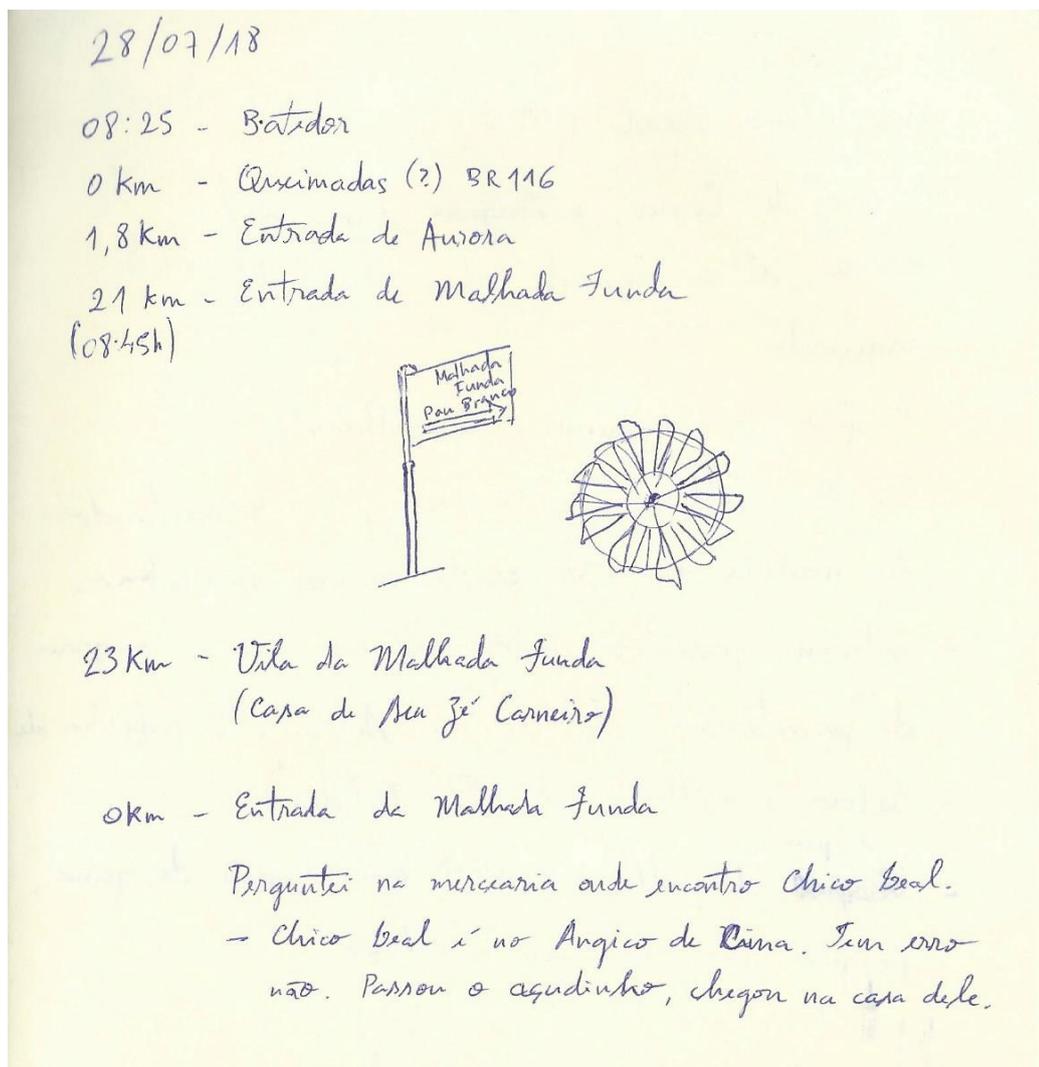
– Mãe! Pai! Vamos primeiro para Lavras ou para o Barro?

Pergunta certa uns dias antes de pegar a estrada. Claro que cada um puxava, o quanto podia, para sua preferência. Era sempre um motivo para negociações. Natal em um, ano novo em outro. Primeiro aqui, depois ali, e volta num, depois noutro.

E Aurora não é só o elo entre as origens dos meus pais. Há muitos familiares – dos dois lados da família, até – por lá. Minha vó materna, mesmo, Aidê Torquato, é aurorense, do Sítio Jitirana. Então tem uma imensidão de tios e primos por onde se anda. O clima, o jeito de falar, o Rio Salgado, é tudo muito familiar, o que, de certa forma, traz conforto para os percursos da pesquisa.

#### 4.1 O Angico de Cima

Ilustração 12 – Primeiro, Malhada Funda; Angico em seguida.



Fonte: autoria própria

Página do caderno de ideias e partidas usado para anotações de noções repentinas e entendimentos instigantes. Em detalhe, a mania de calcular tempo e distâncias.

– Zé Carneiro contou em março que andou muito com Francisco Leal nas rezas. Talvez me ajude a encontrar a casa do amigo penitente – pensei.

A Rodovia Orlando Leite de Macedo, a CE-288, é minha referência. Ela se inicia na BR-116, a dois quilômetros da entrada do Sítio Batedor, e segue até a zona urbana de Aurora, a rua, como o povo fala.

– Vai descer pra rua?

A estrada é estreita e sinuosa. Nada de acostamento. O bom é que quase não tem trânsito – vai ver a proibição de caminhões grandes no perímetro urbano mais a frente desencoraja uns tantos. A atenção fica para os pedestres caminhando na beirada e, vez ou outra, os animais que atravessam a pista em busca de pastos melhores. Se for devagar, o que é, nesses casos, prudente e recomendável, dá para escutar o aboio e o tilintar meio baço dos chocalhos ao fundo. O pano vermelho vai limpando a paisagem e a boiada passando.

– Sempre acho bonita a comunicação no trânsito quando a gente pega a estrada!

Mamãe sempre comentou nas nossas viagens sobre a beleza da interação rodoviária. Quando pequeno, não comungava de toda essa beleza, não. Franzia a testa pensando no perigo que é viajar de carro ou ônibus numa estrada cheia de motoristas inconsequentes. Mas tem sua beleza, sim. Hoje reconheço. Passou pela estrada, rodovia grande ou carroçável, e viu um pedaço de tecido vermelho hasteado, muita atenção. Lugar de passagem de animais. Aliás, numa carroçável, essa sinalização rubra é subtendida a cada curva. Eles passam muito serenos, todos conformados com o trajeto diário infalível curral-pasto-curral. Os passos são lentos, mas a travessia é curta. O rebanho, também, não costuma ser grande por ali.

Passam gados, ovinos, cachorros correndo, mulheres de bicicleta, uns meninos deitados sobre motocicletas. Sigo na CE-288 e, no quilômetro dezoito, o Motel Sedução acusa a proximidade. Logo em seguida, do lado direito, surge a entrada da Malhada Funda. A placa gasta e o cata-vento tombado por trás da cerca escancaram a paisagem meio desleixada do local. Tudo bem, é só a entrada. Alguns poucos quilômetros à frente, surge uma vila simpática com direito a capela e pracinha. Zé Carneiro mora em frente à praça, numa casa recuada em relação à rua.

– Ô, de casa?

Chamo umas três vezes – é de lei – e nada. A porta está mesmo fechada. Na outra vez que apareci, também de surpresa, a porta esteve sempre aberta a receber o vento leste.

Ilustração 13 – O penitente Zé Carneiro exibindo a guia



Fonte: autoria própria.

O registro é de 31 de março de 2018 na ocasião de uma primeira visita a Zé Carneiro.

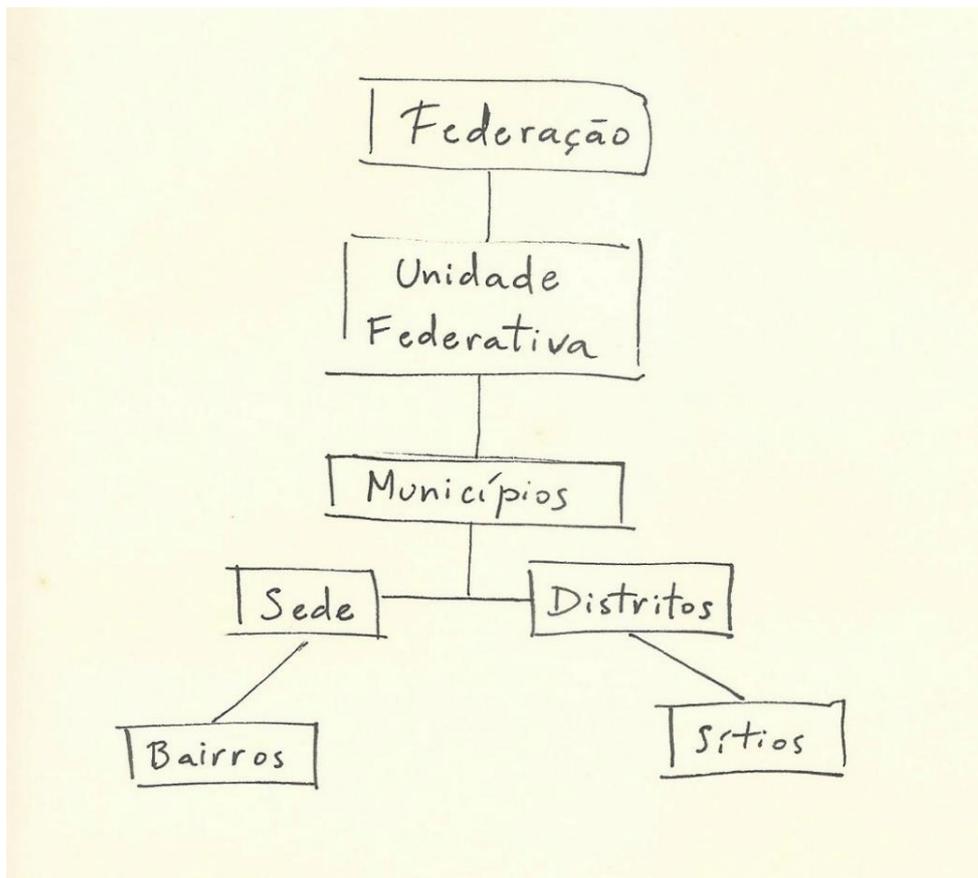
– Ele saiu! – gritou um lá da mercearia há alguns metros – Foi pra rua.

Foi pra rua. Estavam uns três reunidos numa conversa boa de pé de mercearia.

– Ô, que pena. Mas tudo bem. Não tinha avisado, mesmo, que viria. Agora, se vocês puderem me ajudar... Estou procurando a casa de Chico Leal, daqui do Angico. Parece que ele mora aqui próximo e contava com a ajuda de Zé Carneiro para encontrá-la. Vocês conhecem Chico Leal?

Não tem erro  
Próxima entrada  
Uma guarita  
Depois do açude  
Chegou

Ilustração 14 – Como imagino que seja a subdivisão territorial brasileira.



Fonte: autoria própria

Página do caderno de ideias e partidas usado para anotações de noções repentinas e entendimentos instigantes.

Parecia fácil. Na entrada seguinte a da Malhada Funda, encontrei a guarita do lado direito da pista. Já era o final do quilômetro dezenove da rodovia, passando a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Tarcísio Gonçalves de Oliveira. Quando li o *Gonçalves*, me perguntei se era parente. Talvez um distante. Avistei a cruz instalada no canto esquerdo do portal e logo lembrei da indicação de um tio lá do Angico de Baixo. Ele havia mencionado essa cruz como referência para o de Cima.

Na zona rural, ao menos naquela região, isso é bem comum. Tem o sítio de cima, o do meio e o de baixo. Encostados um no outro, mesmo nível de altitude, mas o de baixo fica mais próximo da zona urbana.

– Vai descer pra rua?

Ilustração 15 – Entrada do Angico de Cima a partir da Rodovia Orlando Leite de Macedo



Fonte: autoria própria

Ilustração 16 – Cruz presente na entrada do Angico de Cima



Fonte: autoria própria

Um quilômetro adentro em carroçável, parei em frente ao Bar 2 Irmãos – *Wi Fi Grátis* – e me certifiquei se estava no caminho correto.

– É só passar esse açude aí em baixo. A casa fica logo depois. Tem um juazeiro do lado.

Tem açude dos dois lados do trecho. Era mês de julho de um ano fraco de chuva, mas ainda tinha água. Em seguida, uma subida. À esquerda, no alto, uma cancela azul emoldurando uma casa com alpendre frontal.

– Ei... – o homem que havia me orientado há pouco gritava do outro lado do açude.

Não compreendia o que queria dizer. Estaria Chico Leal ausente? Persegui o mesmo intento e me aproximei ao pé da cancela.

– Ô, de casa? – batendo palma, pelo costume e por sempre achar que a voz nunca ecoou muito fortemente.

Não havia ninguém, realmente. E o homem não parou de gritar um instante. Fiquei preocupado e confuso. Me convenci de que precisava voltar e falar com ele mais de perto, mas, por sorte, entendi o recado. Estava na casa errada. Chico Leal morava mais acima, na morada seguinte.

\*

No colégio, logo que voltávamos das longas férias, a professora sempre pedia para descrever o apanhado dos dias de folga. Ficava frustrado por não conseguir descrever a paisagem rural a que me dedicava por dias a fio.

Professora, a casa fica no meio do mato. Não tem nem vizinho. É uma casa aqui e a outra lá acolá. Isso no Batedor, onde moram meus avós paternos. Em Lavras é diferente. Fica na cidade. Mas o quintal tem roça e tem baixio cheio de bananeira e mangueira, tudo na beira do Rio Salgado, que deságua no Rio Jaguaribe lá em Icó...

## 5 O CEARÁ OITOCENTISTA DOS PENITENTES DA VENDA GRANDE

– Mãe, a Marcela encontrou um livro com umas aquarelas e desenhos do século XIX que tem até desenho do boqueirão de Lavras. É o primeiro desenho que tem, o do boqueirão. Olha, foi um achado e tanto. A gente tava numa oficina sobre a Comissão Científica de Exploração. A senhora conhece a história dessa comissão? Foi um empreendimento gigantesco, com envolvimento, inclusive, do Museu Nacional, esse que queimou recentemente, no Rio de Janeiro. Eles exploraram o interior do Ceará todo registrando os acidentes geográficos, o curso dos rios, a flora, as pessoas, a cultura... Eram naturalistas. Tinha botânico, zoólogo, médico, desenhista... O rapaz que estava dando a oficina tem muito interesse no assunto e levou muitos livros. E tinha esse com aquarelas e desenhos de José dos Reis Carvalho. Mãe, tem desenho dos penitentes, das disciplinas que eles utilizavam na época... Desenhos de 1859. Quando a Marcela me mostrou, nem acreditei. Fiquei foi com vergonha, porque eu me concentrei nesse livro e nem liguei mais pra oficina. Foi... Foi totalmente por acaso. E não é só isso, não. Junto do desenho, tem um trecho de um diário escrito por outro membro da comissão, o Francisco Freire Alemão, que escreve sobre como surgiram os penitentes na região. Aí começou a aventura, porque esse diário também estava lá sobre a mesa, só que era outra edição. A página referenciada não batia. Era a turma conversando, me chamando para bater umas fotos, e eu folheando o livro no sentido de encontrar o trecho que falava dos penitentes. E havia dois volumes do diário. Não pensei duas vezes. Fui lá, página por página, passando a vista bem rápido, até que encontrei o mesmo trecho já no final de um dos volumes. Mãe, ele fala de Lavras, fala que encontra os penitentes em Lavras. Tem muita informação. Aí tem um trecho do diário que eles saem de Lavras e seguem na ribeira do Rio Salgado e vão para um povoado chamado Venda. Fiquei pensando se isso não é em Aurora. A senhora conhece algum lugar chamado Venda ali perto? É mesmo? Não estou nem acreditando. O papai? Quando eu li que eles foram visitar esse povoado perto de Lavras acompanhando o Rio Salgado – ele ainda escreve que atravessaram o rio uma ou duas vezes –, parecia que eu estava lá na expedição, chegando em Aurora. Eu fico imaginando: e se eu não conhecesse Lavras, o Rio Salgado, Aurora? Ia passar batido por isso tudo. Ainda mais quando se fala de um lugar chamado Venda. Quer dizer que o povo de Lavras ia fazer a feira em Aurora, é? Pra senhora ver... Pesquisar também é explorar, não é? Vasculhar, andar, achar, perguntar. É... Eu fico todo empolgado seguindo essas linhas. E todo esse processo também vai entrar na pesquisa. Não tem como separar. Eu até prefiro misturar.

Faz parte. O desafio é achar a maneira de apresentar, de escrever. Eu preciso escrever sobre os penitentes, sobre os cadernos do seu Leal, lá do Angico, e também sobre o meu encontro com todo esse universo, né? Não sei como ainda, mas a pretensão é essa. Eu sei, é porque é difícil, mesmo. Mas valeu demais essa consultoria, viu? Depois eu mostro à senhora o desenho do Boqueirão. Cheiro, mãe. Manda um beijo pro papai aí.

Ilustração 17 – Capa de “Aquarelas & Desenhos do Ceará oitocentista”



Fonte: autoria própria

Fotografia registrada em 04 de maio de 2019 durante a oficina “CADERNOS DE VIAGEM, HISTÓRIAS DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE EXPLORAÇÃO - 1859-1861”, com Ícaro Lima, na Caixa Cultural Fortaleza. Meses depois, consegui um exemplar de “Aquarelas & Desenhos” a custo de boas caminhadas ao sol do B-R-O bró do Centro de Fortaleza; daria um belo conto.

Este modo de penitência foi aqui introduzido, creio que há dois ou três anos por um padre Agostinho, fanático religioso que o deixamos na capital. Quando ele pregou por estes sertões, se exaltou de tal modo o sentimento religioso do povo, que não se via senão penitência por toda a parte: nos templos, nas casas, pelos matos; parece que algumas mulheres morreram em consequência da abstinência e dos jejuns. Os penitentes reuniam-se nas praças (não cabiam nas igrejas), aí se disciplinavam horripelantemente. Faziam procissões rezando e disciplinando-se. No Crato a coisa chegou à grandeza; hoje tem acalmado muito e parece que aqui já cessou de todo, mas continua na **Venda**, em Lavras e talvez em outros lugares. (ALEMÃO, 2006, p. 218 – 219, grifo do autor)

O trecho do diário de Alemão (2006) é de 1859, primeiro ano da Comissão Científica de Exploração no Ceará, que estendeu atuação até 1861 (CARVALHO, 2016). A iniciativa foi do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) com o consentimento do imperador Dom Pedro II. Os naturalistas do Museu Nacional se queixavam, à época, de que o conhecimento até então produzido na área fora capitaneado por estrangeiros. Reivindicavam a oportunidade de constituir um saber científico nacional, aprofundando na geografia, nos recursos naturais e nas populações espalhadas Brasil adentro (BRAGA, 1982)

O Ceará foi escolhido como ponto inicial dos trabalhos da expedição científica, que atuou por aqui por mais de dois anos. Consta que, em viagem começando de Fortaleza com destino ao Crato, parte da comissão se estanciou, no mês de dezembro, em Lavras – hoje Lavras da Mangabeira – e Venda – hoje Aurora<sup>16</sup>, localidades onde foi possível observar penitentes em atuação. (ALEMÃO, 2006)

Na ocasião, junto de Francisco Freire Alemão, presidente da comissão e responsável pela seção de botânica, estavam Manuel Ferreira Lagos, da seção de anatomia comparada e zoologia, e José dos Reis Carvalho, desenhista da Escola da Marinha.

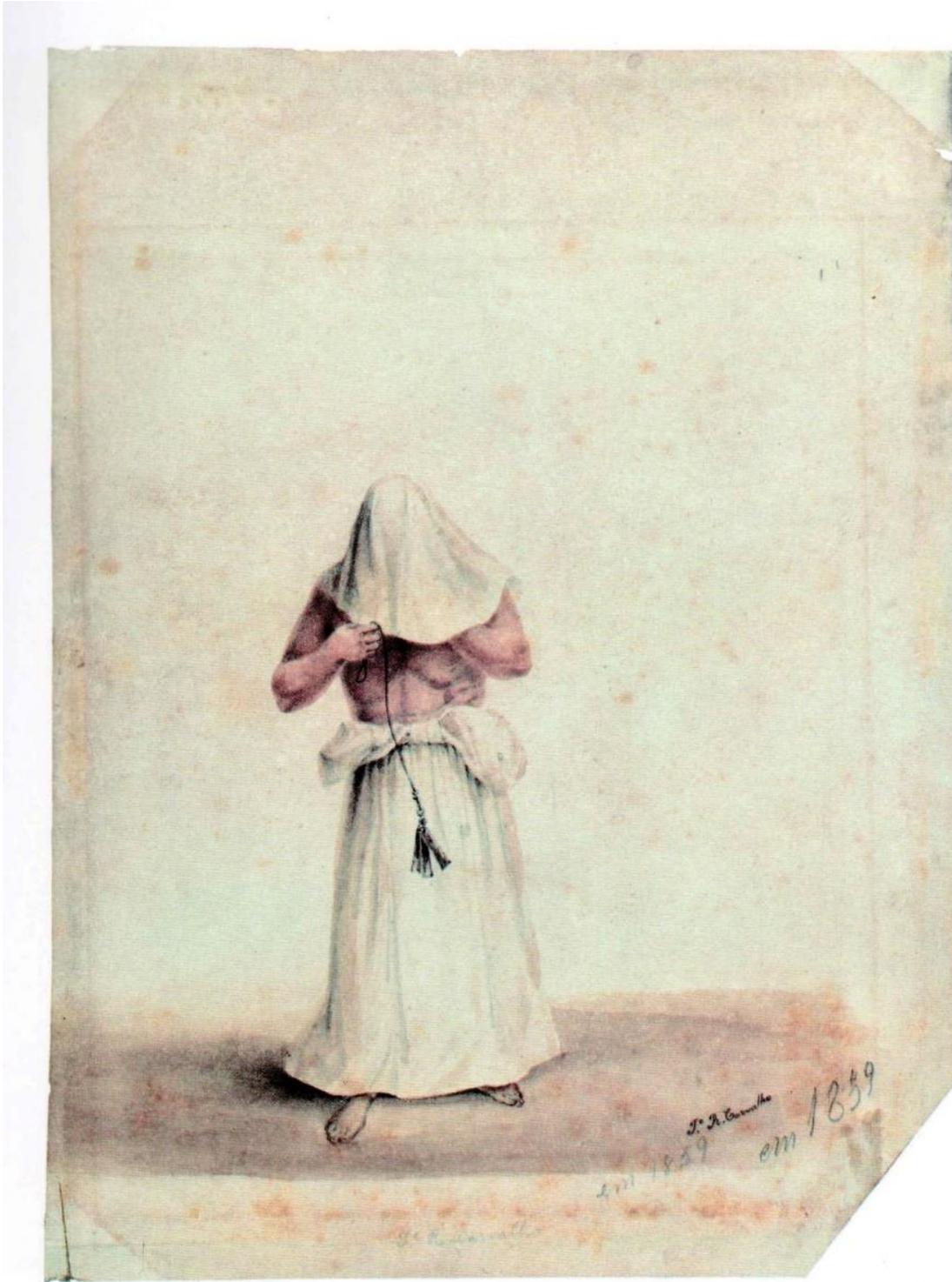
As impressões dos membros da comissão sobre o contato com os penitentes em Aurora são carregadas de estranheza e negatividade, a julgar pelo sentimento de medo e horror diante das rezas cantadas e do ato de autoflagelação, a disciplina:

Estando nós dormindo (a casa é na praça e muito próxima à igreja), ouviu-se depois da meia-noite (era sábado) oração cantada na igreja. Era o canto forte, entoado, monótono, grave e que me infundia sentimento religioso, mas atentando-se bem ouvia-se também tinido de disciplina, então acresceu ao sentimento religioso certo horror. O Lago e o Reis levantam-se e vão para fora ouvir, aproximando cuidadosamente do templo, então, dizem eles, ouvia-se perfeitamente o tinido das disciplinas, e horrorizados se retiraram. (ALEMÃO, 2006, p. 217)

---

<sup>16</sup> Em pesquisa no sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Aurora, há menção ao antigo nome de Venda. Disponível em: <https://www.aurora.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 29 setembro 2020. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) menciona a povoação de Venda em Aurora na formação administrativa do município. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=3415&view=detalhes>. Acesso em: 29 setembro 2020

Ilustração 18 – Penitente por José dos Reis Carvalho, 1859.



Fonte: Carvalho (2016).  
Crayon (20,5 x 16,5 cm) / Coleção Museu Dom João VI.

Ilustração 19 – Detalhe da “disciplina”, instrumento da autoflagelação.



Fonte: Carvalho (2016).

Crayon (14,5 x 21,5 cm) / Coleção Museu Dom João VI. Inscrição na obra: “Penitentes em Sobral visitando os passos em 6ª feira da paixão / Venda Grande / Disciplina com que os penitentes se açoutão”.

\*

– Oxe, vó! E a senhora tinha medo de quê?

– Ora, uns homens todos cobertos de pano, encapuzados, no meio da noite, cantando aquelas coisas.

– E fez o quê? Correu?

– Nós fomos para a janela olhar nas brechas. Nunca tinha visto aquilo na vida. Só vi em Aurora. Aqui nunca teve isso, não.

– Aqui no Barro nunca teve penitente? Não sabia nem o que era?

– Sabia nada. Nem Wilda, que morava lá, sabia. No outro dia, uma vizinha dela foi quem explicou o que era, contou desses penitentes.

\*

Geraldo fala sem agito ou perturbações, como se o que acontecera tivesse de acontecer e pronto.

\*

Chama Fulano, que chama Sicrano, que chama Beltrano e assim vai, cada um à sua vez, eita! Mensagem captada. Todos no cruzeiro depois das dez. Não pode faltar. Tem primeira, tem segunda. Serviço completo. A tarde cai de vez: hora de curral e janta. Discrição e concentração. Veste a roupa, calça logo a sandália. O complemento da vestimenta vai numa sacola debaixo do braço, ninguém pode notar. E para onde será que vai tão tarde da noite? Despista, que é segredo sério. Coisa de religião. É na calada, só grilo e caboré. Mais na frente, junto da cerca, já dá para se vestir como a ocasião manda. Pegou distância, ninguém vai perceber. Põe primeiro a batina por cima da camisa. A manga branca fica aparecendo, mas não tem nada, é assim mesmo. Melhor não dobrar o barrete defronte. Deixa para revelar o rosto quando chegar. Todo branquinho e cheiro de guardado. O vermelho vivo da cruz no detalhe. Disciplina agarrada no pescoço. Revisa aquele bendito que sempre lhe foge. Só na cabeça. Não pode chamar atenção. Ainda tem uma légua. É preciso atravessar a pista, é o jeito. E se passar alguém? Não há de passar já tão tarde. Todos dormindo. Todos dormindo? Barulho fino. Versus vento. Vruuuuumm! Vruuuuumm! Versus vento. Se revidar, é pior. Avexa e corre de uma vez. Antes pedra do que bala.

\*

O medo e horror oitocentista narrado por Francisco Freire Alemão (2006) parece ter perdurado por muitos anos. Em 2018, Geraldo Caboclo, penitente, contou que, mais jovem, já fugiu, mais de uma vez, de situações de violência por conta de homens atirando pedras ou até mesmo usando arma de fogo.<sup>17</sup> Os caminhos dos cruzeiros podiam não ser tranquilos, e todo esse histórico de más impressões talvez ajude a explicar o nível de discrição com que os penitentes costumam trabalhar, usando a escuridão da noite como refúgio e cobrindo o rosto com barretes.

Apesar desse histórico de violência, posso inferir, partindo de alguns depoimentos dos próprios penitentes, que, nos últimos anos, esse tipo de receptividade preconceituosa vem

---

<sup>17</sup> Informação fornecida pelo penitente decurião Geraldo Brito, também conhecido como Geraldo Caboclo, em ocasião de minha visita a sua casa, no Sítio Cobra, Aurora – CE, em 30 de março de 2018.

se arrefecendo. Hoje, os penitentes vêm se abrindo mais para as comunidades locais, que os reconhecem mais amistosamente. Geraldo conta que muitos padres deram conselhos para que essa abertura se concretizasse alegando que não havia nada de errado em se reunir para rezar pelas almas pecadoras.



## 6 OS PRIMEIROS PENITENTES NO CAMINHO

Diz que João Galdino conhecia de penitência. Tia Haydezinha já havia recomendado:

– Já conversei com seu João. Se quiser passar por lá no Araçá agora na Semana Santa, você pode ir lá conversar com ele. Vai lhe atender com o maior prazer.

Nunca sei andar direito pelas ruas de Aurora. Nunca precisei dobrar nem à direita nem à esquerda, bastava cortar a cidade ao meio, atravessando-a quase que em linha reta não fosse a estação ferroviária. Chegando na rua vindo da BR-116, um pouco antes da ponte sobre o Rio Salgado, tem um trecho com nim dos dois lados da pista e um quebra-molas quase imperceptível. Nunca gostei desses pés de nim. Não os de Aurora, em específico. Falo de todos os nins que se entranharam na nossa paisagem de caatinga sem precisão e que não vêm ao caso dessa história.

A ponte sobre o rio é tão portal quanto o do letreiro “Bem-vindo à Aurora” quilômetros atrás. O perímetro urbano, a rua, segue, ao menos no caminho que me acostumei, em linha reta, passando pela praça da Matriz, pela Avenida Antônio Ricardo e desembocando, como uma foz, na estação ferroviária. Dali, segui as coordenadas. Contornei a estação cruzando os trilhos e logo entrei à direita. Já estava no bairro do Araçá. Era só achar a rua estreita e, na subida, procurar a casa de seu João Galdino.

Quando criança, me admirava sair da casa da vovó em Lavras e sair visitando o povo sem avisar da visita. Íamos chegando nas casas dos parentes mais diversos e já sentando para comer doces frescos e cafés passados na hora. Não entendia que mamãe não tinha o telefone desses meus tios e tias. Ela simplesmente sabia onde moravam. Em que casa, em que sítio, próximo à igreja ou a uma escola. Era assim. Muitas vezes, acabávamos nos perdendo, mas uma conversa com qualquer cristão passando já revelava todo o mapa e itinerário.

Peguei o hábito. Sem perceber. Nessas andanças por Aurora, à procura de parentes e penitentes, dei-me conta de que fico bastante à vontade em não saber exatamente onde fica meu destino. Talvez saber que estrada pegar e quem estou a procurar já me seja suficiente. Assim, vou mais atento ao caminho, buscando uma memória fotográfica ou mesmo uma memória olfativa – acontece, vez ou outra, de sentir o cheiro do mato seco ou do curral próximo e ter, então, a garantia do caminho certo e seguro. Vou gravando, sempre que posso, os pés de nim, as mercearias das esquinas, as praças e guaritas do percurso.

Sem ligar nem avisar, achei, enfim, a casa de seu João Galdino. Já estive com ele outra vez, mas era criança. Não lembrava de quase nada do seu rosto. Fiquei impressionado

com o jeito calmo dele explicar as coisas, sempre muito pausado e concatenado, todo cortês. Fez questão, e faz até hoje sempre que oportuno, de elogiar os bons modos de Marcela, que me acompanhava na visita.

– Olhe, você tem que casar logo com Marcela, que é uma moça muito bonita e educada.

Conversa vai, conversa vem, seu João nos contou de sua relação com os penitentes. Nunca foi um, embora quisesse ser. Acompanhava o grupo desde criança porque o pai era da irmandade e a mãe confeccionava as vestes do grupo. Ia para as rezas mais para ajudar: levar água, recolher os paramentos, servir de guia nas estradas escuras a caminho dos remotos cruzeiros. Gostava do movimento e do estilo devocional dos trabalhos. Disse que foi convidado para entrar no grupo mais de uma vez, mas a ideia não agradava Dona Noêmia, a esposa, que sabia da rotina solitária que iria enfrentar caso o homem da casa assumisse tal compromisso.

– Tinha medo de ficar só em casa no meio da noite – justificou Noêmia.

Dona Noêmia tinha razão. Os trabalhos na penitência entravam noite adentro e podiam acontecer em áreas remotas, com léguas de distância. Dependendo do caso, o grupo voltava no raiar do dia. Não é estranho que Dona Noêmia desaprovasse o tento do esposo, que respeitou a vontade da companheira e continuou acompanhando a irmandade sem vínculo certo. Ainda assim, João Galdino vivenciou o universo da penitência muito fortemente. Pude constatar que preserva muitos benditos na memória e conhece de cor todo o ritual dos trabalhos.

A conversa se aprofundou quando fomos a uma casa próxima dali, na mesma rua, conhecer Francisco Brito, um penitente de longa data e que também atende por Chico Caboclo. Geraldo Caboclo, irmão de Chico que reside no sítio Cobra, é mestre decurião de um dos grupos ainda atuantes em Aurora. Os irmãos Caboclo são citados por Cícero<sup>18</sup> (2007) em artigo sobre os penitentes publicado na Revista Aurora nº 02:

Diante de tantos relatos feitos pelos próprios membros da irmandade, pode-se concluir que várias gerações de penitentes passaram por este movimento em terras aurorenses sobre o comando dos mestres decuriões Simplício Leite (Pau Branco), Zé Cardoso (Ipueiras), Olegário Macedo (Antas), João Alves (Malhada Funda), Geraldo Leite (Pau Branco), Manoel Salviano (sede), João Mundoca (Várzea de Conta) e, atualmente, Zé Carneiro (Malhada Funda), Chico Leal (Angico), Geraldo Caboclo (Salgadinho), Chico Caboclo (Araçá), entre outros.

---

<sup>18</sup> José Cícero da Silva é o atual Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Aurora. Em 24 de abril de 2019, pudemos conversar brevemente sobre os penitentes e sobre a Revista Aurora por ele editada. Dias depois, o secretário enviou gentilmente dois exemplares do periódico ao meu endereço em Fortaleza.

Ainda no Araçá, a maior surpresa foi sermos convidados, Marcela, João Galdino e eu, para acompanhar a reza das alvíssaras que iria acontecer naquele dia, à noite, no sítio Cobra. Claro que aceitamos com prontidão.



## 7 A PENITÊNCIA

Na definição de Carvalho (2011), que centrou estudos no Cariri cearense,

penitentes são integrantes de Irmandades (de leigos não oficializadas) que se penitenciam com vistas à salvação individual e coletiva, autoinfligindo castigos corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, dança votiva, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas rituais); obedecem a um líder espiritual (Mestre, Decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo — a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual. (CARVALHO, 2011, p. 14-15)

O caráter de “irmandade”, muitas vezes associado a uma Ordem – a Ordem dos Penitentes – evidencia uma certa delimitação em torno de como a comunidade enxerga o grupo de penitentes e como o grupo se situa como tal perante os demais; nesse contexto, é preciso compreender também que a prática da penitência nem sempre foi vista com bons olhos pelas instâncias eclesiais formais (OLIVEIRA, 1985), o que coloca esses grupos numa situação em que não se pode pressupor uma institucionalização perante a Igreja.

Assim como nas palavras de Carvalho (2011) já citadas, Montenegro (1973) e Oliveira (1985) também mencionam o hábito notívago das atividades:

Penitente é aquele que, às horas tardias da noite, se reúne a outros junto aos cruzeiros, ao pé das cruzes das estradas, diante das capelas e à porta dos cemitérios, e aí sob a chefia do “decurião” ou do “ajudante”, reza, canta e se flagela com as costas desnudas, por meio de “disciplinas”, durante certo tempo. (MONTENEGRO, 1973, p. 23 *apud* CARVALHO, 2011, p. 15)

As procissões de penitência, precedidas por uma grande cruz de cedro, saíam da cidade às 20 horas para um lugar fora, em geral ao redor do cemitério. Os penitentes se vestiam com grandes vestes ou lençóis brancos, cada um com um círio para iluminar o caminho. Um dos penitentes carregava uma matraca e outro uma caixa com incenso, o mesmo que era utilizado pela Igreja. Cada um tinha o seu chicote de penitência com pontas de metal para autoflagelação. (OLIVEIRA, 1985, p. 72)

Não apenas pelas andanças noturnas, a irmandade dos penitentes é envolta por ares misteriosos, desde a discrição no conversar dos penitentes com quem me encontrei até no detalhe de suas vestes durante os terços, que remontam à Idade Média (OLIVEIRA, 1985; VIEIRA, 1988 *apud* CARVALHO, 2011; CARVALHO, 2005)

Importante ressaltar o caráter popular dos grupos de penitentes em contraponto à formalidade dogmática eclesial: não pretendo, com o contraste, diminuir a religiosidade popular ou insinuar qualquer posição hierárquica diante das formas de expressão religiosa. Ao contrário, a religiosidade popular é encarada aqui como aspecto preponderante da condição humana daqueles que a vivenciam.

Por onde andei entre Lavras da Mangabeira, Aurora e Barro, essa trindade basilar dos caminhos que escolhi percorrer, perguntei a quem fosse, religioso ou não, parente ou não, o que é o penitente. Todas as respostas foram vagas e retalhadas, mesmo entre os próprios participantes da irmandade, no que assumo, aqui, meus próprios recortes e costuras numa tentativa de criar um universo particular, poético, afeito, mesmo, a elucubrações.

O que escrevo sobre os penitentes, embora pareça generalista em alguns momentos, é restrito às experiências de Aurora, em especial do terço que presenciei com os irmãos Caboclo e das conversas que pude alongar com Francisco Leal.

Vai-se a primeira pedra despertada...  
Vai-se outra mais... Mais outra... Enfim, dezenas.  
Pedras vão-se das saraivas, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada.<sup>19</sup>

Num tempo antigo, escolher ser penitente incorria em certos perigos. O povo não compreendia. Fazia pouco, largava pedra ou corria de medo.

– Antigo quanto, Seu Francisco? De que tempo o senhor fala?

– Ah, isso faz muito tempo, mesmo.

Não podia se mostrar de jeito maneira. Raimundo José de Oliveira, pai de Francisco, não passou foi dezessete anos sem que os quatro irmãos soubessem? Os irmãos tudo morando na mesma casa. Era assim. No rumo do cruzeiro, à noite, era a atenção redobrada. Avistando alguém de longe na direção contrária, o melhor era se embrenhar no mato ou mudar o caminho para não correr riscos. Se o terço fosse em Aurora, na zona urbana, era caso de tomar mais precauções. Tratava até com o delegado para pedir uma escolta de dois soldados. De primeiro, era assim.

– Ô, vergonha. Soldado até para o povo rezar – teria dito a autoridade policial.<sup>20</sup>

Para novos integrantes no grupo de penitentes, a preocupação era imensa. Podia gente querer entrar sem compromisso ou só pela curiosidade de saber quem era quem. Se chegasse para o mestre decurião desejoso por entrar, a resposta não vinha de imediato. Todo o grupo era consultado a fim de certificar se o proponente era sério. Não se tratava de o

---

<sup>19</sup> Paráfrase do primeiro quarteto de *As Pombas*, soneto de Raimundo Correia: “Vai-se a primeira pomba despertada... / Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas / Das pombas vão-se dos pombais, apenas / Raia sanguínea e fresca a madrugada”. Geraldo Brito, do Sítio Cobra, e Francisco Leal relataram cenas com pedras voando em alusão ao modo pouco receptivo de algumas perante os penitentes nas estradas. Sempre que a imagem dessas pedras se fazia no que eu imaginava da situação, o soneto de Raimundo Correia vinha à tona. Busquei manter os versos decassílabos, como no original.

<sup>20</sup> Ver Apêndice B, p. 121-122.

submeter a rigorosa análise. Mais para saber se já não havia alguma desavença com alguém. Se o grupo confiava no sujeito, a chance era dada. Ainda assim, as recomendações do decurião precisavam ser terminantes:

– Se for para ser penitente e amanhã já interromper o serviço, não vá. Se for para amanhã estar assoviando ou cantando um bendito, não vá<sup>21</sup> – Francisco dava os conselhos.

Tudo para preservar o grupo. A comunidade não podia reconhecer ninguém. Eram outros tempos. E se ele cantarola um bendito displicentemente e passam a questionar de onde conhece, que cantoria é essa? E se, no outro dia, já pela manhã, ele demonstra enfado? Vão desconfiar que tenha trocado o sono pelas rezas no breu dos cruzeiros.

Passando pelo crivo dos demais e acatando as recomendações do mestre, era preciso aprontar as vestes do novo companheiro. O decurião é quem cuidava de tudo que era para manter a discricção do protocolo, ficando a cargo do proponente apenas levar a fazenda. Não dava para o cidadão comprar tecido e depois procurar um serviço de costura pedindo uma roupa de penitente. Se era tudo às escondidas, o decurião sempre tinha uma pessoa de confiança, discreta e leal, para confeccionar toda a vestimenta padronizada sem alardear o povo.

No grupo de Francisco Leal, o de vestir dos penitentes é simples e prático. O Coração de Jesus e a cruz, vermelhos e desbotados, são os únicos destaques no todo predominantemente branco da roupa composta por três peças: opa, barrete e disciplina. A opa é como uma batina, mas sem mangas. Bem fácil de vestir e trocar, é item tradicional na vestimenta de irmandades religiosas. O barrete é uma espécie de touca, como também é chamado. Ele cobre a cabeça e possui extensões laterais longas o suficiente para esconder o rosto dos penitentes se necessário. A disciplina é o instrumento utilizado na autoflagelação. São lâminas de aço formando um cacho e presas a um cordão. Durante o terço, fica pendurada na cintura ou no pescoço, sendo retirada apenas no momento do uso.

O decurião, se for do gosto, substitui a opa por uma batina mais comum, com mangas. O barrete pode até ser dispensado. Hoje, Francisco prefere usar uma touca de croché que ganhou de presente e se orgulha muito de possuir. Como os tempos são outros e não precisa mais se esconder, guarda a touca e tantas outras peças do vestuário numa bolsa de couro pendurada no armador da sala de casa. Enquanto a bolsa descansa sobre a cadeira de balanço feita com fio espaguete em frente à janela, vai saindo tudo quanto é pano, uns mais

---

<sup>21</sup> Apêndice B, p. 123.

alvos, outros naquele tom de algodãozinho cru, mais escuros, a maioria ruborizado por cruzeiros e corações, nuns bolos engelhados que só vendo.

– E é muita coisa!

Logo entendi. Francisco não guarda apenas as dele. Ali, tinha roupa para mais alguns. Ele as mantém sobressalentes para o caso de uma precisão. Vai que um esquece.

– Você querendo, eu visto para você ver.

Fez questão de se dirigir ao quarto, logo ao lado, e se paramentar por lá. Não demorou muito, o que lamentei, pois queria aproveitar a solitude do recinto e explorar cada detalhe com mais calma, sem parecer curioso ou mexeriqueiro demais. Ir notando as molduras todas tortas espaiadas nas paredes do chão à cumeeira. Estava no primeiro cômodo, o mais próximo da estrada, mas a casa parece crescer a partir dos fundos, por onde entrei vindo da sombra do juazeiro, lá do terreiro.

O dia se passa arrastado nesse juazeiro, talvez pela brisa agradável que vem do açude e também porque ali sempre tem uma cadeira ou um tamborete para sentar. Como a árvore fica na altura da cozinha, o cômodo mais ao fundo, acaba que é por ali que acontece o entra e sai mais rotineiro. A posição é estratégica para visualizar o oitão inteiro e ir passando a vista por cada recinto: a cozinha, ali do lado, o quarto em seguida e, mais distante, já chegando à estrada, a sala.

Há duas portas principais, uma na frente e outra atrás, que se entreolham de cada lado da casa e destacam toda a simetria retangular do espaço. Se entro pela primeira, já noto as galinhas ciscando lá nos fundos. Se, do contrário, entro pelo lado oposto, acompanho o movimento da carroçável lá defronte. O quarto, mais ao centro e mais para a parede do terreiro, tem a bondade de deixar um corredor nessa linha de visão longitudinal dos dois mundos de porta. É nele por onde passa a corrente de ar que esfria a água do pote e por onde desfilam calças de tecido e camisas de botão suspensas pelos cabides em série.

Francisco se veste como vovô Vicente se vestia. Nunca vi voinho de calça jeans. Devia achar moderno demais? Ou calorenta demais para suportar a quentura que nem o Rio Salgado do quintal conseguia amenizar. Era calça dessas fininhas, tecido macio, camisa de botão e chapéu de massa o dia todo, igualzinho a Francisco. Pois os cabides no corredor despertaram essa memória e tantas outras. O lugar inteiro fez isso comigo.

Mas talvez o balde de plástico ali no canto, abaixo do porta-copos, não fosse nem de água e assim supus por desejar enxergar grandes semelhanças com um mundo particular que teimo em retomar.

– Mãe, sabe aquele porta-copos de parede, que tem uma vareta inclinada para cima para segurar os copos? Onde é que tinha isso? Em Lavras ou no Batedor? Porque lembro muito bem de já usar um desses.

– Meu filho, toda casa tinha um, sem exceção.

– Então essa memória não foi criação minha.

– Tinha em todo canto. Mas a cantareira lá de casa era toda linda, de madeira trabalhada. Ela era completa. Hoje não tem esses móveis que são kits para pôr televisão e tudo no mundo? Pois a cantareira era o kit de água. A armação era de madeira e tinha três alturas de pote. Uns ficavam mais baixos que outros...

– E o porta-copos na parede, ali pertinho?

– Não. Tava no *kit*. O porta-copos fazia parte do móvel.

– Entendi. Já tinha os tocos ali no próprio móvel.

– Sim... E também um arco com prateleira. Só desenhando. Eu não sei explicar, não. O mais comum era armação de ferro, mas bem mais simples. Dessa, ainda tem lá em casa.

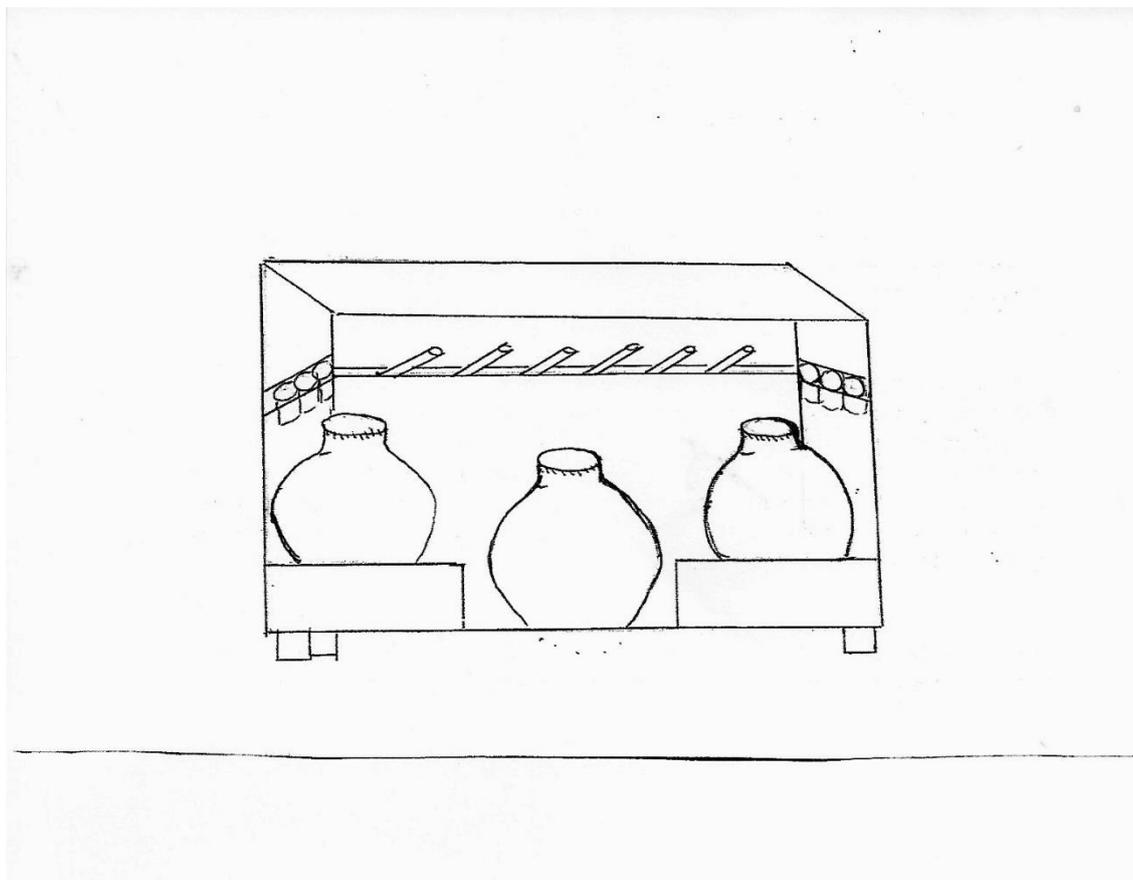
– Eu lembro dessa de ferro. Peguei essa época. Só não sabia que o nome era cantareira. É até bonito. Cantareira.

– Mas a de madeira é que era linda. É que não dá para explicar. Só desenhar.

As lembranças de beber água do pote se misturam demais na minha cabeça. Nunca me recordo se as cenas que me vêm à mente são de Lavras da Mangabeira, do Batedor ou de qualquer outro lugar. Mamãe explicou tudo: podia ser de qualquer lugar a cantareira. Vovó Marica não sempre lembra daquela história engraçada de uma casa que recebeu a visita de uns agentes de saúde e os cabras tiraram um chinelo de dentro do pote?

– Ave Maria! Doida, doida. Como é que pode deixar um chinelo dentro do pote de beber água? Diz que tinha até raiz o chinelo. Agora ela tinha uns meninos muito traquinas.

## Ilustração 20 – Cantareira de Mamãe



Fonte: Romana Torquato de Araújo Tavares

Mãe; afeita a perspectivas impossíveis; prefere desenhar.

Um detalhe arquitetônico da casa dos Leal e que se repete na casa da vovó Marica me fascina desde pequeno: as paredes dos cômodos internos não se estendem até o topo do telhado. A cumeeira fica um imenso vão suspenso e isento de qualquer obstáculo, deixando livre a passagem dos muitos sussurros e cheiros de uma casa eivada de histórias. Lembro de deitar na rede da sala da vovó à noite e acompanhar o voo rasante dos morcegos entre um quarto e outro. Parecia que era o morcego, mesmo, a brincar de leva e traz com as conversas de cada aposento naquela horinha logo antes de pegarmos no sono.

Fiquei pensando se nessa casa do Angico se fazia o mesmo. Se havia morcegos como no Batedor, se todos se escutavam entre um cômodo e outro e se os netos de Francisco também precisavam, à noite, rastejar por baixo das redes usando os movimentos mais furtivos até chegar ao banheiro – lá fora – sem que todos acordassem com o menor estalido dos pés.

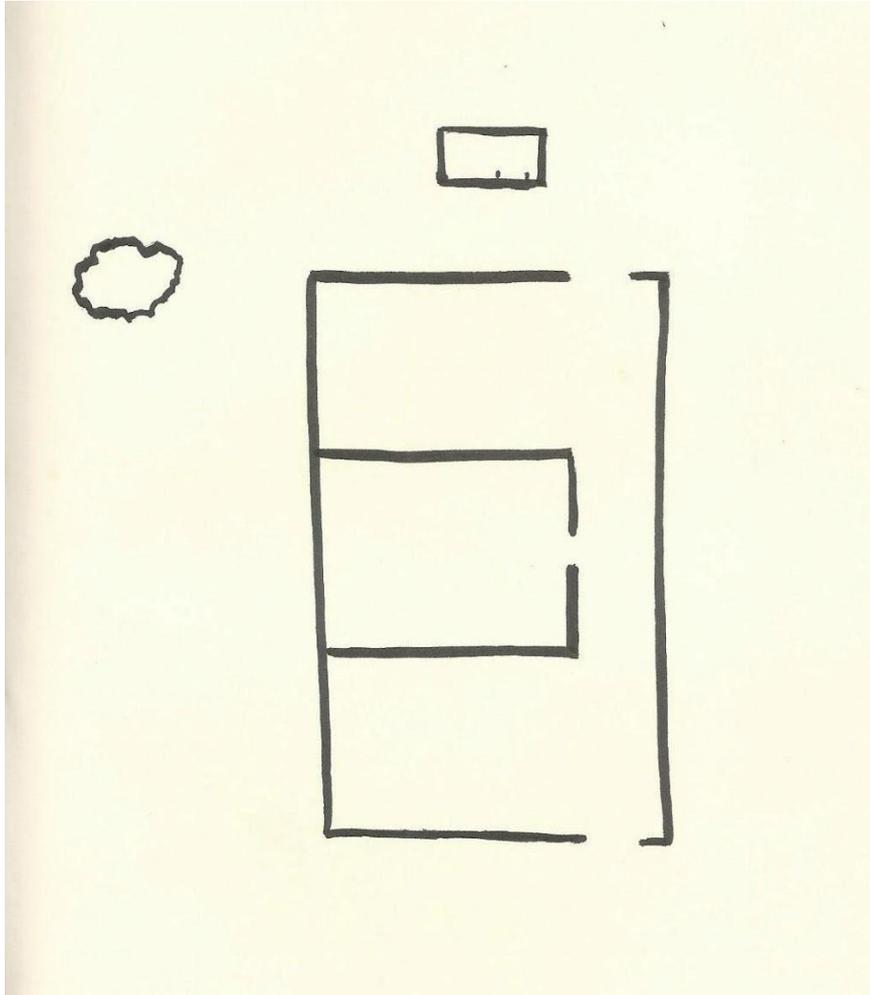
– Regis?

– Sou eu, mãe.

– Desse jeito, ninguém consegue dormir, meu filho.

- Tô indo. Tô indo.
- Quero ver.

Ilustração 21 – Casa / Planta Baixa



Fonte: autoria própria

- Eita, é muito bonita.

Francisco Leal vem do quarto já todo paramentado e com um ar mais grave. A opa ainda bem amassada da bolsa de couro condiz com a sisudez da cena. Talvez não seja pelas vestes penitenciais tanta circunspeção. A seriedade com que se apresenta é a mesma das molduras em volta. A parede carimbada de marcas de tempo, ilustrações de santos e fotografias de família carrega poses e enquadramentos correlatos aos do retrato que tento tirar. Uma exposição emocionante de rostos sem sorriso, incluindo o mestre decurião, que, sério e compenetrado, posiciona-se à frente.

A opa, branca, tem mangas muito curtas, deixando aparente a camisa usada por baixo. A gola é careca e possui uma concavidade triangular no centro terminando na altura de um desenho de coração sobre uma moldura radial, por sua vez sobre uma moldura retangular, tudo em vermelho acetinado, assim como as duas cruces na parte inferior do tecido, que recairia cobrindo toda a extensão da perna não fosse o palmo descoberto logo acima dos pés.

O barrete, dispensado da cabeça para dar lugar à touca de croché, ficou dobrado envolvendo a região do pescoço e caindo para os ombros. O croché destaca-se no conjunto pela beleza, textura e cor levemente amarelada. Completando o paramento, a disciplina descansa nas costas presa a um imenso cordão de algodão trançado que, de trás, passa por cima dos ombros e cai para a frente, sobre o peito, deixando aparecer o nó da outra extremidade, como no uso de um escapulário.

Item obrigatório, a disciplina, garante Francisco, não é mais tão utilizada nos terços. Se na época do pai, disciplinavam-se tanto que o sangue batia nas alpercatas, hoje, ao menos durante os trabalhos na penitência, só se exige a autoflagelação no primeiro dia de alguém que entra no grupo, como uma espécie de prova que indique o quanto o cabra está disposto a se engajar.

Zé Carneiro, penitente da Malhada Funda, bem perto do Angico, comentou que já sangrou muito, que toda Sexta-Feira Santa era certeza derramar sangue, mas, hoje, estão se afastando disso, usa-se muito pouco, tanto que também chamam de “desobriga”. Os dois, Zé Carneiro e Francisco Leal, compartilham da mesma história: um padre de Aurora recomendou não usar mais alegando ser uma perversidade. Para o sacerdote, contou Francisco, a vida do trabalhador rural já é muito castigada. Acorda muito cedo, às vezes comendo só angu com rapadura, para, à noite, derramar sangue correndo o risco de adoecer?<sup>22</sup>

A preocupação do padre parece fazer muito sentido. Lidar com roça e criação é trabalho bastante árduo e quase sempre sem muita fartura na dieta. Papai, hoje com 65 anos de idade, brinca que não come mais tanto angu não por ser ruim, mas por já ter comido o suficiente para uma vida. Na infância dos anos 1950 e 1960, o angu era prato principal em meses de seca. Não dava para incrementar com galinha cozida todo dia, logo a farta rapadura dos meses de produção intensa nos engenhos da região era a mistura necessária para a sobrevivência.

A moagem da cana-de-açúcar começava em julho ou agosto e se estendia até novembro ou dezembro, justamente no tempo mais crítico para quem dependia da roça e da

---

<sup>22</sup> Ver Apêndice B, p. 123.

criação de bovinos ou caprinos. O tempo seco escasseava as reservas hídricas, impedindo o plantio e acabando com os pastos dos animais, que, mal alimentados, emagreciam e não produziam tanto leite. Era tempo de sair do campo e se arriscar nas caldeiras fumegantes dos engenhos, única salvação como posto de trabalho e fonte de renda.<sup>23</sup>

– Pai, estou escrevendo sobre angu com rapadura.

– Comi muito. Hoje em dia, todo mundo come achando um prato muito diferente.

Na minha época, era comida de pobre.

– E por que o angu com a rapadura se sempre teve galinha na vovó?

– Mas na época de seca braba até galinha fica pouca. A gente comia angu com galinha, mas era em ocasião especial, quando recebia uma visita ou quando vovô vinha almoçar com a gente.

– E era angu o dia inteiro? Manhã, tarde e noite?

– No almoço. De manhã, a merenda da marmita era água com rapadura. Botava no fogo para a água ferver e ir diluindo a rapadura até virar garapa.

– E à noite?

– À noite, era arroz com feijão ou ovo. Quando dava, comprava carne de porco na Iara e salgava, porque não tinha geladeira. Então era arroz ou baião com toucinho torrado, às vezes. Geralmente, carne de porco.

– Ainda bem que tinha o engenho, então.

– Ah, no engenho era o tempo todo na garapa, rapadura e mel. Direto. A gente abusava, mesmo. Tinha dia que não podia nem ver. Dava logo gastura. Parecia a porca dos bombons.

\*

Passo 1: Consulte pai, mãe, avó, tias e tios, misture tudo no baú de reminiscências e crie a própria receita de angu com tudo o que tem direito. Arrisque a fazer tal qual, mas não tenha pressa: angus podem ter a mesma paciência daqueles que o desejam enormemente ou dos que sequer sabem que dele gostam.

Passo 2: Reserve as espigas mais secas. Na calçada e, de preferência, no fim da tarde, faça um semicírculo de cadeiras e posicione baldes e bacias ao chão. Angarie membros

---

<sup>23</sup> As agruras, também as belezas, da sequeidão do “interiô”, bem como todo o contraste de seca e inverno sentido pelo caririense, estão muito presentes na poesia de Patativa do Assaré. Cito os poemas “É coisa do meu sertão” (ASSARÉ, 1992, p. 70) e “A festa da natureza” (ASSARÉ, 1992, p. 79).

da família e debulhem o máximo de espigas de milho que puderem. Atente para a hora do caboré, quando as muriçocas zigzegueiam as canelas, e esperem pelo alento do vento Aracati, quando as conversas atingem o ponto. Histórias de trancoso, a gosto.

Passo 3: Encha um caldeirão de ferro com água e leve-o ao fogão a lenha. Use o abanador de insuflar ar na lenha para mitigar o suor que escorre dos cabelos. Por necessidade ou vontade, assovie, cantarole ou brigue com crianças que insistam em se aproximar do preparo ebuliente. Quando a água ferver, apague o fogo e acrescente os grãos de milho. Repouse, finalmente, um pano sobre o caldeirão para que o milho descanse quentinho durante toda a noite e cozinhe lentamente. Não precisa pastorar.

Passo 4: Pela manhã, pouco depois do café, escorra toda a água e enxugue o milho delicadamente com um pano, deixando os grãos levemente molhados. Reserve.

Passo 5: Com o auxílio de uma forrageira, desintegre todo o milho. Repita a operação para obter uma farinha fina e homogênea da cor amarelo-apagado, o fubá umedecido, e reserve.

Passo 6: À medida que os comensais se arroteiam à mesa, inicie o preparo do angu. Encha uma panela com água e deixe ferver. Acrescente sal a gosto e, em seguida, despeje punhados da farinha de milho, mexendo bem para não empolar nem grudar no fundo. Mexa até dar o ponto: uma papa grosseira, firme.

Passo 7: Sirva com leite morno, caldo de galinha, peixe ou toucinho. Vale também raspar rapadura por cima.

\*

Rodovia Santos Dumont, BR 116, Monte Alegre, próximo à entrada de Aurora, Ceará. A estrada carroçável, em condições desfavoráveis de dirigibilidade devido o tempo chuvoso, não dá conta do pesado caminhão carregado de bombons. Tombou tudo. Parte da carga se perdeu num lamaçal que só vendo. Cadê mamãe para desenhar? Bonança para os porcos que se refestelaram nas poças adocicadas do Monte Alegre. Foi tanto do bombom, tanto do bombom, que, tempos depois, umas das porcas velhas que perambulavam soltas por ali não podia sentir o cheiro de unzinho sequer sem que fugisse em disparada aos grunhidos.

\*

Hoje os tempos são outros, mas a sequidão da região na segunda metade do ano não muda. Não se vê mais engenhos ativos como antes, logo não se pode mais contar com a rapadura para a mistura. O curioso é que, não sei se por influência do papai, comi muito pouco angu na vida. Lembro de ter experimentado algumas vezes na infância e de não ter gostado tanto. Só voltei a comer agora em 2018, e foi procurando por Francisco Leal no Sítio Angico, em Aurora. Na casa da finada Tia Deri, irmã de minha avó materna, suas filhas Naidles e Nildes preparam um angu com galinha muito famoso na família.

Visitei as tias na expectativa de que me ensinassem o caminho da estrada para a casa de Leal, o que, de fato, aconteceu. Conversa vai, conversa vem, lembrei do angu e não demorou muito para servirem um feito na mesma horinha e ainda mais com galinha cozida por cima. Não tem mais jeito de pensar nessas minhas tias e não lembrar da gentileza de servirem aquela iguaria deliciosa.

Logo o angu ainda me desperta sentimentos controversos. Ora me entrego às memórias de mamãe e toda a sua visão romântica de se empanturrar com uma pratada de massa de milho, ora me compadeço de papai que não tinha outras opções de almoço na infância. O mais provável é que o padre que recomendou a desobriga da autoflagelação no terço dos penitentes estivesse pensando no caso de papai.

– Melhor tirar esse negócio de se disciplinar. Não precisa mais fazer isso – teria aconselhado o sacerdote.<sup>24</sup>

Assim, o grupo de Francisco acatou. Quem continua a praticar a autoflagelação, é por conta própria, garante Leal.

– Não é dispensada a pessoa que entra no grupo pela primeira vez. Nesse dia, ele tem a pisa dele. Dali para frente é que ele faz por conta própria. Porque se ele levar a pisa dele, não descobre mais ninguém.<sup>25</sup>

– Não entendi, Seu Francisco.

– Se ele apanhar, ele não vai descobrir ninguém que viu por lá. Entendeu? Às vezes, vai só para experimentar. Ele, levando uma pisa, não vai dizer que apanhou. Aí não sai mais.

Tem uma história que Francisco gosta de contar, escutei a mesma duas vezes, que, segundo o próprio, está entre anedota e história verídica.<sup>26</sup> Do que entendi do caso, escrevo

---

<sup>24</sup> Ver Apêndice B, p. 123

<sup>25</sup> Ver Apêndice B, p. 124.

<sup>26</sup> Ver Apêndice B, p. 124-125.

aqui. Diz que um homem chamado Manu chegou para o decurião Simplício Leite desejoso de ser penitente.

– Eu estou com uma vontade de entrar – o homem inicia a conversa.

– Pois compre uma fazendinha que eu mando fazer a camisa, o barrete, tudo certinho – Simplício dá as primeiras instruções.

Diz que o homem comprou a fazenda e deu tudo certo com a roupa.

– Agora você se prepare para uma reza na quarta-feira. Você vá, que nós vamos a uma viagensinha.

Estava próximo da Semana Santa, período em que os penitentes mais trabalham. O trabalho, então, era na Quarta-feira de Trevas, chamada assim pela alusão à traição de Judas perante Jesus Cristo. O decurião explica todo o protocolo de chegada para o novato:

– Quando você chegar no cruzeiro, vão estar todos em volta dele. Não chegue lá falando com as pessoas. Não é para ficar nem desejando boa noite. Vá para fazer sua obrigação e rezar. Vão ter umas trocas de benditos... Vão ali, assoviando... Quando for para sair, já saem na música. Quarta-feira você vem.

Chega o dia da reza e lá vem Manu fazendo tudo direitinho, conforme o combinado. Seis horas da tarde, saem em longa caminhada. Chegando no Bordone Velho, umas duas léguas e meia de distância, um pergunta, já cansado:

– Seu Simplício, e para onde nós vamos?

– Nós vamos ali no Garra.

Francisco diz que Garra fica a cinco léguas do Angico, o que dá 24 quilômetros. Já é Lavras da Mangabeira, município vizinho. Como era tempo de inverno, começou a relampejar baixinho no nascente, e o grupo sem parar até chegar na casa onde aconteceria a reza. Manu, novato que era, passou o trajeto no coice, seguindo os passos dos mais experientes.

– Quem não sabe de nada ainda, escute o que os outros dizem e fique ali – teria dito Simplício Leite.

Essa casa no Garra era muito pequena. Os penitentes se espremeram o quanto puderam lá dentro, mas não o suficiente para o novato Manu, que vinha na traseira da comitiva, conseguir entrar. O problema é que, conforme anunciado, a chuva desabou. Manu, com as costas para o lado de fora da casa, passou a reza no molhado.

A volta para casa já foi bem tarde da noite. Passando pelo Bordone Velho novamente, os passarinhos já cantavam animados às cinco da manhã. Como, na claridade do

dia, os penitentes ficavam facilmente reconhecíveis, Simplício achou melhor dividir o grupo recomendando andarem todos em duplas e cada um pegando um rumo diferente.

– Debanda, Manu. E se ajeite, que, quando for amanhã, nós temos um trabalho – soltou o decurião.

Manu não deixou o mestre terminar o aviso e já foi se desmontando das vestes ainda encharcadas:

– Pegue sua roupa. Comigo, é penitente ou agricultor. Os dois, não dá.

### **7.1 O terço, a reza, o rito**

A preparação para o terço, os paramentos, o encontro do grupo, o deslocamento até o local acordado, a execução das orações e benditos, a conclusão e a volta para casa: a tentativa, desde o início, era compreender cada gesto, cada etapa, a fim de incorporar a liturgia dos penitentes no processo de criação.

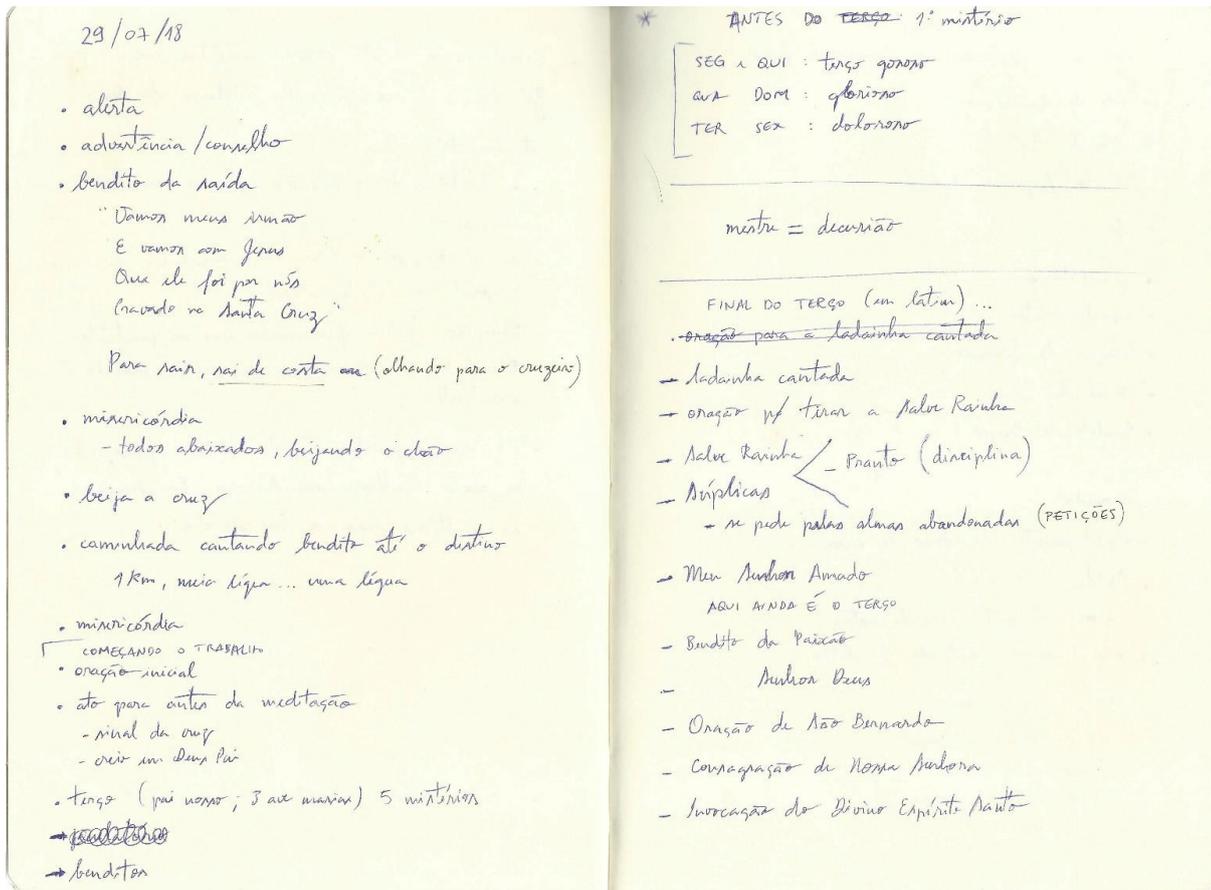
Da experiência com o terço das alvíssaras na Semana Santa de 2018<sup>27</sup>, pude acompanhar e obter uma visão geral de todo o rito. Meses depois, numa das conversas com Francisco Leal (Ver Apêndice C), detalhei com mais afinco o curso da reza até chegar numa espécie de roteiro (Ilustrações 22 e 23). Entre um elemento e outro, Leal cantou a primeira estrofe de algum bendito ou declamou orações por completo, no que só consegui reproduzir parte deles em texto com a ajuda dos seus cadernos. Acrescento que não foi pequeno o trabalho de procurar as reciprocidades entre o que escutei do penitente e o que encontrei a partir do que ele escreveu. Nos casos em que esses elementos se repetiam nos cadernos, as comparações recorrentemente indicaram divergências em alguns trechos – uma troca de palavra ou uma mudança de ordem com algumas estrofes.

Fiz, portanto, os meus recortes e escolhas. O resultado aqui apresentado é a criação do meu próprio roteiro forjado a partir do que vi, escutei, li e imaginei.

---

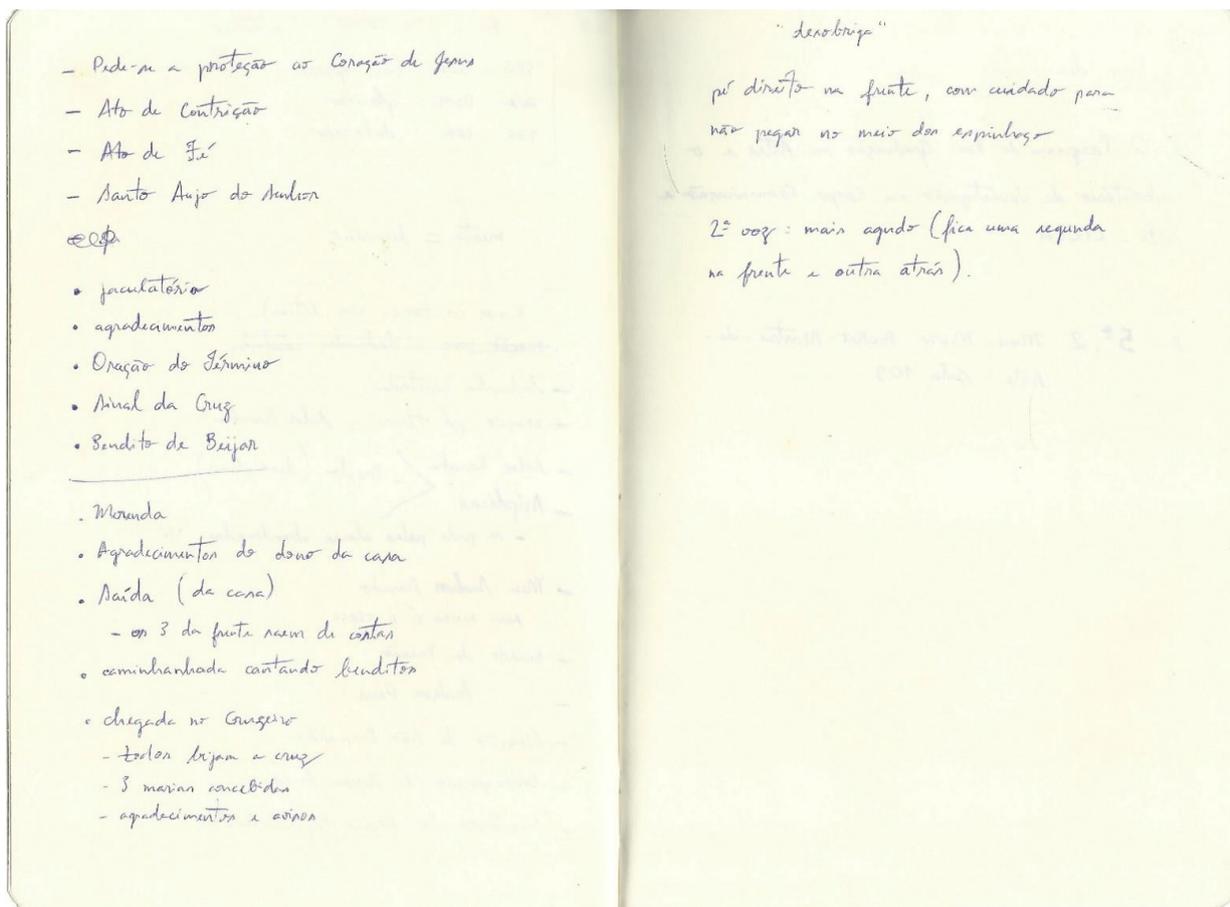
<sup>27</sup> 30 de março de 2018, no Sítio Cobra, Aurora – CE, com o grupo do decurião Geraldo Caboclo.

## Ilustração 22 – Roteiro da Reza, p. 1-2



Fonte: autoria própria

### Ilustração 23 - Roteiro da Reza, p. 3-4



Fonte: autoria própria

*Vamos meus irmãos  
E vamos com Jesus  
Que Ele foi por nós  
Cravado na Santa Cruz*<sup>28</sup>

– Te alui, homem.

O alerta, ou alertai, é dado logo quando os penitentes se reúnem no local combinado. É o canto de chamada, o anúncio da viagem. Torna-se um lembrete para aqueles que estão esquecidos do compromisso com a reza e é também puxão de orelha para os atrasados, que, de casa, escutam o bendito ao longe e já tratam de se azafamar.

– Ô, meu amigo. Vou já embora porque me deu uma dorzinha aqui. Vou já embora – o cabra entretido numa conversa qualquer já trata de inventar uma desculpa e tomar o prumo da reza. Se era só esquecimento, mais fácil resolver: pega a roupa e corre para o cruzeiro, que o trabalho vai começar.

*Alerta, alerta, pecador  
Que a morte é certa  
A vida é dezincerta  
Hoje em vida, amanhã morto  
Olha as penas do inferno  
(repetir 3 vezes)*

*Tende misericórdia, Senhor  
Tende misericórdia de nós  
(Repetir 3 vezes)*<sup>29</sup>

Trabalho, reza, terço, penitência. “Ninguém chama os penitentes por boniteza”, contou certa vez Francisco Leal. Graça alcançada, promessa a cumprir, pedido de perdão, familiar que morreu... Se chamam os penitentes, não é para dar festa. É rito de salvação – individual e coletiva (CARVALHO, 2011, p. 13).

*Acorda irmão pecador  
Contrito dizendo assim  
Pequei senhor, pequei  
Tende misericórdia de mim*

<sup>28</sup> Ver Apêndice C, p. 148. Estrofe de um bendito cantada por Francisco Leal.

<sup>29</sup> Trecho encontrado no Bloco 24 (referência própria) dos cadernos de Francisco Leal após o título “Alerta”. Características do caderno: escrito “Francisco Leal de Oliveira 1947” no topo, à mão; ilustração da capa: jovem casal; marca: Sulamericana.

*Levanta irmão pecador  
Da cama que está deitado  
Vem ver Jesus em tormento  
Por causa dos teus pecados*

*Levanta irmão pecador  
Humilde tão paciente  
Sai fora com tua cruz  
Acompanha os penitentes*

*Pecador a penitência  
Deve ser de contrição  
Pois não se pode obrigar  
A quem não tem coração*

*Penitência filho de Deus  
Não queira se arrepender  
Que a penitência tarde  
Nunca mais pode valer*

*As almas do purgatório  
Não pensavam de lá ir  
Fazei por não pecar  
Se lá for ai de ti*

*As almas do purgatório  
Igual nós tiveram vida  
Por não fazer penitência  
Lá choram de arrependidas*

*Pecador é tempo agora  
Que meu Jesus já vem perto  
Vem a tua alma buscar  
Com seus braços abertos*

*Meu anjo meu redentor  
Prostado eu vos adoro  
Um Pai Nosso e Ave Maria  
As almas do purgatório*

*Oferecemos este bendito  
À Santa Cruz do senhor  
Para que roguemos a Jesus  
Em favor de um pecador<sup>30</sup>*

A comunicação é realizada sempre com o decurião. É com o mestre que se faz a encomenda: combina local, horário e a quantidade de pessoas que participam. Essas

---

<sup>30</sup> Bendito presente no Caderno 1 do Bloco 28 (referência própria). Características do caderno: sem capa; desgaste nas pontas; escrito “Formosa éis” / “Tu vai tirar o pranto” na primeira folha.

informações todas só chegam no grupo no dia marcado, já ao redor do cruzeiro e logo depois do alerta, quando estão todos preparados para a viagem – a caminhada. Quem tinha que chegar, já chegou. O próximo passo é escutar os conselhos e advertências do decurião.

Na preleção, o decurião informa o local de destino, a duração da viagem e todo o itinerário. Vocês aqui ficam com a segunda voz, vocês ali cuidem de não desafinar. Vamos todos num passo só daqui para lá. Também é momento de acertar quais benditos serão entoados. Tem gente que sugere algum do próprio gosto, mas cabe ao decurião dar a palavra final. É ele quem avalia se os benditos escolhidos, bem como todo o planejado, estão consoantes à proposta da noite.

– Olhe, todo mundo rezando, todo mundo respeitando... Aqueles que não souberem, fiquem calados, vão escutando – recomenda Leal toda vida.

O jogo de vozes impostado pelos penitentes na execução dos benditos e orações é firme e ecoa sob diferentes vibrações. Os que ficam mais à frente cantam a primeira voz, geralmente mais grave e compenetrada. Aqueles que se posicionam mais para trás executam a segunda voz, emitindo um som mais fino. Todo o trabalho vocal depende da harmonia das duas melodias e forma uma estrutura delicada e vibrante de sobreposição de movimentos sonoros.

Caminhando ou parados ao pé do cruzeiro, os penitentes, conjuntamente, transformam cada individualidade de timbre num único corpo harmônico, o que faz com que cada grupo assuma um modo de apresentação mais particular, um sotaque próprio. O decurião se habitua com os timbres posicionados a sua volta e busca repetir as posições sempre que possível na tentativa de aprimorar e reforçar características próprias.

De longe, os benditos soam como as conversas surgidas nos plantios de feijão, quando, cada um da sua roça, empenha-se num diálogo longínquo e breve ou como os aboios do tanger pendular das criações, esses mais solitários, pela manhã e no final da tarde: “Êêêêêê, ôôôôôô...”. A irmandade dos penitentes parece realizar nos terços um trabalho de extensão que parte da labuta diária a que estão submetidos.

Todos afinados com as respectivas atribuições e obrigações, tira-se os benditos de saída, geralmente uns três ou quatro. E, na escuridão do cruzeiro, as manchas brancas se organizam e ecoam benditos dolentes e uníssonos que o Aracati trata de espalhar pelas estradas sinuosas e matas retorcidas a volta até chegar, quieto, nas casas simples dos compadres e das comadres.

Porque hoje não se tem mais medo dos penitentes. Não é mais caso de temer os homens encapuchados a procurar por cruzeiros em beiras de estrada. Nem de se esconder por trás das janelas na tentativa de observá-los pelas frestas. Em Aurora, a comunidade parece enxergar os grupos dos penitentes com o olhar respeitoso da tradição religiosa. São conhecidos pela devoção e pelo rigor com que a expressam.<sup>31</sup>

Depois dos benditos de saída, todos vão se afastando de costas, mantendo-se de frente para o cruzeiro e olhando para ele. Antes da partida, há um pedido de misericórdia: abaixados em sinal de humildade perante Deus, beirando o chão e com a mão no peito, entoam o canto na esperança de serem atendidas todas as súplicas e de que prevaleça a clemência divina. Findado o momento do beija-chão, o decurião oferece a guia, a cruz da irmandade, para cada um beijar.

Só então que se colocam em caminhada até o destino onde farão o trabalho. No percurso, nenhum silêncio. Se por apenas alguns metros ou por léguas adiante, o combustível da andança é bendito num pé e noutro.

– Se a viagem for longa, o decurião marca. Se for uma viagem de cem, duzentas braças, ele sabe o tanto de benditos, sabe se dá para cantar um ou dois.

O destino pode ser um outro cruzeiro ou a casa de alguém. No segundo caso, os penitentes chegam e param no lado de fora esperando o dono da moradia os receber. Num breve momento, só se escuta os grilos e o burburinho do punhado de gente aguardando a chegada dos penitentes na expectativa de assistir ao terço. Homens, mulheres, crianças e idosos chegam algumas horas antes e se avizinham no alpendre ou em qualquer batente próximo.

As cadeiras de balanço, as de fio espaguete, não dão conta de acomodar a todos, sendo necessário trazer as cadeiras e os tamboretos da cozinha. Um acontecimento na comunidade, o terço atrai famílias inteiras e gente até de sítios vizinhos. No aguardo dos penitentes, a conversa vai se demorando entre plantio de milho, rendimento do leite das vacas e os últimos capítulos da novela.

Chegada a hora, o dono da casa cumprimenta os penitentes e leva a guia para os aposentos domésticos, onde já está instalada uma mesinha de altar com a toalha mais bonita.

---

<sup>31</sup> Os penitentes com quem conversei comentaram sobre apresentações em locais públicos com boa receptividade. Em conversa, José Cícero da Silva, Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Aurora em abril de 2019, confirma a intenção da gestão municipal em apoiar os grupos sempre que possível.

O mestre entra seguido de todo o grupo, que se instala no recinto.<sup>32</sup> Os de fora, em silêncio, aguardam o convite para também entrarem, embora, dependendo do tamanho do espaço, não sobre muitos lugares para sentar, muitos preferindo assistir a tudo ainda do lado de fora.

Ilustração 24 – Altar preparado para o terço



Fonte: autoria própria

Casa de Geraldo Caboclo, 30 de março de 2018.

---

<sup>32</sup> Ver arquivo de vídeo “Entrada no recinto...”. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1PXX8M57L6x7bpdvpveeQ1riC\\_JmKUx\\_a?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1PXX8M57L6x7bpdvpveeQ1riC_JmKUx_a?usp=sharing). Disponível em: 09 out 2020.

Ilustração 25 – Altar preparado para o terço



Fonte: autoria própria

Casa de Geraldo Caboclo, 30 de março de 2018.

*Ajoelhemos pecador  
E vamos fazer oração  
Que é o redentor divino  
Do sagrado coração<sup>33</sup>*

Ilustração 26 – Penitentes durante o terço



Fonte: autoria própria

Casa de Geraldo Caboclo, 30 de março de 2018.

<sup>33</sup> Ver Apêndice C, p. 149. Estrofe de um bendito cantada por Francisco Leal de Oliveira.

Recomeçam com uns quatro ou cinco pés e já realizam o pedido de misericórdia novamente com o beija-chão e o beija-cruz a fim de iniciar o terço logo depois da oração de apresentação:

*Eu estou na presença de Deus. Ele me vê, me ouve e penetra até o íntimo de minha alma descobrindo nela os meus mais remotos pensamentos e afetos. Ah, como poderei sustentar a face de Deus sendo eu tão miserável pecador quando penso em minha numerosa infidelidade e tantos enormes atentados que tenho cometido contra o meu criador. O temor e o remorso se apoderam de mim. Quase não atrevo a levantar os olhos para o céu. A vós me recorro, ó, Divina Maria. Por toda a parte eu ouço que vós sois o refúgio dos pecadores, a consolação dos aflitos e a Mãe de Misericórdia. Sede, pois, meu refúgio, minha esperança e minha Mãe, alcançai-me o perdão de vosso adorável filho. Piedosíssima Virgem, bem conheceis a minha ignorância e fraqueza. Sem os auxílios da graça, não sou capaz de bem algum nem mesmo posso ter um bom pensamento nem citar um bom sentimento da minha alma. Dignai-vos e ensinai a orar. Afastai de mim toda a distração, derretei o gelo do meu coração e inspirai-me atenção, recolhimento e fervor para fazer esta oração.*<sup>34</sup>

*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, agora é sempre.*

*Deus o salve Maria filha de Deus Pai  
Deus o salve Maria Mãe de Deus Filho  
Deus o salve Maria Esposa do Espírito Santo*

*Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria*

*Ó, Meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem.*

Sendo dia de segunda e quinta-feira, reza-se os mistérios gozosos em lembrança do nascimento de Cristo. Se for em dia de terça-feira, sexta-feira e sábado, mistérios dolorosos em alusão ao sofrimento do Filho de Deus. Nas quartas-feiras e nos domingos, contempla-se os mistérios gloriosos pela ascensão de Jesus ao céu.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Ver Apêndice C, p. 150. Oração declamada por Francisco Leal de Oliveira e encontrada (com divergências sutis) num caderno do Bloco 24 (referência própria) após o título “Ato para antes do terço”. Características do caderno: escrito “Francisco Leal de Oliveira 1947” no topo, à mão; ilustração da capa: jovem casal; marca: Sulamericana.

<sup>35</sup> Essa distribuição dos mistérios no tempo, assim detalhada por Francisco Leal, está em desuso. Na carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (2002) do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis, há recomendação de mudar os mistérios e os respectivos dias da semana na execução do rosário – o “terço” é a justa terça parte dele. A saber: mistérios gozosos (segunda-feira e sábado); mistérios dolorosos (terça-feira e sexta-feira); mistérios gloriosos (quarta-feira e domingo); mistérios luminosos (quinta-feira). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20021016\\_rosarium-virginis-mariae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html) . Acesso em: 27 set 2020.

Como preparação para o Pai Nosso, o decurião canta um pé de bendito que se harmonize com a ocasião. Se for um terço de alegria, de alusão a algum aniversário ou uma graça alcançada, um bendito mais altivo; se é para alguém que morreu ou uma alma que está penando, a escolha é por um trecho mais comovente. Geralmente, é *Oh! Virgem Senhora* ou *Se minha alma bem soubesse*, este sendo o mais enternecedor.

*Oh! Virgem Senhora  
Mãe da piedade  
Livrai-nos das penas  
Da eternidade*

*Por este Senhor  
Que vós tendes nos braços  
Pelas vossas dores  
Dirigi meus passos*

*Dirigi meus passos  
E meus pensamentos  
De devoção eterna  
Dai-me sentimento*

*Dai-me sentimento  
Dai-me contrição  
Abraçai de amor  
Cada coração*

*Nosso coração  
É ingrato e traidor  
É tão desleal  
Ao meu redentor*

*Nosso Redentor  
Que pra nos salvar  
No lenho da cruz  
Deixou de cravar*

*Deixou se cravar  
Entre dois ladrões  
Pra satisfazer  
As nossas paixões*

*As nossas paixões  
Oh! Virgem Maria  
Desterrai Senhora  
Por vossa valia*

*Por nossa valia  
E por vosso amor*

*Alcançai-nos paz  
Com nosso Senhor*

*Com nosso Senhor  
Convosco também  
Levai-nos à glória  
Para sempre amém<sup>36</sup>*

\*

*Na forte coluna, Jesus foi atado  
E todo sangrento seu corpo sagrado  
E todo sangrento seu corpo sagrado<sup>37</sup>*

\*

O terço segue com o Pai Nosso e os cinco mistérios, cada um encerrando com um bendito. O primeiro mistério quem tira é o decurião, e os penitentes postados atrás respondem. Um chama a primeira parte das orações e os demais respondem com a segunda. Do segundo ao quarto mistério, há uma alternância definida previamente de quem os tira. O quinto e último costuma ser puxado pelos penitentes de trás, ficando a resposta por parte dos da frente.

Nessa dança de vozes, chamadas e respostas, no lá e cá de sons, pai nossos e ave-marias, o terço toma corpo num misto de declamação e canto intimamente coordenado. É momento de fazer sobressair o propósito do momento pela repetição, ordenamento e exercício de fé.

*Ó, meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno; levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem.<sup>38</sup>*

Os cinco mistérios se pronunciam rapidamente até que o decurião puxa a ladainha cantada em latim:

*Kýrie, eléison  
Christie, eléison  
Kýrie, eléison  
Christie, audi nos*

<sup>36</sup> Bendito encontrado no Caderno 2 do Bloco 21 (referência própria). Características do caderno: sem grampos; muito deteriorado; bordas amassadas e carcomidas.

<sup>37</sup> Ver Apêndice C, p. 151.

<sup>38</sup> Jaculatória feita entre os mistérios do terço.

*Pater de caelis Deus  
Miserére nobis<sup>39</sup>*

A ladainha, seguida pela oração da Salve Rainha, prenuncia as etapas derradeiras do trabalho e introduz a altura catártica do penitente que se sente chamado a usar a arma da disciplina. É chegado o momento do pranto, da desobriga, da metanoia manchada de sangue, que, apesar de não obrigatória, pode ser proposta pelo decurião em ocasiões específicas. O penitente desejoso do cumprimento da autoflagelação tem no momento de alusão ao pranto de Nossa Senhora a oportunidade da expiação dos próprios pecados e do ato radical de sacrifício pela salvação da humanidade inteira (CARVALHO, 2011; OLIVEIRA, 1985). Muitos o fazem em casa, na solitude das orações individuais, mas é no trabalho entre os irmãos onde a penitência se mostra num tom ritualístico próprio.

Os que vão derramar retiram a bata, que permanecerá limpa para o restante da noite e para o caminho de volta. A camisa de baixo também é retirada e amarrada na cintura para proteger a calça do derramamento. A clareira se abre no centro e o pranto começa:

1

*Estava a mãe dolorosa  
Junto ao pé da cruz chorosa  
Enquanto seu filho pendia  
Sua alma cruel espada  
Nela foi profetizada  
Tiranamente o feria*

2

*Tão triste e tão aflita  
Estava Virgem bendita  
A mãe do nosso Redentor  
A qual chorava e gemia  
Pelas penas cruel via  
De Jesus seu doce amor<sup>40</sup>*

As dez estrofes do Pranto de Nossa Senhora lembram a dor da mãe de Jesus ao vê-lo pregado na cruz. Por essa lembrança e por reviver a paixão do filho, suplica-se pelo amparo no julgamento do último dia na esperança da graça eterna.

3

*Quem não sentia e chorava  
Vendo a mãe de Deus penar  
De dores tão transpassada*

<sup>39</sup> Ladainha de Nossa Senhora em latim; encontrada nos cadernos de Francisco Leal em duas ocasiões: caderno 1 do Bloco 7 (referência própria) e caderno do Bloco 22 (referência própria).

<sup>40</sup> Primeiras estrofes do Pranto de Nossa Senhora, apresentado por completo nas páginas adiante; entre os cadernos de Francisco Leal, está presente nos Blocos 03, 19, 21 e 24 (referência própria).

*Quem não se entristece  
Ou se não compadece  
De uma tão penalizada*

4

*Viu que depois de açoitado  
Foi em uma cruz pregado  
Jesus seu filho inocente  
Viu mais a Jesus querido  
Espedaçado e ferido  
Morrer por nós cruelmente*

Um dos pés fica mais à frente que é para o tronco, levemente curvado, ir se balançando no manejo preciso. A mão segura o cordão da disciplina na frente do corpo, na altura do peito, e controla, sob movimento pendular com a munheca, a alternância das lâminas ora pelo lado esquerdo das costas, ora pelo lado direito. A postura corporal, o manejo, o rigor no método: todo o cuidado é necessário para que o corte atinja apenas a carne e nunca chegue no espinhaço, onde a dor é mais forte e a ferida demora a sarar.

5

*Dai-me mãe fonte de amor  
Parti destas vossas dores  
Para convosco eu chorar  
Fazei que meu coração  
Sentindo esta paixão  
Com dores seja estalada*

6

*Meu peito duro abriu  
Dentro as chagas imprimir  
De Jesus vossa doçura  
Fazei que eu morra de amor  
Por Jesus as vossas dores  
Sinta com grande amargura*

Aqueles que não se disciplinam entoam forte o bendito e só param quando o decurião anunciar. Enquanto o mestre permitir, a ferida vai se alargando no dorso. Começa com uma vermelhidão, que vai escurecendo até ferir de vez a ponto de o sangue brotar dos cortes diminutos e, mais profundamente, passar a escorrer pelas costelas até descansar na camisa de contenção amarrada à cintura.

7

*Fazei que nestes tormentos  
De Jesus meus pensamentos  
Se empreguem enquanto eu viver*

*Junto à cruz eu quero estar  
Para vos acompanhar  
Neste pranto até morrer*

8

*Chorar convosco eu quisera  
Hoje, ó, Virgem, quem me dera  
Morrer também por Jesus  
Fazei que eu sentindo a morte  
De Jesus eu tenha a sorte  
Que me alcance nesta cruz*

A frequência dos golpes não diminui e o sangue que só brotava passa a se acumular e se espalhar a cada nova navalha na carne. Mais de perto, é possível escutar os salpicos gravando as paredes em volta como se pincéis fossem usados para chuveirar o ambiente de gotas e traços vermelhos. O bendito continua, e o pranto não é só de Nossa Senhora. A respiração acelera e entra em sincronia com o rasgar da pele. As costas arqueiam ainda mais e escancaram o cansaço. A penumbra corrobora o estado de sacrifício. Velas, vozes graves, vozes agudas. O açoite voluntarioso precisa de um fim.

– Parem.

9

*Por esta chaga ferida  
E também na cruz unida  
Desejo, ó, Virgem Maria  
Peço para não ser desamparado  
Por vós quando eu for julgado  
No meu último dia*

10

*Pela morte e pela cruz  
Que padeceu meu Jesus  
Do inferno dai-nos a vitória  
Dai-nos graça finalmente  
Para eu morrer felizmente  
De vos ver na eterna glória*

## Ilustração 27 – A disciplina



Fonte: autoria própria

Casa de Geraldo Caboclo, 30 de março de 2018.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Ver arquivo de vídeo “Disciplina...”. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1PXX8M57L6x7bpdvpveeQ1riC\\_JmKUx\\_a?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1PXX8M57L6x7bpdvpveeQ1riC_JmKUx_a?usp=sharing). Disponível em: 09 out 2020.

Ilustração 28 – Marcas do sangue aspergido na parede após a aplicação da disciplina



Fonte: autoria própria

Casa de Geraldo Caboclo, 30 de março de 2018.

Depois do sacrifício, as súplicas, ocasião em que se pede para aqueles que estão em agonia, para as almas mais abandonadas, numa terna demonstração da vocação dos penitentes para olhar os perdidos e desamparados, aqueles que estão em sofrimento profundo e em busca da absolvição divina.

Dá-se prosseguimento, então, com uma série de benditos. Entre os mais comumente cantados, estão “Meu Senhor Amado”, o “Bendito da Paixão” e o “Senhor Deus”, este último com muitos versos. O decurião vai puxando conforme a conveniência do tempo estipulado. Mais adiante, vem a Oração de São Bernardo, a Consagração de Nossa Senhora, a invocação do Divino Espírito Santo e, se dentro de uma casa, o pedido de proteção ao Coração de Jesus – proteger quando tivermos acordados e amparar quando tivermos dormindo.

Caminhando para o encerramento, segue-se com o Ato de Contrição, o Ato de Fé e o Santo Anjo do Senhor:

*Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarda, me governa e me ilumina.*<sup>42</sup>

É chegado, então, o momento de agradecimentos:

– Meu Deus, já é tarde. Já terminou o dia. Tudo é dom de Deus. Preciso te dizer agora “muito obrigado”. Muito obrigado por todos que estão aí. Pelos filhos, pelos parentes, pelos penitentes, pelos ausentes e pelos que morreram. Peço perdão por aquilo que podia ter feito e não fiz. Mas, amanhã, se eu tiver uma nova oportunidade, eu farei.

*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*  
*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*  
*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*<sup>43</sup>

Após as últimas jaculatórias, reza-se a oração do término para, então, cantar o Bendito de Beijar:

*Vamos já beijar*  
*Nosso Bom Jesus*  
*Só Ele é quem pode*  
*Com o peso da cruz*

*Jesus é meu*  
*E eu sou de Jesus*  
*Jesus vai comigo*  
*E eu vou com Jesus*

*Jesus vai comigo*  
*No meu coração*  
*E aceitai, Senhora,*  
*Esta devoção*<sup>44</sup>

Vagarosamente, cada um se aproxima, beija a guia, beija o altar e volta para o canto onde estava. Os últimos a realizarem o “beija a cruz” são os três mais à frente, o decurião e os dois auxiliares, que, logo em seguida, pedem misericórdia sendo imitados pelos demais, no que encerra, definitivamente, o trabalho dos penitentes.

Se o terço dos penitentes acontece numa casa, a noite ainda reserva uma tradição. Findado o momento litúrgico, o silêncio reina no recinto e todos ficam esperando qualquer burburinho que possa ser identificado como vindo da cozinha. Do tempo de se preparar para a

<sup>42</sup> Ver Apêndice C, p. 154. Oração do Santo Anjo.

<sup>43</sup> Ver Apêndice C, p. 157. Jaculatória

<sup>44</sup> Bendito encontrado nos cadernos de Francisco Leal: blocos 3, 21 e 24 (referência própria)

reza, caminhar até o cruzeiro, caminhar até o destino e trabalhar na penitência, já se vão boas horas e o estômago tende a reclamar.

Na maior educação, todos esperam em silêncio até que os donos da casa surjam carregando um panelão de sopa, que vai abrindo uma clareira no amontoado de homens cansados e famintos. O serviço é no chão, mesmo. Cada qual pegando seu prato e sua colher, ligeiro se forma uma pequena fila para apanhar a janta. Tudo muito ordeiro e organizado. Tão logo as primeiras colheradas vão sendo degustadas, a sisudez dá vez a um semblante sereno e risonho, a conversa já vai rolando solta e as gaitadas se escapolem pelas janelas.

\*

Tudo preparado com tanto gosto pelos donos da casa. Ninguém podia mensurar tanto esmero. A luta começou foi cedo. Quatro da manhã e a lenha sequinha já flamejava no fogão para arder a água do café. Só presta pegando fogo e bem forte. Aliás, não só café. A comida que fosse, se almoço, janta ou merenda, só comia fumaçando.

– Um dia essa tua língua cai queimada, cristão. Tu não presta atenção, não, pra tu ver.

Era mais chato com café. Chegava nos cantos e envergonhava toda a família reclamando da frieza do lanche.

– Oxe! Frio? E é? Não acredito, não. Acabei de passar, homem de Deus.

Onde já se viu chegar na casa dos outros e ainda sair falando da quentura das coisas. Pode ser até na casa da mãe. Isso não se faz. Até porque é coisa dele. O doutor na cidade já disse que não tem nada que possa ser feito. As papilas gustativas todas íntegras, nenhum sinal de descompasso do ponto de vista biológico. O homem todo saudável. Verdade: meio franzino. Mas tudo nos conformes.

– Isso é coisa do psicológico. É a maneira dele de se mostrar mais forte. Carece de preocupação nenhuma. Doente, garanto que não é. O diagnóstico mais preciso é que é um chato da maior espécie.

Diz que era meio complexado, mesmo. Descontava tudo na temperatura das coisas. Esposa e filhos, depois de uns anos, tentavam se virar como podiam. O café saía do fogo e cada um que inventava um fuxico para não ser obrigado a tomar de uma vez. Até língua do efe saía.

– Feita, feu Feus. Fou fogo fomar fessa felícia fe fafé.

Com comida, a mesma desgraça. Ô, homem chato. Era comendo e o bodejo escorrendo pela boca.

– Me desculpe aí, mas é que aqui ninguém tem língua de couro, não. Chegue mais cedo da próxima vez.

Dia de reza era uma tensão. Todo ano, chamava os penitentes para rezarem um terço de ação de graças. Recuperou-se de um infarto e agradece todos os dias pela vida que Deus mantém. Mês de março tem o terço pela graça alcançada. Faz questão de convidar a todos e receber os penitentes com toda a atenção.

Todos na casa ajudam. Depois do café de manhã, cada um inicia sua tarefa: limpar a sala, debulhar milho, cozinhar o capão. Fica tudo nos trinques. Os penitentes saem todos satisfeitos com o tratamento recebido. O dono da casa só estranha que demorem demais para jantar no final da reza. É que comida vem da cozinha arrastando um fumaceiro do tamanho do mundo.

– Mestre, chama os homens para comer. Ô, povo educado. Sintam-se em casa e se sirvam à vontade, meus amigos. Está tudo bem quentinho.

\*

Tendo todos saciado a fome, os donos da casa agradecem e, enfim, os penitentes retribuem com um bendito.

*Deus lhe pague a sua esmola  
Deus lhe dê a salvação  
E acompanha Deus eterno  
E a Virgem da Conceição<sup>45</sup>*

O decurião segura a guia como sinal de que a saída é iminente. É sempre o primeiro a deixar o recinto seguido primeiro pelos dois ajudantes e depois pelos demais em fila. Como na saída do cruzeiro, os primeiros passos são dados de costas, só depois é que aprumam o sentido, o mestre sempre orientando.

*Ô, irmão, adeus  
Vamos nos embora  
Nos encomende a Meu Deus*

---

<sup>45</sup> Ver Apêndice C, p. 155. Primeira estrofe do bendito cantada por Francisco Leal. Também encontrada por completo nos cadernos: blocos 03 e 24 (referência própria).

*E a Nossa Senhora*

*Vai embora, irmão  
Cumprir tuas penitências  
De contrição  
Que alcançará de Deus  
Um feliz perdão  
Pelo amor de Deus*

*Ô, irmão, adeus  
Vamos nos embora  
Nos encomende a Meu Deus  
E a Nossa Senhora*

*Eu bem sei, Senhora  
Que eu fui culpado  
Neste continente  
Estou sendo açoitado*

*O sangue é tanto  
Que já faz honrar  
Perdoai, Senhora  
Este pecador*

*O sangue é tanto  
Que dá agonia  
Perdoai, Senhora  
Hoje, neste dia<sup>46</sup>*

Na caminhada de volta, os benditos vão sendo tirados a gosto, podendo qualquer um ser contemplado. O tamanho da estrada baliza quantos serão puxados. O repertório depende da bagagem de cada grupo.

01

*O senhor daquela casa  
Que dentro dela entremos  
Vinhemos contando os passos  
Meu Senhor que aqui trazemos*

02

*O Senhor que aqui trazemos  
É um Deus de alegria  
Manuel da Vera Cruz  
Filho da Virgem Maria*

03

---

<sup>46</sup> Primeira estrofe do bendito cantada por Francisco Leal de Oliveira (Ver Apêndice C, p. 156). Encontrado por completo no caderno do bloco 03 (referência própria).

*Quem quiser saber de certo  
Assuba naquele ermo  
Vai ver a rua alagada  
De seu sangue verdadeiro  
04*

*Que queres com Manuel  
Que tanto orais por ele  
Manuel está na glória  
Bem aventurado ele  
05*

*Jesus Cristo carrega um madeiro  
Uma cruz grande e pesada  
Um madeiro como novo  
Cada passo ajoelhado  
06*

*Me ajude aqui Simão  
Sim, Senhor, ajudarei  
Estas são as cinco chagas  
Que por ela eu passarei  
07*

*Me ajude aqui Simão  
Outra vez te pedirei  
Por morte Paixão de Cristo  
Que por ela passarei  
08*

*Santa Madalena escreveu uma carta  
Uma carta a Jesus Cristo  
O portador desta carta  
Foi o frade São Francisco  
09*

*Foi o frade São Francisco  
Vestidinho de amurel  
Para receber as chagas  
Do divino Manuel  
10*

*Chegou Santa Catarina  
Com um favinho de mel  
Para adoçar a papinha  
Do divino Manuel  
11*

*O sol quando vem saindo  
Com os seus raios no arrebol  
Jesus Cristo quando nasceu  
Resplandeceu mais do que o sol  
12*

*Oferecemos este bendito  
Ao senhor daquela cruz  
Pela intenção dos padres (...)*

*Pelas chagas de Jesus*<sup>47</sup>

Chegando ao cruzeiro, ainda estão todos devidamente paramentados. O trabalho só termina depois do beijo na guia, quando se permite, então, despir-se da opa e do barrete. Nesse ponto, já se vão facilmente uma hora e meia ou duas horas de serviços, e sem cobrar um tostão sequer. A tradição desses homens de fé é eivada de esforços, físicos e mentais. Até voltarem cada um para suas casas, cada etapa de trabalho, a começar pelo dia de labuta no campo, é cumprida com dedicação e sacrifícios difíceis de mensurar.

*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*  
*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*  
*Ó, Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*<sup>48</sup>

*Acorda irmão pecador*  
*Contrito dizendo assim*  
*Pequei senhor, pequei*  
*Tende misericórdia de mim*

*Levanta irmão pecador*  
*Da cama que está deitado*  
*Vem ver Jesus em tormento*  
*Por causa dos teus pecados*

*Levanta irmão pecador*  
*Humilde tão paciente*  
*Sai fora com tua cruz*  
*Acompanha os penitentes*

*Pecador a penitência*  
*Deve ser de contrição*  
*Pois não se pode obrigar*  
*A quem não tem coração*

*Penitência filho de Deus*  
*Não queira se arrepender*  
*Que a penitência tarde*  
*Nunca mais pode valer*

*As almas do purgatório*  
*Não pensavam de lá ir*  
*Fazei por não pecar*  
*Se lá for ai de ti*

<sup>47</sup> Encontrado por completo nos cadernos dos blocos 03 e 24 (referência própria).

<sup>48</sup> Ver Apêndice C, p. 154. Oração citada por Francisco Leal de Oliveira como indicação da chegada no cruzeiro.

*As almas do purgatório  
Igual nós tiveram vida  
Por não fazer penitência  
Lá choram de arrependidas*

*Pecador é tempo agora  
Que meu Jesus já vem perto  
Vem a tua alma buscar  
Com seus braços abertos*

*Meu anjo meu redentor  
Prostado eu vos adoro  
Um Pai Nosso e Ave Maria  
As almas do purgatório*

*Oferecemos este bendito  
A santa cruz do senhor  
Para que roguemos a Jesus  
Em favor de um pecador<sup>49</sup>*

---

<sup>49</sup> Bendito encontrado nos cadernos de Francisco Leal: blocos 03, 21, 24 e 28 (referência própria).

## 8 A LIDA COM OS CADERNOS

Diretório: Fixas [1 a 10] > Fitas 6 a 10 > Fita 6-14-11 > penitentes fita 06 – Clip 001.avi<sup>50</sup>

Transcrição: Regis Torquato de A. Tavares

[00:55:28]

**Wellington:** O senhor quer umas pastas para guardar isso?

**Francisco:** Que::ro.

**Wellington:** Vou trazer umas pasta para o senhor, porque aí fica mais fácil para o senhor colecionar, né?

**Francisco:** É... Certo... Hoje meu serviço é trabalhar nisso aí... ((pausa)) Meu Deus, se eu achasse aquele verso...

[00:55:55]

**Wellington:** Tá boa essa manga? ((pausa)) Tá doce? ((tem uma menina na sala comendo manga))

**Francisco:** ((procurando algo e chateado por não estar encontrando)) Eu não sei onde é que está... O casamento... Isso aqui... Eu tenho coisa... Se nós fôssemos procurar... Olha isso aqui como é. ((aponta para um armário repleto de cadernos e folhas soltas)).

**Wellington:** O que é isso aqui?

**Francisco:** Isso aí é só quando eu for ajeitar...

**Wellington:** Mas aí não tem bendito, não, né?

**Francisco:** Tem não.

**Wellington:** Os benditos estão mais aqui.

**Francisco:** É.

**Wellington:** Então vamos fazer o seguinte... Os benditos estão aqui em baixo... Então vamos fazer o seguinte: em março eu venho aqui de novo. Porque aí, daqui pra lá...

**Francisco:** Ah, eu garanto.

---

<sup>50</sup> Referência à localização do vídeo arquivado no diretório virtual de Antonio Wellington de Oliveira Junior. Tive acesso ao diretório para transcrever algumas entrevistas com Francisco Leal e outros penitentes. No caso, a fita 6 (de 10) tem o arquivo nomeado “penitentes fita 06 – Clip 001.avi”. A fim de padronizar as transcrições e as intervenções textuais nela presentes, criei um guia (ver Apêndice A).

\*

Numa das arestas da sala, na da quina do oitão com a frente da casa, as quatro prateleiras não dão conta. E os remédios? E a caixa do rádio? E a caixa do ventilador rajada turbo? O próprio rajada turbo na prateleira logo abaixo concorre com o que mais interessa a Francisco Leal. Há muito o que acomodar para uma única estante. A pasta do creme dental Sorriso e as velas precisam estar ali. O roteador da distribuição dos sinais sem fio idem. Os cadernos devem se contentar com os dois compartimentos inferiores e assim ficam sem muita cerimônia. Amontoados, mas não desleixados. Pastas, pequenas caixas de papel. Aquele gancho de ferro para estender o punho da rede entre um armador e outro é quem segura uma das pilhas.

Todo o estado de sobreposição de folhas e arames obrigam o esparramar das pautas no recinto. Ao lado, o móvel da televisão recebe uns dois montes fugidos. Aparelho de DVD e decodificador de parabólica são poupados, bem puderam. Os mais astutos pulam para a mesa do canto direito, que, embora não se encaixe no espaço, cumpre o fundamental propósito de desafogo da estante. Toma metade da entrada do quarto e nem se abala. Até compõe o enquadramento pela toalha que serve de forro conversando com o lençol que divide os dois cômodos, tudo bem floreado. Livros e cadernos atados pelo desgaste do tempo; repousos da poeira coada pela janela do nascente e dos raios de pó que espetam o telhado.

- Seu Francisco, o senhor tem o hábito de escrever todo dia?
- Eu escrevo direto. Eu, sem uma caneta e sem um livro, eu estou desarmado.
- Fica direto no bolso, é?
- Direto no bolso.
- Haja caderno!<sup>51</sup>

Muitos. Muitos, mesmo. Tamanhos diferentes, capas diversas, estados de conservação difíceis de mensurar. Acreditei em Leal quando afirmou ter o hábito de escrever todo santo dia. Dias depois, num gesto carregado de generosidade e confiança, recebi uma mala grande de viagem abarrotada dos cadernos do penitente. Era 2018 ainda.

– Só peço que me devolva a mala – exigiu carinhosamente o orientador, que a recebeu na semana seguinte.

Adquiriti minha própria mala de guardar cadernos delicados. Não das mais robustas nem das mais sofisticadas, mas as rodinhas lhe caem bem de um cômodo a outro aqui em

---

<sup>51</sup> Ver Apêndice C, p. 161-162.

casa. Nos primeiros dias, ficou na sala. No chão, pois não possuía móvel algum que acomodasse sua imensidão. Chegava do trabalho e sentava ao lado como criança diante do baú de brinquedos. Cruzava até as pernas na posição de borboletas antes de puxar o zíper. A tampa recostada na parede e, enfim, tudo ao alcance.

Requeria certo treino suportar o peso daquele baú por um tempo e me sujeitei a toda sorte de técnicas. Alongamento, respiração. Puxe o ar que puder, mantenha a coluna sempre aprumada. Olha a lombar. Pauta demais. Expectativa demais.

– Vai sem pressa, rapaz.

O peso foi aliviando só com o tempo. O conteúdo dos cadernos foi se revelando e despertando outros sentimentos e ideias. A sensação de responsabilidade de lidar com material tão particular foi se confundindo com a de privilégio por ter acesso irrestrito a cada frágil folha intervinda por Francisco Leal há muito tempo: poesias, canções litúrgicas, correspondências, listas financeiras, contas matemáticas, discursos, atas, requisições, rezas, benditos, oração para antes das refeições, oração para depois das refeições, previsão dos jogadores para o campeonato de futebol, curso de capacitação, orientação para escrita...

\*

### Escrita

*Orientação para escrita*

*Posição do aluno*

*Como pegar no lápis*

*Exercício muscular “escrita de letras”*

*No ar, na palma da mão, na carteira, no caderno.*

*Professor(a) vai escrevendo cada letra no quadro giz<sup>52</sup>*

\*

---

<sup>52</sup> Excerto encontrado no caderno 2 do Bloco 25. O caderno está bem deteriorado. Está sem capa e as folhas emaranhadas no arame. Exige um manuseio mais delicado, principalmente na passagem das folhas – melhor não forçar. A maior parte do caderno parece ser um manual de gerenciamento escolar. Os parágrafos seguem, como numa cartilha, explicitando os pormenores da vida escolar, do nascimento da escola ao cotidiano dela. Alguns títulos encontrados: Direção; Ficha de matrícula; Edifício Escolar; Mobiliário escolar; Arquitetura; Normas quanto à sala de aula; Formação de classes; Horários; Filosofia da Educação; Relação com as famílias; Disciplina Escolar; Órgãos consultivos; A educação dos excepcionais; Grupo-Escolar; Plano para alfabetização.

Os cadernos se encontravam em invólucros plásticos transparentes, alguns solitários e outros em blocos de dois ou três. A maioria dos exemplares continha um pedaço pequeno de papel branco contendo informações quanto ao número de folhas

Em vão, procurei por referenciais cronológicos. Buscava traçar qualquer linha temporal numa tentativa de organizar e planejar o processo de pesquisa. Muito pouco. Quase nada. Uma carta aqui, uma referência a um prefeito acolá. Nada que me valesse substancialmente para uma estratégia de arrumação. Perdido, optei por criar os próprios parâmetros a partir do que já estava posto. Os cadernos sem arame puderam se distribuir facilmente numa pasta de colecionador; os pequenos blocos em sacos plásticos assim permaneceram. Mais fácil do que sempre pareceu. Já tinha os blocos. Bastava fichá-los.

Numerei cada bloco. Não conseguia identificar qualquer padrão com que pudesse me agarrar, então criei uma referência arbitrária para, a partir dela, estabelecer coordenadas. Sequencialmente, números foram gravados à caneta sobre um pedaço de fita adesiva acrílica fixado no lado externo de cada saco plástico. Estando os blocos numerados, foi preciso identificar o conteúdo deles por características físicas a fim de os diferenciar. Medi todos os cadernos e busquei informações nas capas ou nas folhas que os distinguissem definitivamente. Os códigos FV e F se referem a uma marcação já presente nos invólucros, feitas por outras pessoas antes de mim, indicando, respectivamente, a quantidade de folhas preenchidas na frente e no verso ou apenas na frente.

## Ilustração 29 – Ficha dos Cadernos de Francisco Leal de Oliveira

<p><b>Bloco 1</b> Caderno costurado com pregos “Pecador repara...” Tamanho: 10 cm x 16 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 10</b> 7 FV Morte de minha irmã Tamanho: 16 cm x 22 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 19</b> Encontrei Nossa Senhora Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>
<p><b>Bloco 2</b> 20FV + 1F Seu Chico / Bom dia Tamanho: 17 cm x 25 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 11</b> 1 FV + 3 F Osasco, 25 de janeiro de 1985 Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 20</b> 16 FV + 2 F O Brasil que se vê hoje em dia Tamanho: 15 cm x 20 cm (b x a)</p>
<p><b>Bloco 3</b> 32 FV Oração / Nas vossas mãos Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 12</b> 10 FV + 1 F Frente: Após estes 270 dias que passaram rápidos Verso: abertura da reunião Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 21</b> Água nos olhos de um nordestino Tamanho: 22 cm x 30 cm (b x a)</p>
<p><b>Bloco 4</b> 5 FV Frente: Homem... / É senhor da sua vontade Verso: Na Saúde Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 13</b> 14 FV + 3 F Regra de fé Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 22</b> Caderno aramado Sports Remédios das plantas Novena / Renovação / S. Coração de Jesus Tamanho: 21 cm x 28 cm</p>
<p><b>Bloco 5</b> 15 FV + 1 F Cerimonial de consagração Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 14</b> 3 FV + 2 F Exmo Senhor Prefeito Municipal Inauguração da obra (escola?) Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 23</b> Seduction (mulher na capa)</p>
<p><b>Bloco 6</b> 9 FV + 2 F Bendito / Se eu não pecar meu Deus Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 15</b> 1 FV + 2 F A base fundamental e a pedra angular Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 24</b> Cadeno aramado Francisco Leal de Oliveira, 1947 Benditos / quarta feira santa de 1947] Tamanho: 22 cm x 29 cm (b x a)</p>
<p><b>Bloco 7</b> 25 fV + 5 f 17 fV + 4 f 22 fV 25 f 4 cadernos Oração – do livro da novena Tamanho: 14,5 cm x 20 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 16</b> 49 fV + 17 f Caderno aramado Paisagens Amazônia Na capa, à mão, “Ofício das almas / Novena / Orações / Diversas</p>	<p><b>Bloco 25</b> Caderno grande (capa de Luiz Olinto)</p>
<p><b>Bloco 8</b> 14 FV + 1 F Preparação = Cântico Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 17</b> Caderno aramado “Silvandete” Rezas para curas Tamanho: 14,5 cm x 20 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 26</b> Caderno grande Sesi por um Brasil alfabetizado</p>
<p><b>Bloco 9</b> 4 FV Fé / Antes da vinda do espírito santo aos apóstoles Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 18</b> 22 FV + 2 F Ave Maria Mãe de Jesus Tamanho: 15 cm x 21 cm (b x a)</p>	<p><b>Bloco 27</b> Depois que o analfabeto votou pela 1ª vez tudo ficou diferente Tamanho: 16 cm x 25 cm (b x a)</p>
		<p><b>Bloco 28</b> Caderno grande Matéria: Religião Nome: Francisco Leal Curso: Direitos Humanos</p>

Fonte: autoria própria

\*

de: **Regis Torquato** <registorquato@gmail.com>  
para: amanda.pinheiro@ufc.br  
data: 23 de mai. de 2018 07:02  
assunto: Manuseio e conservação de cadernos -  
Pesquisa com os penitentes

Bom dia, Amanda.

Conforme conversa prévia, venho explicar resumidamente a origem e o propósito dos cadernos dos penitentes para que possamos trabalhar neles mais adiante.

Minha pesquisa no Mestrado em Artes do ICA/UFC tem como objeto os penitentes de Aurora (CE). Meu orientador, Prof. Wellington Jr., vem estudando os penitentes há muito tempo e, por volta de 2008, soube da existência de cadernos escritos por um dos penitentes do município de Aurora (CE), o Chico Caboclo. São muitos os cadernos, bem como são muitas as folhas soltas que foram encontradas na casa de Caboclo, que confiou todo esse material ao meu orientador, que, hoje, confia a mim a guarda e conservação do mesmo até que a pesquisa avance.

Entre cadernos escolares amados e folhas soltas, consigo guardá-los em uma caixa de dimensão aproximada de 14cm x 26cm x 36cm (altura x largura x comprimento) e uma caixa de arquivo-morto.

Em breve - meu orientador não soube precisar data -, esses cadernos serão devolvidos a Chico Caboclo. É do nosso interesse, dada a importância do conteúdo dos cadernos, conservar todo o material e realizar sua devolução já com todo o conhecimento em conservação empregado.

**SOBRE NOSSO ENCONTRO DE QUINTA**

Não poderei ir nessa quinta (24/05). Podemos marcar num outro dia? Para mim, seria mais viável na segunda, terça ou quarta pela manhã. Se não der nesses dias, pode sugerir um outro que eu tento me adaptar.

De toda forma, já adianto todos os agradecimentos por sua disponibilidade.

Seguem algumas fotos.

--

Mui cordialmente,

Regis Torquato Tavares

\*

de: **Amanda  
Pinheiro** <amanda.pinheiro@ufc.br>  
para: Regis Torquato  
<registorquato@gmail.com>  
data: 23 de mai. de 2018 17:21  
assunto: Re: Manuseio e conservação de  
cadernos - Pesquisa com os  
penitentes

Olá, Regis!

Analisei as fotos e realmente são obras bem fragilizadas. Vamos, na medida do possível, cuidar delas.

Sobre o nosso encontro, vamos marcar para quarta-feira dia 30/05 às 08:30, tudo bem?

Att.

Amanda Aline Pinheiro

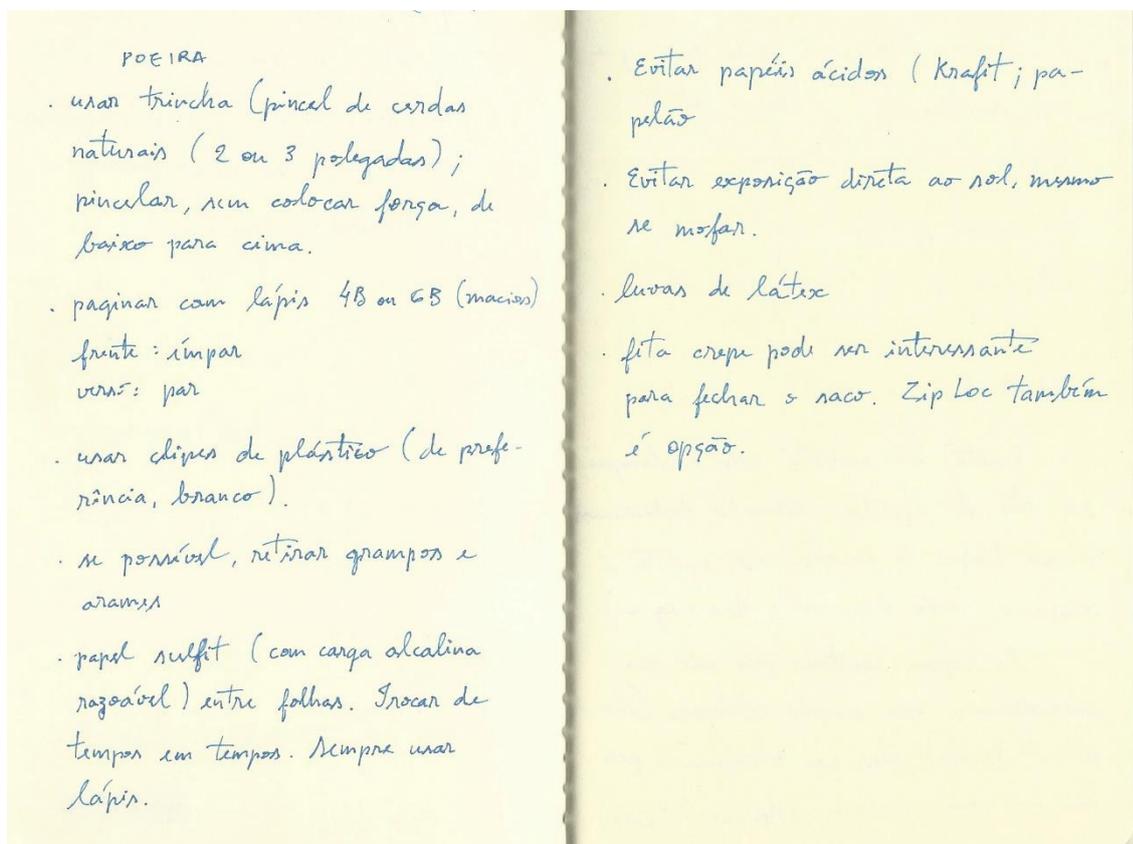
Téc. de Laboratório/Conservação e Restauração

DPRA - Divisão de Preservação do Acervo

Biblioteca Universitária/Universidade Federal do Ceará (UFC)

\*

### Ilustração 30 – Conservação dos cadernos



Fonte: autoria própria

Resultado do encontro com Amanda Pinheiro, técnica de laboratório da Divisão de Preservação do Acervo – Biblioteca da Universidade Federal do Ceará.

\*

## 8.1 Instruções para folhear benditos e outros escritos

De natureza sensível, benditos carecem de zelos extraordinários para que se mantenham íntegros e possam sobreviver dos mais diversos infortúnios que o descaso pode lhes causar. Aqui, dedico-me ao escopo dos benditos documentados por um penitente em cadernos por ora frágeis.

O folheio deve vir acompanhado de registros condizentes com toda a faculdade de se impressionar e se afeiçoar que a ocasião exige, a começar pelo acondicionamento do material, que deve receber suspiros em repetições amiudadas e ao sabor da conveniência precisa entre o que é necessário e o que se consegue de tempo e espaço para a execução da tarefa.

O uso de luvas de látex é recomendado sob risco de conduzir qualquer sorte de gordura que venha a perturbar a inteireza do papel já corrompido. Procure, então, uma mesa de trabalho espaçosa e bem iluminada e providencie uma higienização adequada em toda a superfície. Caso os registros e anotações sejam realizados em computador, certifique-se de que a máquina esteja próxima o suficiente e cubra o teclado de digitação com um plástico filme no intento de evitar transferência de sujidades. Faça com que tais anotações logo se transformem numa ficha detalhada de cada caderno.

O trabalho de folhear não é mero pretexto para conhecer a vida do penitente escritor. É preciso tomar a responsabilidade do processo na incorporação generosa de um pesquisador atento e zeloso tal como o objeto merece. Dispersos, os benditos podem aparecer em conjuntos ou imiscuídos a produções textuais dos mais variados gêneros, reforçando a importância desta empresa.

Prefira trabalhar com blocos separadamente pela simples facilidade de manter a organização. Retire do baú o material a ser folheado e o repouse sobre a mesa, reservando um caderno em específico de cada vez. Sem pressa, passeie por toda a estrutura externa da obra, atentando-se para as ilustrações da capa e contracapa e buscando elementos que a caracterizem distintamente. Analise os cantos, sinta a textura das superfícies e anote tudo o que julgar pertinente ao sabor das impressões particulares.

Em caso de encontrar muita poeira, avalie a necessidade de usar máscara de proteção para nariz e boca. Isso vale como item obrigatório para aqueles mais propensos a doenças otorrinolaringológicas. Vai depender de cada exemplar. Uns exigem mais cuidados que outros até no quanto se permitem ao toque e ao manuseio, mas não se consuma com

exageros ou espírito superprotetor. Concentre-se nas recomendações e aproveite a experiência.

Sem investir força, retire a película imperceptível de poeira com uma trincha de cerdas naturais e mais macias quanto for possível. Atente-se para o movimento do pincel: sempre de baixo para cima, suave e pacientemente. Pincele o papel e cuide de percorrer toda a área, incluindo as pontas, as bordas e o lombo ou aramado. O pelo joga a poeira, úmida, invisível, rasteira, para fora do plano, o que obriga a limpar a região da mesa logo acima do caderno a cada novo exemplar. É a sujidade que expulsamos com esse procedimento a responsável por deteriorar o papel. Portando, faça-o com todo o esmero.

Folheie, então, o caderno. Permita que o papel respire, procure padrões, reconheça a caligrafia, admire a ideia de preencher tantas páginas a próprio punho. Mas folheie sem amassar as bordas, levantando delicadamente a folha antes de, com a outra mão, passá-la adiante. Busque compreender a obra: se apenas benditos e orações, se poesias, cartas ou tarefas escolares. Preste atenção em datas, nomes citados, assinaturas, folhas soltas. A essência do caderno e o que ele pode pronunciar está em todas as páginas.

Volte à primeira folha e faça uso da trincha assim como na área externa. Caso haja segurança para tanto, analise o conteúdo das páginas concomitantemente à limpeza das mesmas. A ordem de leitura pode não importar nessas primeiras pinceladas: de baixo para cima; com certo treino, é possível enxergar minúcias. A depender do estado de deterioração das folhas, é obrigatório o uso de pinça no folheio para não machucar as bordas. Adote uma pinça grande e de ponta arredondada. Depois da trincha, leia atentamente o conteúdo escrito e não esqueça de anotar na ficha aquilo que, ao bel-prazer, entenda como relevante.

Rezas para curas; Oração a São Simão contra raio e coriscos; pedidos de música em programa de rádio; cartelas da Cariri da Sorte; listas de itens emprestados; lista de gastos com café, carne, moto, rede, pomada; mensagem de Dia das Mães; testemunho em cinco parágrafos do empasse da Copa Municipal de 2001; poesia autobiográfica; poesia sobre o ciúme; ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria; oração pelos agonizantes; oração para obter a graça de bem governar a língua; crônica sobre o medo do palavrão; carta ao Senhor José; oração contra bruxedos e feitiçarias em nome do Pai, Filho e Espírito Santo; oração contra qualquer espécie de inimigo e morte repentina; oração de Santo Antônio para ficar invisível; poesia sobre eleições municipais em Aurora; ensinamentos; frases de efeito; textos catequéticos; discursos; benditos; desabafos.

Para consultas futuras, realce os trechos que lhe chamem a atenção na ficha. Opte por escrever a primeira estrofe de benditos e poesias sempre que o tempo permitir. Tome nota,

teça comentários, bodeje impressões, realize pesquisas sobre palavras e orações encontradas, assumo todas as dificuldades e chore se sentir necessidade. Ao final, embale o caderno evitando quaisquer movimentos bruscos. Com as duas mãos, acomode-o no berço confortavelmente junto aos seus. Respire fundo e volte à ficha. É seguro que ela esteja graciosamente bagunçada, mas se apegue às referências contidas.

Em caso de escrita de dissertação, a ficha é auxílio profícuo. Se o penitente recita os primeiros versos de uma poesia ou canta o primeiro pé de um bendito, recorra às anotações e navegue pelos blocos até se deparar com a referência certa: bloco; caderno; começo, meio ou fim. Procure por informações repetidas, compare os textos e se assenhore da segurança protocolar presente nestas instruções para, por fim, obter o refinamento esperado dos folheios de benditos e tantos outros escritos.

## 8.2 Uns sobre os outros

O primeiro bloco é reservado ao exemplar menos tocado até então, o mais deteriorado do acervo: parte das primeiras folhas está carcomida no canto inferior direito e quase a totalidade do conteúdo escrito se encontra pouco inteligível por conta da tinta de caneta borrada. Vê-se que foi encadernado manualmente com linhas – é possível notar os nós nas extremidades do lombo – costurando três volumes de folhas também unidos por três pregos – visíveis na frente pelas cabeças e no verso pelas pontas retorcidas – fincados na mesma região perpendicularmente.

A primeira folha já quase não existe. Da segunda, sumiu a região mais à direita, na linha de corte, numa largura de aproximadamente um dedo. Ainda assim, é possível reconhecer o primeiro verso do bendito “Pecador repara”. Pelas linhas borradas, também é possível identificar que a maior parte das folhas foi preenchida com estrofes de quatro versos agora esfumaçados pelas reações físico-químicas acumuladas.

Grudado entre as últimas folhas, há outro elemento que, lamentavelmente, pouco resistiu à força do tempo. Com extensão de doze centímetros e meio, repousa o que presumo ser, pela largura de 36 milímetros, um negativo de filme fotográfico. De material muito sensível, a película já não registra imagem alguma – se é que um dia tenha o feito –, o que não me impede de a tomar, da mesma maneira que encaro as folhas que a circundam, como parte constituinte da poesia de Francisco Leal.

O exercício rotineiro e paulatino do folheio ajuda a reconhecer a caligrafia do penitente, que não aparece em todos os cadernos. Não somente pelo curso das letras, muito mais pelo gênero textual empregado, alguns exemplos de conteúdo escrito por outros que não Leal são encontrados em cartas como a do segundo bloco. A folha solitária é do mês de julho de 1983 e assinada por Lúcia, uma colega. Ela precisa de mil cruzeiros para ajudar a avó doente e conta com a ajuda de Seu Chico. “Desculpe o desaforo. Fico aguardando uma resposta positiva”, encerra Lúcia depois do pedido que ratifica o papel de liderança que Francisco exerce nos meios por onde circula.

O estado do segundo bloco é ruim, principalmente quanto às últimas folhas. O canto superior esquerdo delas está se desmanchando, o que exige delicadeza extra no manuseio. Ao final, há dois pedaços de papel rasgados cujo conteúdo se repete em relação ao restante do exemplar e reserva um estilo de escrita recorrente no acervo, o das mensagens em tom de discurso – neste caso, uma saudação ao Dia das Mães. O caderno é, então, uma sequência de textos não assinados direcionados às mães do dia 8 de maio de 1983. Todas possuem o mesmo cabeçalho de “Saudação Dia das Mães”. São dezesseis saudações mais algumas frases e versos escritos no final do caderno. Algumas delas são permeadas por lacunas: “Estimadas \_\_\_\_\_, este dia é vosso!”. Dá a entender que se trata de um livro de mensagens-modelo, talvez usado no âmbito escolar a que Francisco Leal se dedicou por tantos anos.

A maior parte dos cadernos possui teor predominantemente religioso, destacando orações e ensinamentos catequéticos além dos muitos benditos. Nesses cadernos, alguns elementos textuais se repetem, a exemplo da palavra “Bendito” – por vezes, abreviada para “Bto” – aparecendo como título do texto ou antecedendo o título, que costuma coincidir com o primeiro verso do cântico. Também em muitos casos, no espaço em branco que sobra no lado direito da página – os versos escritos no lado esquerdo possuem entre seis e oito sílabas poéticas –, há a inscrição da palavra “passado” disposta diagonalmente, intervenção cujo motivo ainda não consegui desvendar.

Outra característica peculiar é a numeração dos benditos, embora cada exemplar adote uma maneira particular de fazê-lo. No bloco 03, a numeração indicada vai do bendito 44 ao 79. Os números estão dispostos no canto superior das páginas e sempre do lado do corte – canto direito nas páginas ímpares e canto esquerdo nas páginas pares. Importante notar que, se o bendito continua nas páginas que seguem, o número vai se repetindo nos cantos subsequentes, não se tratando de paginação, portanto.

Depois de muitos folheios e anotações, percebi que textos se repetem entre os cadernos, o que possibilitou um exercício de comparação revelador da dinamicidade com que os versos se propagam textualmente. Fico me perguntando se, pela assiduidade da escrita e o volume acumulado de textos, não se perdem alguns registros vez ou outra na casa do penitente, obrigando-o, na necessidade de deixar tudo documentado, à feitura de novas cópias repetidas vezes. Impressiona ainda mais que, nas conversas, Francisco Leal anuncie a poética que o circunda de cor e salteado. Sai cantando os benditos num impulso costumaz de quem sabe das coisas. Relembrando o que escutei e li das mesmas orações e cantorias, as variações acontecem tão discretamente que passo a enxergar nelas nessas um jogo divertido de minúcias.

Mantendo a temática religiosa, alguns cadernos concentram orações voltadas a propósitos diversos. Um dos que compõem o bloco 07, o da capa estampada com Luiz Olinto, reúne rezas de cura, a exemplo da Oração a São Marcial contra erisipela, uma doença infecciosa aguda que causa inflamação da pele. O caderno se mostra, então, como um livro de receitas poderosas contra enfermidades específicas – Oração São Hugo contra febre; Oração de São Simão contra raios e coriscos; Oração a São Desiderato para aliviar dores de dente – e contra situações adversas – Oração de Santo Edmundo para preservar de morte violenta e desastre; e Oração contra bruxedos e feitiçarias em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

No mesmo embalo, o bloco 22 acrescenta rezas para diversos outros problemas de saúde: garganta; bronquite; febre; ameba; estômago; dor de barriga; criança fraca; doenças contagiosas; peste; males da vista; abortos; paralisia e apoplexia. Misturadas, seguem orações voltadas para situações mais gerais e carregadas de subjetividades. É o caso da Oração contra mal olhado, bem como da Oração de Santa Clotilde para aflições, situações difíceis, embaraçadas e perigosas, da Oração de São Pancrácio contra falso testemunho, da oração de São João Evangelista contra maus e falsos amigos e da oração de Nossa Senhora desatadora de nós.

Quantas vezes Seu Leal não precisou socorrer conhecidos e desconhecidos de qualquer mal. Porque sabedoria sempre teve e o dom da reza é de nascença. Quantos de nós não precisamos desatar nós e nos livrar de aflições, situações difíceis, embaraçosas e perigosas. Houve um tempo em que os remédios da fé eram mais procurados que as pílulas de Mattos.

– Aidê, botaram quebrante na minha filha. Tu não quer levar ela no rezador que tu conhece, não? Para ele tirar isso da menina?

– Precisa levar lá, não. Eu rezo.

– Oxente, Aidê! E tu sabe rezar?

– O rezador me ensinou tudo. Pode deixar. Eu rezo.

– Que conversa...

*Santa Apolônia, que, por amor de Jesus, fostes martirizada, dizei comigo estas palavras fazendo o sinal da cruz sobre o lugar dolorido.*

*Por minha ordem, afasta-se o mal.*

*Se for uma gota de sangue, secará.*

*Se for um verme ou micróbio, morrerá.*

*Assim seja.<sup>53</sup>*

– Está vendo como eu sei rezar? Essa é a Oração de Santa Apolônia para curar nevralgias e dor de dente. O rezador me ensinou, minha filha. Não quer uma reza? Eu rezo.

– Pois reza nela, Aidê. Pelo amor de Deus, mulher. A bichinha está definhando.

E voinha lá sabia rezar para tirar mal olhado de ninguém. No que viu a aflição da criatura, de certo quis ajudar a espantar os males infligidos na criança, a coitada, sem precisar andar com menina de colo por umas léguas.

– Olhe, eu venho os três dias rezar na criança, mas eu tenho que ficar só mais ela. Não pode entrar ninguém no quarto quando eu estiver rezando.

Assim fez. Fazendo o trabalho na privacidade, ninguém é que iria perceber o dismantelo da reza. Não que ela não soubesse suplicar a Deus. Sabia demais, religiosa que era. Só não conhecia as palavras protocolares próprias das rezadeiras tradicionais. Tinha isso e também um pouquinho de falta de juízo de voinha, que, pelas histórias que nos contava, devia ser a mais espevitada de Aurora e adjacências.

No tempo que ninguém conhecia o que era motocicleta, isso era na infância dela, convenceu a todos de que, quem vinha, há alguns metros, soltando fumaça preta e barulho estrondoso, era, mesmo, a besta-fera. Foi um Deus nos acuda. Menino chorando e correndo sem direção para tudo que era lado na casa, tudo com medo do capiroto.

---

<sup>53</sup> Oração a Santa Apolônia para curar nevralgias e dor de dente; encontrada no caderno do Bloco 22 (referência própria). Características do caderno: capa com ilustração de um lutador e o nome “SPORTS” disposto verticalmente; escrito à mão o seguinte: “Remédios das plantas”; “Novena”; “Renovação”; “S. C. de Jesus”.

– Ah, meu Deus! É a besta-fera. É a besta-fera.

Pois essa mesma criadora de causos, já um pouco mais velha, porém não tão madura, talvez, fez que era rezadeira e, por três dias, foi ao quarto da neném com o raminho de arruda.

– Tu acha que eu sou filha duma égua, é, menina? Passar três dias te carregando atrás de rezador num deserto desse! Sou rezadeira, não, mas você trate de ficar boa, que eu não estou aqui para brincadeira – Aidê falava para a criaturinha fazendo voz rouca e baixa; ou os curiosos do cômodo ao lado escutariam os impropérios.

Diz que voinha caprichou um pouco mais no abano da arruda logo no primeiro dia e, sabiamente, foi administrando o viço da planta nos dias seguintes. No que o ramo esmaeceu fortemente no início, sinal de que, ao menos para os pais da quebrantada, a reza já surtia efeito. A arruda foi murchando cada vez menos e deu todos os indícios de que o mal olhado foi sumindo na menina, graças a Deus.

Ninguém lembra onde, exatamente, aconteceu essa sessão de cura, mas foi em algum sítio próximo de Jitirana, terra natal de Aidê, umas duas léguas do Angico de Cima de Francisco Leal. Contemporânea e conterrânea do penitente, bem que voinha podia ter conhecido a oração contra mau olhado:

\_\_\_\_\_, *se foi mulher, se foi moça ou se foi velha. Se foi negra ou se foi menino quem botou olhado no teu cabelo, na tua cor, nos teus olhos, na tua boniteza, na tua feiura, na tua magreza, nos teus braços, nas tuas pernas, na tua esperteza para que não me dissesse que eu te curaria com os poderes de Deus e da Virgem Maria, com um Pai Nosso e uma Ave Maria.*

\_\_\_\_\_, *Deus te fez, Deus te criou, Deus acanhe quem te acanhou. Olhado vivo, olhado morto, olhado excomungado, vai-te para as ondas do mar sagrado.*

*(Sempre fazendo cruz com 3 ramos de arruda. Terminando, reza o Pai Nosso, 3 Ave Marias e o Glória ao Pai)<sup>54</sup>*

\*

O bloco 04 é composto por um caderno de folhas soltas bem amareladas, mas conservadas. Ele possui registros de provérbios, frases de efeito e ensinamentos curtos em geral, um estilo de texto que Francisco Leal tem grande prazer em divulgar verbalmente nas

<sup>54</sup> Oração contra mal olhado; encontrada no caderno do Bloco 22 (referência própria). Características do caderno: capa com ilustração de um lutador e o nome “SPORTS” disposto verticalmente; escrito à mão o seguinte: “Remédios das plantas”; “Novena”; “Renovação”; “S. C. de Jesus”.

conversas mais amenas na sombra do juazeiro. “Não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer”; “O mundo é um belo livro, mas pouco útil para quem não sabe ler”; “Existe o homem de vontade fraca e de vontade forte. O primeiro promete e o segundo age”; “Tudo aquilo que a gente deseja que as pessoas façam por nós temos que fazer por elas”.<sup>55</sup>

Numas das visitas que fiz ao Angico de Cima, Seu Francisco passou boa parte da manhã com um caderninho parecido nas mãos. Depois de anedotas e charadas, soltou inúmeros provérbios do seu repertório, muitos deles acompanhados de rápida explicação. Lembro bem de um que “Nosso Senhor só dá cambito a quem não tem toucinho para colocar”<sup>56</sup> (Apêndice C, p. 150). Esse provérbio me perturbou por um tempo, pois sequer entendia sua semântica. Conhecía cambito como perna fina e, por mais que forçasse, nada se encaixava com o toucinho.

Conversando com papai, meu consultor de palavras e expressões desconhecidas juntamente com mamãe, entendi que cambito é um pedaço de pau que era usado para pendurar toucinho ou qualquer outra coisa. Papai comentou que, no Batedor, carregavam muita cana-de-açúcar em cambitos por cima dos jumentos. Ainda hoje, Tio Bastião usa. É como um cabo de baladeira, só que bem maior e mais grosso – mais ou menos no calibre de uma canela fina, veja só. Vovô Mundoca tinha um cambito todo especial, diferente, feito de Aroeira, disse ele. Ninguém sabe que fim levou esse cambito, meu Deus?

No final do caderno, há um texto em formato de discurso que mais parece um plano legislativo. Uma lista de reivindicações é apresentada ao prefeito: assistência médica nas comunidades para o pobre que não pode enfrentar fila; olhar especial para os agricultores e para a juventude; amparo aos doentes impossibilitados de trabalhar; apoio e criatividade na área do lazer, incluindo futebol e clubes recreativos; certidões de óbito gratuitas para os que não conseguem pagar.

Leal expõe uma vez mais sua conexão com os problemas da própria aldeia numa demonstração firme de engajamento social voltado para a educação deficiente do campo, para as agruras vividas pelos trabalhadores dependentes da pecuária e agricultura e até para as necessidades recreativas do seu povo. A envergadura de sua liderança extrapola os limites espirituais e reflete o homem afinado com o próprio tempo tanto por circunstâncias locais como por aspectos sociais mais amplos, como se deixa entender pelo último parágrafo do

---

<sup>55</sup> Provérbios encontrados no caderno do Bloco 4 (referência própria). Características do caderno: folhas soltas; aparência bem antiga; bem conservado.

<sup>56</sup> Ver Apêndice C, p. 141 e 146. Francisco Leal de Oliveira em entrevista concedida ao autor em 22 de abril de 2019.

caderno: “Desejo de implantar uma justiça global para todos, com uma segurança ao cidadão e família”.

O bloco 10 reserva poucas folhas soltas e gastas. Na borda esquerda, alguns pontos escuros como que atingidos por fogo. Apesar da aparência ruim, carregam a poesia de 27 estrofes narrando vida e morte de Maria Vilani. “A morte de minha irmã” aborda Vilani desde o nascimento, passando pela experiência como educadora e, por fim, enfrentando a doença que a levou com ainda 24 anos. A poesia dá detalhes do último dia de vida da jovem, que pediu um padre para a confissão e se despediu carinhosamente de toda a família. Depois da assinatura, Francisco registra a hora e data em que termina a vigésima sétima estrofe: Francisco Leal de Oliveira, 2<sup>3o</sup> da noite de 23 de 9/70.

No bloco 11, mais dois exemplos de elementos epistolares, mas sem conexão um com o outro, aparentemente. Há um envelope de bordas verde e amarelas coberto de rabiscos. Escondidas sob os escritos rascunhados, as batidas datilográficas de Maria de Jesus Leal, a remetente: Pra francisco leal de oliveira; Sítio Angico; por mão própria. Junto do envelope, aparecem quatro folhas escritas à mão por Valdete. Trata-se de uma carta de Osasco datada em 25 de janeiro de 1985 e endereçada ao prezado mano Chico.

A irmã Valdete explica que levam uma vida regular, “não de rico, mas de pobres saudáveis”, e lamenta o pai não ter aceitado a viagem para São Paulo. Que Chico o convencesse a viajar mesmo levando a roupa num saco, nas mãos ou não levasse coisa alguma. O importante era que passasse uns dois ou três meses com a filha, que soube das dificuldades da família no sítio. Comovente, a carta de Valdete lembra de outros laços familiares e alguns mal-entendidos. Insiste em explicar cada detalhe ao irmão porque sabe que é quem tem mais facilidade de entender. Por fim, reforça que a casa em São Paulo está sempre aberta e manda lembranças a todos. “Subscreve sua mana Valdete”, termina.

– E essa história de escrever poesia? Começou quando?

– Ah... Esse dom... Desde quando mataram uma menina ali. Eu sempre tive aquele dom, que o povo dizia assim: "Esse aqui vai ser advogado, porque é repentista". Porque uma pessoa dizer alguma coisa para eu ficar calado? É igual a seu Lunga: eu tenho uma resposta para dar. Conforme a pergunta dele, é minha resposta. Nessa época, eu escrevia várias coisas: poesia de saudade, de amor, de tristeza, de tudo.

Leal acompanhou a investigação de um assassinato ocorrido no Sítio Angico. Envolveu-se bastante na história porque a vítima, uma menina chamada Silvani, era sua aluna, bem como o suspeito pelo crime, preso depois da apuração dos fatos. Acompanhar aquela

tragédia tão de perto, inclusive ajudando o delegado nas investigações, rendeu a primeira história que contou em poesia. Aquilo foi um marco. O retrato da menina até compõe a exposição de molduras na parede da sala. Desde Silvani, não parou mais. Pegou gosto para a escrita.

– Mas o senhor lia poesia na época?

– Li muita poesia, mas cheguei a analisar o que era uma poesia e conhecer primeiro o que é o martelo, o que é poesia em dez, o que é poesia em sete. Como é que a pessoa não faz poesia, conhecer como é um erro... Porque, vamos supor, poesia dada a amarrar. São seis versos: o segundo amarra com o quarto e o quarto amarra com o sexto.

Amarrando um verso noutro, Leal já escreveu de tudo um pouco com poesia. Não escolhe tema. Como ele mesmo contou, vê alguma coisa e já corre para versar, das histórias autobiográficas, dos acontecimentos cotidianos dos telejornais, dos familiares falecidos ou dos lugares por onde passou. Os textos mais corriqueiros, mesmo aqueles não versados, carregam consigo a investida poética, a exemplo das mensagens provenientes das atividades no âmbito da escola onde lecionou e dos registros de reuniões comunitárias no Sítio Angico.

No bloco 12<sup>57</sup>, a poesia do penitente se faz presente nos discursos em alusão à conclusão das turmas, como é o caso da mensagem do dia 5 de dezembro de 1988:

*Neste momento disfarçável, reina um tom oculto de melancolia, já sentidas antecipadas saudades que pungem o coração. Jamais poderei esquecer o que fui para vocês. Fiz o que estava em meu alcance. Cumpri o meu dever de professor e de amigo em todo segundo.*

Ainda no mesmo bloco, mas na data de 11 de setembro de 1988, Francisco escreve a abertura de uma reunião em alusão à fundação da associação de moradores do Sítio Angico:

*Em grupo, alcança-se melhores resultados – e mais imediatos – porque há entusiasmo. O entusiasmo pelo que está fazendo leva a pessoa a ficar mais alegre, mais confiante, mais natural, mais independente, mais responsável, mais participante, mais observadora, mais segura.*

---

<sup>57</sup> Características do caderno do Bloco 12: na frente, está escrito “Após estes 270 dias que passaram rápidos”; na última página, está escrito “Verso: abertura da reunião”.

Nos caminhos que enveredo explorando os cadernos, cresce o sentimento de que me aproximo de Leal a cada vez que cavuco o baú de memórias que ajudo a conservar. Compreendo toda a sua pertinácia no exercício da escrita. Escrevemos, nós dois, também para organizar reminiscências, documentar a própria vida partindo de um arcabouço poético a nós inerente. Reparo que nunca cheguei a perguntar por que escrevia tanto. Não é fácil encontrar motivos para devassar a própria vida, mesmo que em papel.



## 9 UM DESFECHO CORRESPONDENTE

Fortaleza, 02 de maio de 2020.

Vovó Marica,

Não sei bem por que escrevo à senhora, vó, mas há muito, muito tempo, ensaio esta missiva. Deixo o tempo correr demais até, enfim, ligar para a senhora e já peço desculpas por isso. Claro que fico sabendo de todas as novidades pelo papai, que mantém contato rotineiro com todos por aí, mas não é a mesma coisa. Talvez a senhora não saiba, é que não tenho grande apreço por ligações telefônicas ou troca de mensagens instantâneas. Acho muito melhor ver, tocar, abraçar, sentir o perfuminho bom que exala das roupas que a senhora usa. Sabia que eu reconheço o cheiro das roupas que são lavadas no Batedor? É só aí que sinto esse cheiro. Vai ver é o amaciante que a senhora usa. Seria um amaciante exclusivo dos melhores mercantis do Barro? Eita, Albano danado.

Papai me contou hoje que ia buscar umas folhas cheirosas no mato e depois as queimava para aromatizar as fraldas dos irmãos mais novos. Na cena que crio, a senhora, no resguardo, com a criança no colo, chama cada um dos filhos mais crescidos para dentro do quarto e indica o local exato onde as folhas podem ser encontradas. Que folhas eram? Alfazema? Quando dá fé, pela janela, a trupe se planeja para o lado do poente, que é para não espalhar fumaça dentro de casa. Um já se adianta a fazer a cama de folhagem no chão, outro se encarrega do fogo e um terceiro de manter suspenso o balaio de cipó com as fraldas todas dentro. A defumagem impregnando os panos de perfume e o vento espalhando o cheiro até Arimatéia e Aldeir.

Queria fazer isso com as fraldas da Eduarda. Ainda tem folha de cheiro no baixio? Tem dia, vó, que dá vontade é de fazer uma trouxinha e passar o final de semana aí. Dá certo. Ainda volto com os panos de bunda exalando alfazema. Ninguém topa ir comigo. Acham muito longe, tomando tempo demais. Qualquer dia, eu vou é só, mesmo. Ainda levo um queijinho de manteiga do Mateus. Deixo metade no Tio Bastião e o resto com a senhora. Diz que o queijo de manteiga quase não tem lactose. Vou arriscar. Mas a senhora só pode comer uma lasquinha. Por conta do colesterol, né? Só aquele tanto de matar a saudade e pronto. Mas também não vou ficar controlando saudade de ninguém, muito menos da senhora, no que o queijo pode ir sumindo devagarinho sem eu nem dar fé.

Ô, estripulia. Agora, com a Duda muito miúda, não tem dois meses, ficou mais difícil. Ela ficando maiorzinha, levamos aí para a senhora conhecer de perto. Sim, porque ela muito mais bonita que nas fotos. Esperta que só. Queria saber se eu posso levar o coto umbilical e enterrar no curral. Tem que ser debaixo da cancela ou tanto faz? Tem uma profundidade recomendada para cavar? Não lembro do porquê dessa tradição, não, mas sempre quis ter menino e enterrar umbigo nesse curral aí ao lado do armazém. Pia a arrumação. Quero passar por esse trechinho no futuro e lembrar dessa história, dessa conexão com a terra. A bisneta vai apreciar tudo também. Vai ver o arrebol imenso que tem aí, o sol nascendo da Paraíba e se pondo por trás do ipê. Ela vai olhar isso tudo e vai lembrar que um pouquinho do nascimento dela está por perto.

Eu quero é ver a gente chegando no Batedor com a Eduarda e o bagageiro abarrotado de mala. A senhora vai se preocupar, com razão, achando que vamos nos mudar. A bichinha carrega um bocado de tralha, e os pais dela, precavidos, já têm o costume de andar sempre com muitos aparatos. “Um homem precavido é outro homem”, não é assim que papai fala? Pois vamos assim que possível. Seria bom se o tempo passasse só um pouquinho mais rápido e ela já pudesse descer desembestada esse baixio. Numa época de chuva boa como essa, melhor ainda. Se nos meses secos, não vou reclamar, pelo contrário, de ela voltar das andanças com a canela cinza de passar pelas juremas.

A pequena puxando o pai, as galinhas vão engordar ligeiro. A senhora percebia? Sempre que eu passava ali pela porta dos fundos, a que dá na horta, metia a mão no balde de xerém que costuma ficar ali no canto e jogava para as galinhas. Achava um barato ver as bichinhas alucinadas por milho. Desculpa por isso, vó. Posso ter feito essa extravagância de alimentar as galinhas sem precisão numa época de seca, com escassez de milho, talvez. Posso argumentar que minha mão não era tão grande assim, e não era, mesmo, mas passava o dia inteiro correndo por aquela porta. Achava tão bom isso. Eram umas férias tão felizes. Choro só de lembrar disso.

Hoje eu entendo que devia ser um aperreio muito grande para a senhora. A casa cheia de menino correndo de um lado para o outro. Fazendo zoadas depois do almoço, fazendo zoadas na hora do jornal, fazendo zoadas na hora de dormir. Desculpa por isso também, vó. Mas eram umas férias tão felizes. Pense. E Vovô Mundoca, quando, enfim, acabava o mês e precisávamos nos despedir, ainda pedia desculpa por qualquer coisa. Como podia, vó? Eu ficava confuso demais com isso. Eu é quem tinha que pedir mil desculpas para ele e para a senhora. Ele sempre vinha com essa. Hoje enxergo essa atitude tão simples dele como um momento de grande honradez. O vovô era um homem altivo. Coisa de avô e avó. É até a

última lembrança que eu tenho dele vivo, acredita? A gente se despedindo ali na porta da frente, eu pedindo a bênção e ele pedindo desculpa por qualquer coisa, a imagem mais bonita.

Lembrei aqui das mudas que plantamos em outubro. Será se vingaram? Se a senhora permitir, levo mais algumas. Fazia tempo que queria plantar árvores da caatinga aí no terreiro. Demorei mais por medo de a senhora não aprovar a ideia. Sei que dá mais trabalho varrer tudo. Tem época do ano que cai muita folha, e a senhora gosta de ver tudo limpinho, eu sei. Mas as sombras vão compensar, tenho essa esperança. E esses nins terão de sumir um dia. Isso acaba com as abelhas e com tudo, é uma praga essa árvore. Daqui a alguns anos, a paisagem vai ser outra.

Papai disse que está chovendo bastante por aí. Uma maravilha. Daqui a pouco, vem São João e fartura de milho, se Deus quiser. Lembro muito vagamente, era muito pequeno, de uma novena que fomos com a senhora. Acho que era novena de São João, porque tinha uma fogueira imensa no lado de fora da casa. O povo rezando em volta da casa e uma ruma de menino brincando com fogo, soltando chuvinha com palhas incendiadas, um espetáculo. Ainda acontecem essas novenas no Batedor? A senhora ainda vai?

Esses dias, lembrei muito do Batedor e dessas cenas rurais que insistem, ainda bem, na memória. Conversando com Tia Tânia, percebi que romantizo demais esse lugar da senhora. Os costumes, as pessoas, os cenários. É a mesma história com a paisagem mais urbana de Lavras da Mangabeira e com as andanças por Aurora em busca dos parentes. A vida no campo é mais complicada do que as minhas lembranças permitem apreender e, no que vou de visita, por temporada, só vivo um pedaço da experiência. A senhora entende o que quero dizer? É sempre um recorte, vó, e, se sinto minhas impressões estranhamente retalhadas, tento fazer delas um universo inteligível e conciliador com o objeto que tomo como pretexto para escrever.

A senhora enxergava poesia no que o vovô fazia? Não me refiro apenas ao bandolim que fazia chorar nas serestas ou no violão que dedilhava na sala. A rotina, o processo de acordar ainda à noite, acender o fogo, fazer o café, tirar o leite da vaca e tocar o restante do dia, tudo sempre foi poesia, vó, assim como a vida da senhora, a maneira como enxerga a vida, o modo de falar e agir. Quando sentamos todos na calçada à noite e passamos horas conversando, resistindo ao sono? As conversas se repetem ano após ano e, por isso mesmo, são poesia. É a poética da calçada, vó, ou da sombra do juazeiro e da cadeira de balanço, como tem a poética de debulhar milho, de fazer café e manteiga, de viver da terra, de olhar para a barra do nascente e acertar que hora a chuva chega.

Lembra que, das últimas vezes que fui aí, visitei um penitente chamado Francisco Leal de Oliveira? Meu intuito, nesses dois últimos anos, foi encontrar uma poética para essas andanças. No caminho, encontrei poesia em mim, assim como no penitente, mas todo o meu fazer criativo quis dizer sobre a poesia que surgiu dessa procura, de um avizinhamo que aconteceu partindo tanto da minha intimidade com o que circunda o penitente – o Sítio Angico, a paisagem rural de Aurora, a conversa sem hora para acabar da sombra no terreiro – quanto do território desconhecido que o próprio Francisco era para mim.

Ele contou que tem familiar na Iara, vó. Já lembro do nome. A senhora conhece alguém dos Leal de Oliveira por aí? Tio Cícero disse que conhecia. Uma vez, a senhora contou que não sabia de penitente até chegar em Aurora e vê-los passando na rua. Ficou de dentro, espiando pelas frestas da janela, os homens cantando os benditos. Pois contei essa história por aqui, viu? Espero que a senhora não se importe. Acabei contando muitas outras, até. É que o meu texto, a minha escrita, foi acontecendo devagarinho nesse projeto. No que apresento o penitente, a vida dele, o lugar onde ele vive, também sinto a necessidade de me apresentar, de mostrar os cruzamentos do meu encontro com ele.

Tudo o que vivi entre Barro, Aurora e Lavras da Mangabeira, esse triângulo de lembranças que explorei por tantos anos, fala por mim. A senhora fala por mim, vovó Mundoca, meus avós Vicente e Aidê, papai, mamãe, tantos tios, tias, primos e primas falam por mim tanto quanto Francisco Leal, o penitente escritor arauto do Angico de Cima. Somei o tempo de conversa que tive com ele: sete horas, trinta e cinco minutos e trinta e um segundos. Lembra que, aí no Batedor, acordava, tomava o café e partia para Aurora e só voltava pela tarde? Pois era visitando Seu Francisco. Também tinha minha rotina poética. Tínhamos. Sentávamos numa cadeira debaixo do juazeiro e o papo corria solto. Quando dava conta da hora, era a barriga chamando o almoço. E todas as vezes, fui convidado a compor a mesa e declinei. A senhora acha que foi muita desfeita? Só não queria incomodar.

Ele contou que ajudou a construir o Grupo Escolar do sítio. Lembrei do Grupo aí do lado. A senhora chegou a lecionar nele? Seu Francisco foi professor também. Dedicou-se muito à educação no Angico. Devia ser muito difícil, não? Nas férias que permitiam chegar no Batedor logo nos primeiros dias, lembro de acompanhar alguns dias letivos do Grupo Escolar. Tão pouca gente estudando, não sei se eram só os que estavam de recuperação. Ficava bisbilhotando da janela as crianças que via mais tarde voltando para casa montadas nos jumentos ou nas bicicletas sem freio. O que se faz nesse prédio do Grupo Escolar? Nunca vi mais nada acontecendo nele. Está se acabando é tudo, não é, vó?

Mas muito se preserva também. A casa de Seu Leal, por exemplo, conserva, como a da senhora, muitas características que a vida moderna teima em acabar: fogão à lenha, piso de cimento queimado e portas de cima e baixo, dessas divididas ao meio por corte horizontal. Tirando pelo que conheço, esse tipo de porta não é o que mais se vê entre as casas dos mais jovens. É possível deixar a parte de baixo fechada, evitando que entre tanta poeira da estrada, que os pintos do terreiro se aventurem pela casa ou que os sapos cururus avancem no inverno. Já a banda de cima, é bom de ficar aberta, pois areja os cômodos e sinaliza que tem gente em casa pronta para oferecer um café quente.

Não faz muito tempo, foi em 2018, desde que inaugurei as visitas ao Angico de Cima. Quando encontrei a casa de Francisco, não precisei recorrer à banda de cima da porta. Parte da família já se encontrava reunida debaixo dum juazeiro cuja sombra demarcava o círculo mágico onde se podia abusar de prosas e versos. Cheguei no terreiro desconfortável por chegar na casa alheia sem avisar e sem conhecer ninguém. Queria estabelecer um primeiro contato amistoso com o penitente. O intuito era me apresentar e explicar o motivo da minha visita repentina sem parecer universitário metido e arrogante. Pois foi só o tempo de sentar na cadeira, vó. Percebi que, sob certos aspectos, aquilo tudo, o ambiente, as pessoas, o modo de se comunicar, era familiar. Entendia o que Leal falava, ria com ele, sentia que compartilhava suas histórias. A visita rápida durou uma manhã inteira. Conversamos tanto que saí me desculpando por qualquer coisa.

Francisco é poeta. Tem costume de narrar acontecimentos em forma de poesia. Anda com papel e caneta para cima e para baixo anotando e versando tudo quanto é rima. Eu, mesmo, não tenho muita experiência com rima, não, mas me pego contando e criando história dia sim e dia não. Engraçado, vó. Naquilo que eu mais me identifico com ele é no que mais me sinto desafiado. Escrever é devastador demais. A senhora tem costume de escrever? Ou tinha? Um exercício tão rotineiro, necessário, repetido por tantos anos, mas não adianta. Soa a mim como ato ressabiado, contido, exigente de muitos protocolos. O homem aí é escritor, mesmo. Tem poesia espalhada em cadernos que, juntos, cabem numa mala de viagem.

A senhora lembra, né? O orientador me confiou a guarda desses cadernos todos, uma grande responsabilidade. Folheio com o maior cuidado, organizo tudo bonitinho, é muito prazeroso o exercício. Tem uma hora que a rinite ataca, aí lembro de usar a máscara. Nesses dias de isolamento social, ando paramentado até dentro de casa, imagina. Mas essa fase de mexer nas folhas até que passou. O momento agora é ainda melhor do que o anterior, vó, porque eu tô na fase de escrever divagando, buscando minhas conexões sem medo, puxando da memória, das leituras dos cadernos, dos encontros esperados e inesperados de uma vida

inteira. Assim, crio um jeito todo particular de contar as histórias, de narrar. Demorou, mas me convenci de que é esse o meu processo de criação. É escrever com o que tenho e com o que gosto de ter.

Aprendi que há muito de penitência no ato de escrever também. Quando não registra benditos, ritos litúrgicos e orações de curas, Seu Francisco escreve poesia com o que tem ao redor. Sob tom confessional, expõe medos, revoltas e dissabores. Conta a vida difícil do campo, as agruras sociais sofridas, a despedida de entes queridos. Faz a penitência silenciosa do papel e caneta: espanta deletérios, usa a linguagem para expiar pecados. Das conversas que pude guardar e das leituras que tive acesso com o que o penitente escreveu, entendi o que é contar o mundo com o olhar da aldeia, do sítio, da casa dos avós. Enfim, do meu jeito, vó. Espero que a senhora goste tanto quanto eu.

## REFERÊNCIAS

- ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza – Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará; Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982.
- CARLSON, Marvin. **Performance**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da música**: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- CARVALHO, Gilmar de. **Arte da tradição**: mestres do povo. Fotos de Francisco Sousa – Fortaleza: Expressão Gráfica / Laboratório de Estudos da Oralidade UFC / UECE, 2005.
- CARVALHO, Gilmar de. **Parabélum**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.
- CARVALHO, José dos Reis. **Desenhos e aquarelas do Ceará oitocentista**: o trabalho de José dos Reis Carvalho na comissão Científica de Exploração (1859-1861). Organização José Ramiro Teles Bezerra. Fortaleza: Iphan, 2016.
- CÍCERO, José. **Entrevista**: Prof. Luiz Domingos fala sobre a Ordem da Santa Cruz, Penitentes e a Braúna Santa de Aurora. Revista Aurora. Aurora: Publicação independente de caráter sócil-cultural, histórico e científico. Ano I, nº 01, dezembro de 2006 / janeiro de 2007a.
- CÍCERO, José. **Penitentes**: história de fé, sangue, suor e lágrimas. Revista Aurora. Aurora: Publicação independente de caráter científico, sócio-cultural e histórico. Edição Especial. Ano II, nº 02, julho/agosto de 2007b.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Formação Administrativa de Aurora – CE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/aurora.pdf> . Acesso em: 22 setembro 2020.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo. Cosac Naify, 2013.
- OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de. **Glossolalia**: voz e poesia. São Paulo: EDUC; FAPESP: Omni, 2004.
- OLIVEIRA, Hermínio Bezerra de. **Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste**. Edições Paulinas. São Paulo, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AURORA. Origem. Disponível em:  
<https://www.aurora.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 29 setembro 2020.

XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Falando de Idade Média**. São Paulo. Perspectiva, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo. Cosac Naify, 2014.

## APÊNDICE A – GUIA DE TRANSCRIÇÃO

### Guia de Transcrições

#### Entrevistas com Penitentes

Maior/2018

Conceitualmente, vamos considerar a transcrição como uma tradução. Como tal – aqui, recorreremos a Josette Féral –, a transcrição é necessária e impossível: pressupõe **passagem** (da codificação marcada pela oralidade para a codificação marcada pela escrita) e **perda** (dada a impossibilidade de representar na escrita o que foi dito oralmente, algumas omissões e traições são inevitáveis).

Entre uma transcrição **literal/ipsis litteris**, que objetiva respeitar o máximo possível o posicionamento da fala no texto escrito, e uma transcrição que adapte em maior grau a passagem entre fala e escrita, optamos pela segunda.

Exemplo de transcrição literal: Nós tamo caminhano pra vencer na vida.

Exemplo da transcrição padrão a adotar: Nós estamos caminhando para vencer na vida.

Naturalmente, em alguns casos, essa mudança de código se mostrará difícil e delicada, exigindo dos transcritores doses de bom senso para perceber certas ênfases e recorrências na fala que venham a ser relevantes. No intuito de sinalizar certas adaptações e padronizar recursos, seguem indicações importantes que podem servir de guia.

### FERRAMENTA

O ambiente virtual <https://otranscribe.com/> oferece ferramentas de carregamento de arquivos de áudio ou vídeo, bem como carregamento por link do YouTube. Uma vez que o áudio ou o vídeo esteja carregado, botões ou teclas de atalho facilitam a reprodução, pausa, retorno, avanço, controle de velocidade, marcação de tempo e contagem de palavras. Nesse caso, é aceitável não usar colchetes para as marcações de tempo, tudo para agilizar o trabalho.

## ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

- 1) Identificar pasta de origem e nome do arquivo audiovisual que será objeto da transcrição;
- 2) Identificar o responsável pela transcrição.

## ESTRUTURA TEXTUAL

O texto pode ser redigido em **parágrafos**, respeitando, de forma geral, a pontuação necessária para a boa compreensão. Usa-se do bom senso para identificar mudanças temáticas que justifiquem novos parágrafos.

## IDENTIFICAÇÃO DOS FALANTES

Quando possível, é importante identificar o falante em **negrito** no início do parágrafo. Na primeira aparição de um falante conhecido, recomenda-se redigir seu nome por extenso, podendo usar abreviações nas aparições seguintes.

## MARCAÇÃO DO TEMPO

Precedendo um parágrafo que inicia a fala de alguém, recomenda-se identificar a marcação de tempo da fita da seguinte maneira: **[HH:MM:SS]** (sinalizando Hora, Minuto e Segundo, tudo entre colchete). Em passagens mais curtas, ocasião em que o diálogo corre com poucas falas entre os participantes, é possível omitir essa marcação temporal e fazer uso dela em intervalos mais espaçados.

## PARÊNTESES SIMPLES

Usa-se parênteses simples para marcar **hipótese de fala** ou **trechos ininteligíveis**, sempre precedidos da marcação de tempo.

Exemplo de hipótese de fala: Nós vamos rezar (as alvíssaras) na sexta-feira. [00:08:55].

Exemplo de trecho ininteligível: Nós vamos rezar (inint.) [00:08:55] na sexta-feira.

## **INTERVENÇÕES DO TRANSCRITOR**

Usa-se parênteses duplos nos casos em que seja pertinente identificar algo que não foi dito, como expressões faciais, risos ou mudanças de entonação.

Ex: ((acha graça)); ((riso)); ((risos)); ((silêncio)); ((voz baixa)); ((voz contida)); ((emocionado)).

## **RETICÊNCIAS...**

Usa-se reticências para sinalizar pausas curtas, palavras incompletas, interrupções bruscas, reordenamento de pensamento.

## **ALONGAMENTO**

Nos casos em que se alonga uma vogal, usa-se o sinal de dois pontos um seguido do outro. Dependendo da duração do alongamento, admite-se repetir ainda mais os dois pontos.

Ex.: O::lha... Você não imagina como foi sofrido para mim.

Ex.: Mas Fortaleza é mu:::::ito mais distante.

Ex.: Oh::... Você preste atenção.

## **SILABAÇÃO**

Nos casos em que se pronuncia a palavra sílaba por sílaba, usa-se hífen entre as sílabas.

Ex.: A noite foi es-pe-ta-cu-lar.

## **NÚMEROS**

De preferência, por extenso.

## **FECHAMENTO DO ARQUIVO**

- 1) Nomear no seguinte padrão: (nome do arquivo audiovisual objeto da transcrição) – transcrição – (nome do responsável);
- 2) Salvar em formato de documento de texto editável.
- 3) Enviar para o e-mail [registorquato@gmail.com](mailto:registorquato@gmail.com)

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM 28.07.2018

### Entrevista com Francisco Leal em 28.07.2018 Sítio Angico de Cima (Aurora-CE)

*[A conversa aconteceu pela manhã, sob o juazeiro, no terreiro da casa.]*

**Francisco:** Um dia eu estava aqui 00:03 ... Ele foi pedir, lá no campo em que eu estava, autorização para usar...

**Regis:** Num campo?

**Francisco:** Sim, eu estava num campo de futebol, longe. Você sabe: a gente só pode usar o nome do outro o cabra autorizando 00:24 . Porque quando ele andou aqui a primeira vez, ele disse "Mas Seu Francisco, eu vi os trabalhos e deu 22 kg de livro". Ele disse "Eu vou levar"... Não, foi 1200 kg e ele veio com 700 prontos. Mas disse "Eu não vou deixar os 700, não. Vou deixar tudo". Todo gravado em DVD, nessas coisas. 00:52 Ele disse "Porque isso é o seguinte. Quando não tinha tecnologia, a coisa era assim. Você, às vezes, descobre talento numa pessoa que já se foi, que nem Luiz Gonzaga, que nem aquele Patativa do Assaré". Hoje a gente está vendo por quê? Porque tem a tecnologia, não é certo? Se não tivesse, não ficava solto? Hoje nós temos gravado. 01:24 Num tempo, eu fui ao horto [JUAZEIRO DO NORTE] 01:24 e levei 80 pessoas.

**Regis:** Penitentes?

01:31

**Francisco:** Penitente. Lá tinha bispo... Juntei os grupos... Vai fulano, vamos fulano... Fomos ao horto. Lá, me entregaram o microfone... Bispo e tudo... Olha, eu tenho uma coisa comigo: Deus não me deu o que eu pedi, mas me deu o que eu preciso. 01:54 Me deu o que eu preciso. Eu sempre digo. Olha, penitente... No ano de 1947, eu entrei com pai. Pai era chefe. Hoje faz pena que, quando eu desaparecer, não tem um filho que assuma. 02:19

**Regis:** O pai do senhor era decurião?

**Francisco:** Decurião. Decurião era pai, era João [Aires] 02:28 , era Antônio Vicente, Alegário, era Simplício Leite, era Vicente Leite, era Gerardo e Gabriel de Lima, vários. Vicente Leite, eles faziam ((ininteligível)), você sabe como é. Aí tinha aquele chefe para dizer como era. 02:51 Antigamente, o penitente era diferente. Eu alcancei. O cara vinha passar numa estrada dessa, assim, de noite, ele mudava o caminhado, porque era uma coisa mais escondida. Não podia nada. Hoje em dia está mais social 03:15 . Primeiramente, quando eu rezava um terço na cidade de Aurora, eu ia lá na delegacia para o sargento me dar dois soldados.

**Regis:** Para ir escoltando?

**Francisco:** Para ir. Aí ele disse até, num dia, "Ô, vergonha. Aurora, para rezar, é obrigado o povo...". Hoje em dia, você vai e enche o povo atrás de olhar. 03:49

**Regis:** E nesse tempo, antigamente, se não tivessem os guardas, acontecia o que?

**Francisco:** Ali faz pouco, ali joga pedra. Entra na coisa para dizer que é penitente também, não sabe? **04:01** Aí vem invadir. Hoje, da diferença, vamos começar disso aí. Muitos que ainda são daquela época para trás, que são um pouco analfabeto, nós... Quando chega: "Eu posso bater retrato?"; "Pode. Pode tirar de tudo"; tinha cabra dizendo "Não, não quero o meu, não". **04:26** Porque hoje nós estamos na sociedade. Quando a gente vai para um terço, está prefeito, está advogado. ((inint.)) **04:35** Hoje está diferente. Porque, vamos começar lá da Igreja, a missa se celebrava de costas para o povo. Não sabia nem o que era. Dizia *dominus*... [usa uma expressão em latim]. E sabe lá o que era *dominus*... **04:57** Hoje, o padre só faz mais consagrar. O povo é quem celebra. O povo é quem faz. Então vem os penitentes. Nós vamos para uma igreja. Dom Francisco Leite... Tem uma braúna aqui chamada braúna santa. Porque tinha um menino que ia deixar almoço num povo. Tinham uns canganceiros que viram que o menino ia e mataram o menino. E essa braúna foi chamada de braúna santa. Com o tempo... É que nem aquela história do menino vaqueiro. Já ouviu aquela história?

**Regis:** Não.

**05:48**

**Francisco:** O menino vaqueiro tinha muita vontade de ser vaqueiro desde pequeno. Um dia, ele se encostou na casa de um patrão. Ele disse "Pega aí o gado!"; ele não segurou, aí ele foi e matou ele.

**Regis:** O patrão matou o menino?

**Francisco:** O patrão matou o menino. Quando foi no outro dia, ele achou, no lugar do menino, um anjo. Ficou o menino vaqueiro.

**Regis:** Essa história é daqui de Aurora?

**Francisco:** É. Certo. Bem, a braúna santa, no dia que foram derrubar ela e tocar fogo, fazia aquilo que nem uma cruz no ar, as labaredas de fogo. O cara que derrubou, não findou o ano e morreu. **06:36**

**Regis:** Onde é que fica?

**Francisco:** É aqui no Martins. Mas para nós irmos... Dom Vicente Francisco Leite... Para trás um pouco, quando eu comecei, era às escondidas. Quando você queria pertencer ao grupo: "Rapaz, eu tenho tanta vontade de entrar..."; "Tem?"; "Tenho"; "Eu não vou lhe dar a resposta hoje, não". A gente ia tratar lá dentro do grupo: "Aquele rapaz assim e assim falou comigo para entrar. O que é que vocês dizem dele?". Saber se lá no grupo tinha alguma coisa contra ele. "Não, pode trazer ele..." **07:23** Era que entrava. Ali era a roupinha e tal... Nesse tempo, eles se disciplinavam tanto que o sangue batia nas alpercatas. Pai andou 17 anos e tinha quatro irmãos dentro de casa que não descobriram que ele andava. **07:46** Andou 17 anos morando com os irmãos e os irmãos não descobriram.

**Regis:** Na mesma casa?

**Francisco:** Na mesma casa.

07:53

**Regis:** Então era muito escondido.

**Francisco:** Escondido. Porque ali faz de um jeito... Quem for para ser e amanhã interromper o serviço, não vá. Se for para amanhã estar assoviando ou estar cantando um bendito, não vá. Porque amanhã você reconhece: "E esse cabra cantando? Onde ele aprendeu?" 08:13 "Ô, mas rapaz, eu estou tão enfadado hoje..." Aí vai se descobrindo. Outra... Hoje se retirou isso com Dom Francisco Leite. Ele, quando viu o serviço, disse "Não. Eu vou retirar esse negócio de se disciplinar. Não precisa mais fazer isso" 08:36. Luiz, mande ((inint.)) vir aqui para botar aquele pedacinho de DVD ali 08:40 .

**Luiz:** Tá bom.

**Regis:** Mas ele falou por que não precisava mais?

08:44

**Francisco:** Por quê? "Porque de manhã o homem começa o dia trabalhando", ele disse. "Às vezes, passando mal, comendo angu com rapadura. E quando é de noite derrama sangue e morre de tuberculose", o frade disse. 09:01 Foi um frade. E não é, não?

**Regis:** Corre risco com a saúde, não é?

**Francisco:** Além de ele passar o dia trabalhando e se esforçando, derrama o próprio sangue. Aí nós ficamos nessa base. Não dispensa a pessoa que entrou a primeira vez. Naquele dia, a pisa dele ele tem. 09:24 Aí daí para frente ele faz por conta própria. Mas naquele dia ele tem. Porque se ele levar a dele, ele não descobre mais a ninguém [entendi que, quem se disciplina quando entra, se sente parte do grupo com mais força e acaba não entregando (descobrimo) ninguém].

**Regis:** Como assim?

**Francisco:** Se ele apanhar, ele não vai descobrir ninguém que viu lá. 09:40 Entendeu? Às vezes, vai só para experimentar, e ele, levando uma pisa, não vai dizer que apanhou. E ele não sai mais. 09:50 Olhe, vou lhe contar, entre anedota e história verídica: Manu Leite dizia que um decurião que tinha ali, João Alves Damasceno... Não, é Simplício Leite. Disse [um homem] "Eu estou com uma vontade de entrar"; "Pois compre uma fazendinha que eu mando fazer sua camisinha, mando fazer o seu barretinho e tal... Disse o que era para ele comprar. 10:24 Ele comprou. Porque você vai comprar e entrega ao mestre para o mestre mandar fazer. Porque como é que você... Vem um, chega numa mulher e diz "Ei, faça uma roupa de penitente para mim". Está descoberto, não está? 10:38 Aí entrega o mestre. Mandou fazer. Quando foi, disse "Agora você vá quarta-feira". Era quarta-feira, que a gente chama quarta-feira de trevas. "Você vá e nós vamos a uma viagemzinha. Ensinou tudo a ele: "o cruzeiro é cheio de gente arrodado e eles todos ali. Quando você chega, não dá boa noite a ninguém. Vai fazer sua obrigação lá, ou reza, sei lá, o que for, e, quando você volta, 'boa noite'... Vai fala com ele. Mas chegar lá e 'boa noite', 'boa noite'... Não! 11:17 Ali vocês vão numa troca de bendito, vão ali assoviando para quando sair, já sair na música. O mestre vai dizendo como são as coisas. Aí Manu foi e comprou a roupa. Disse "Quarta-feira você vem".

Na quarta-feira, ele foi. A viagem: saíram seis horas da tarde caminhando aí sem ninguém saber. Foram caminhando desde seis horas. Quando chegou no **Bordone Velho**, que são duas léguas e meia daqui para lá, aí um disse assim: "Seu Simplício, e para onde é que nós vamos?"; "Nós vamos ali no Garra". Garra é cinco léguas daqui, é Lavras da Mangabeira. De pés. Tempo de inverno: começou a sair o relampinho [relâmpagos] baixinho no nascente. E eles tirando...

**Regis:** Tirando? O que é isso?

12:37

**Francisco:** Tirando é assim: caminhando. Aí Simplício Leite disse "Você não sabe, então vai no coice". No coice é atrás, não é? "Quem não sabe de nada ainda, escute o que os outros dizem e fiquem ali". Chegando lá, a casa era pequena e o tempo foi levantando...

**Regis:** Lá em Lavras da Mangabeira?

**Francisco:** Lá em Lavras da Mangabeira. A chuva foi chegando, a casa não coube todos e ele ficou atrás levando chuva nas costas. 13:19

**Regis:** Isso no primeiro dia dele.

**Francisco:** No primeiro dia que ele entra na irmandade. Quando foi, voltaram. Cinco horas [da manhã], que os passarinhos estavam 'piu-piu', estavam no Bordone Velho. o riacho cheio e uma chuva... Aí Simplício, o mestre, disse "Bem, não dá para nós irmos juntos agora. Vai de dois em dois e debanda, uma vai para um canto e outro vai para outro". Para o povo não saber de onde é, não é, não? "Debanda. E se ajeite que, quando for amanhã, nós temos um trabalho". Ele [Manu] foi tirando a roupa e disse "Pegue sua roupa. Uma coisa comigo: ou penitente ou agricultor" [risadas] 14:07 O cabra passa a noite desse jeito, pegando chuva, e no outro dia ainda tem um trabalho! "Pegue sua roupa" [risadas]. Só foi uma noite.

**Regis:** Não é para qualquer um.

**Francisco:** Não é. 14:21 Outra... Os penitentes... Não chamam a gente por boniteza. Nunca veio [assim]: "Eu quero chamar os penitentes para eu fazer aqui uma festa". Não. Só chama quando alcança uma graça... Joaquim Raimundo ali, um terreno foi abotecado [hipotecado?] um tempo... "Se eu me livrar disso, eu levanto uma capela e chamo os penitentes". Tirando da igreja, porque a primeira coisa é a missa, não é? 15:00 Eu tiro renovação, eu tiro novena, eu uso de palavras do jeito quiser, eu faço poesia... Tudo o que quiser, eu faço. E nunca me deu uma dor de cabeça andando de penitente. Nunca se viu dizer "Fulano de Tal adoeceu andando de penitente". 15:20 Nunca se viu dizer. Outra... Retira a pessoa de certas coisas. O cara hoje tem baralho e diz "Hoje não posso ir porque hoje eu tenho umas coisas". Não empata de beber, agora naquele dia ninguém bebe. Nem fedendo [entendi que é fedendo a bebida] não é para chegar. A arma que tem é a disciplina e um terço. Nenhum para dizer que anda com um canivete, que não anda. O responsável é o decurião. Pai... Roubaram uma cruz...

**Regis:** Como era o nome do pai do senhor?

16:06

**Francisco:** Era Raimundo José de Oliveira. Roubaram uma cruz dele e de outra pessoa. Aí pai foi... O cabra roubou e botou dentro de casa. "Mas roubaram minha cruz". Pai foi ver. Juntou 17 pessoas e foi. Chegou lá e começou a cantar na porta. E o velho comentou "Eita, maldito". Filho dessa e filho daquela, era daqueles nomões feios. Aí o velho disse "Vamos rezar o ofício, minha velha. Agora 'lambe os meus' "; e pai disse "Não é 'lambe os meus', não. Agora é 'Lábios meus' " [risadas]. 16:59 Aí o filho dele saiu e disse "Seu Raimundo..." ((inint.)) 17:14 (...) Foram à delegacia. Chegando lá, [o delegado] disse "Essa noite, vocês estavam numa casa, tinha uma mulher doente. Se essa mulher chegar a falecer... Eram quantas pessoas?"; e pai dizia "Dezessete"; "Eu não boto você e os dezessete na casa?"; "Não, bota só eu"; "Por quê? Não eram dezessete?"; "Mas estão lá e, se eu não chegar, eles não vão para canto nenhum. Eu sou o responsável"; "Homem, vai embora, que eu conheço isso. Vai embora que eu conheço o seu serviço". O delegado. Pronto. 17:54 Aí é que eu digo: vamos andar direito, porque a barreira que vem de lá... "Quem é o chefe daí?"; aí a gente diz "Pois pode corrigir". E, se mandar corrigir e achar alguma coisa, o cabra não leva? Outra... Não tem esse negócio de qui-qui-qui e andar... Só quem deve se apresentar é aquele povo... Porque a gente precisa de um serviço, precisa de uma coisa, e, para não ver as caras... Mas outras pessoas... Outra coisa... 18:32 Muitos não se dão... Um tempo que eu fui rezar um terço, um cara disse "Eu estou tão enfadado. Tire um tercinho mais curto"; "Eu não sei. Só sei tirar um terço com cinquenta e três ave-marias. Esses tercinhos curtos eu não sei, não". 18:53 Ou morno ou quente, não é, não? Vai quem quer. Eu não chamo ninguém. Para rezar, não. Eu confio em mim. Com duas ou três pessoas, eu sei fazer o serviço de quinze ou vinte. Porque o que vale... O povo fala "Menino, Chico mais Zé Carneiro! Eita, povo para trabalhar bonito. 19:21 [o filho Sávio fala algo] 19:31 Não é me exibindo. Podem estar cinquenta. Se eu não estiver, o serviço não vai feito direito. É porque, você vê, a gente tem um dom. Nasceu para aquilo. Zé [Zé Carneiro] hoje nem enxerga nada. A voz não está... Ele está meio mouco. Eu, estando mouco, não olho como é quem vem ali. Nós trabalhamos bem? Trabalhamos. Porque eu vou assim, vou aqui. Vai quinze, vinte aqui, oito ou dez: "Ô, menino, qual o bendito que vocês querem que eu tire? Vocês digam aí"; quando eles dizem, é porque vão responder bem. Eu pego aqui, porque sei de uns cento e cinquenta ou duzentos, um que eles nunca ouviram. Como é que faz? 20:28 A segunda só começa por último... Primeiro... E só se acaba por último. A segunda começa... Quando a minha voz baixar, ela ainda fica. E tem um lado. Se eu acostumar a trabalhar com a segunda no lado direito, botando para o outro lado, não dá. Qualquer coisa, desmantela. Desmantela. 20:56 O sotaque do povo das Antas [papai disse que é em Aurora] não se dá com o nosso 20:59 porque ((inint.)) é explicado. Tudo explicado. 4 de julho eu rezei um terço agora. Um homem que morreu, Alegário, que morreu Orlando Leite, 4 de julho, todos os anos a gente já tem aquela tradição. 4 de julho, 13, 25 de julho, 21 de novembro. Aquele povo já tem aquela tradição e a gente não pode deixar. Aparece outras ((inint.)) 21:32 disse que era para ir lá para o Bordone Velho e era para ir agora. Ele queria ir mais na frente, mas tudo no mundo tem ordem, não tem?

Hoje nós andamos na Igreja 21:55. O Padre ((inint.)), o Padre Adauto... Hoje nós vamos para dentro da Igreja, o padre chama para a casa dele, merenda e tudo. Não está diferente daquilo de quando nós começamos? 22:06 Pai, quando começou, tinha um padre aqui chamado Padre Vicente Augusto Bezerra. Ele, até um menino com nome de Cícero, ele não batizava.

**Regis:** Por quê?

**Francisco:** Mode o Padre Cícero!

22:24

**Regis:** Ah, sim.

**Francisco:** Pois é. Um dia, pai foi se confessar. Pai disse que ele começou a falar dos penitentes. "Fulano não é assim?"; pai disse "Não sei"; "Fulano não é assim?"; pai disse "Eu não sei"; "Fulano não é assim?"; pai disse "Eu não sei"; 22:42 "Mas você não ouve dizer, não?"; "Sim, eu ouvi dizer, mas eu não sei". Pois pronto. Mas hoje... Esse já morreu. Mas hoje as coisas estão todas boas. A gente faz pena que a pessoa... Amanhã, mesmo, tem muita reza de terço aqui 23:07. No dia 29, eu rezo um terço aqui. ((inint)) 23:13 Completou um ano que ele morreu ontem. ((inint.)) 23:18 Pois bem... Como eu ia dizendo no começo, a gente... A alma aparece, uma graça... Não se chama penitente só para bondade, só para... E tem as revistas hoje. Tem uma revista aqui criada pelo secretário: "Sangue e suor: ((inint))" [mais adiante, ele pega a revista e ler "Penitente: uma história de sangue e lágrimas"; talvez seja a revista que o secretário de cultura, José Cícero, me deu].

**Regis:** Tem uma revista? Daqui de Aurora? Tem o quê na revista?

**Francisco:** É contando a vida dos penitentes. 24:17 Quer ver? Se encontro ela aqui...  
[Leal entra em casa]

**Regis:** Olha o chapéu! [Leal segurava o chapéu de palha com os pés para não deixar o vento levar]. Eu fiquei com medo de o chapéu ir embora. [*converso com Sávio*]

**Sávio:** Você é de Iara.

**Regis:** Meu pai é da Iara. Você conhece?

**Sávio:** Nós temos família na Iara. Tem um primo nosso que veio agora de São Paulo. Quando ele fica aqui na Iara, ele vem por aqui.

**Regis:** Lá é no Sítio Batedor.

Sávio: Lá da Iara.

**Regis:** É. Um pouco antes a entrada.

**Sávio:** É Wilson. Ele vem de São Paulo. Todos anos, ele fica ali, aí vem para cá.  
25:04 Wilson Leal.

**Regis:** É Leal também, não é?

**Sávio:** É.

**Regis:** É parente de que grau?

**Sávio:** O pai dele, desse que vem de São Paulo, era irmão da mãe de pai [o pai de Wilson é tio de Francisco Leal]. O pai dele, Vicente Leal.

**Regis:** O pai dele é tio e ele é primo.

**Sávio:** Isso.

25:36

**Regis:** Na Iara, mesmo, na vila, não é?

**Sávio:** Na Iara, mesmo. Na vila.

**Regis:** Eu vim de lá. Isso é por parte do meu pai. Por parte da minha mãe, é aqui Aurora e Lavras da Mangabeira.

**Sávio:** Aqui em Aurora, quem é a família de tua mãe?

**Regis:** É daqui no Angico: Deri. Conhece?

**Sávio:** Deri?

**Regis:** É tia da minha mãe.

25:57

**Sávio:** E é? Deri é mãe de meu compadre, Antônio Landim.

**Regis:** Antônio Landim! Tia Nildes, Naidles...

**Sávio:** Madrinha de minha menina a Nildes.

**Regis:** É mesmo?

26:02

**Sávio:** Trabalhou mais pai aqui fazendo recadastramento.

**Regis:** Pois é prima da minha mãe.

**Sávio:** ((inint.)) ela tava na calçada, ela e a irmã dela, Naidles. Eu falei com elas, trouxeram café. Eu disse "Tu tá me reconhecendo?"; "Tô. Eu tenho lembrança"; "Sou filho de Chico Leal e você é minha comadre"; ela viu a menina só no dia que batizou e pronto. A menina começou a faculdade e tem uma colega dela lá do Angico de Baixo [Tia Nildes e Naidles moram no Angico de Baixo], passou por lá e ela perguntou "Quem é essa menina que anda mais tu?"; "Não é tua afilhada?"; "Que conversa é essa?"; "É". Pois a menina vai completar 22 anos. Vai para a faculdade, vai para missa e pronto.

26:52

**Regis:** Quer dizer que aqui é Angico de Cima e lá na casa da Tia Deri é Angico de Baixo?

**Sávio:** De baixo. E onde Antônio Landim mora é Angico do Meio. Já foi lá?

**Regis:** Não. Vou depois daqui. Semana passada, Tia Naildes foi lá na casa da minha mãe em Fortaleza.

**Sávio:** Como é o nome de sua mãe.

**Regis:** Romana... Torquato.

**27:18**

**Sávio:** Irmã de Dona Deri...

**Regis:** A mãe dela, minha avó Aidê, é irmã de Tia Deri. É que foi para Lavras da Mangabeira. Quando se casou, foi para Lavras.

**Sávio:** A família de tua mãe é daqui de Aurora e a do teu pai é da Iara.

**Regis:** Exatamente. Então nós estamos aqui no meio.

**Sávio:** Estamos no meio. Homem, Aurora é pequena. Tem tanta gente de Aurora aí... Ali em Juazeiro, morei duas vezes em Juazeiro, ali tem gente de Aurora. [27:53](#)

**Regis:** E como é teu nome?

**Sávio:** Francisco Sávio de Oliveira.

**Regis:** Sávio? São quantos filhos?

**Sávio:** São 6. Três homens e três mulheres. Francisco Solano de Oliveira e o outro é Francisco Sílvio de Oliveira. Aí Maria Silvanalda de Olivera, Maria Silvana de Oliveira e Maria Sivalda de Oliveira. Sivalda, Silvana e Sivanalda. Sílvio, Sávio e Solano.

**Regis:** Tem sempre esse "S" aí.

**Sávio:** É.

**Regis:** Seu Francisco, eu estava falando aqui. Tia Deri...

**Sávio:** Ele é sobrinho de Dona Deri, pai.

**Regis:** É irmã da minha vó Aidê Torquato.

**Francisco:** Dona Deri?

**Francisco:** Eu vivia lá todos os domingos, lá em Chico Landim. Hoje não, morreu ele e morreu Dona Deri, aí a coisa acabou-se.

**Regis:** Foi bem pertinho. Um morreu e outro morreu também, não é?

**Francisco:** Nós... Sem deixar o assunto um pouquinho... Eu era secretário, eu quem fazia tudo [29:08](#) . Até o trator que veio para lá, eu fui fazer uma ata e fui ajudar com o presidente,

botei o dinheiro. Sei até quanto foi botado no papel: 45 ((inint.)). Chico Landim viu. Outra coisa... Nós só aceitávamos sócios morando no Sítio Angico. Colocaram aí sócio lá das Antas, sócio da Jitirana, botaram abaixo e hoje não vale nada.

**Regis:** E o que é essa sociedade? Não entendi.

**Francisco:** Chamava-se, a de Chico Landim, APP: Associação dos Pequenos Produtores. A nossa aqui é ACAC: Associação Comunitária do Angico de Cima. Para distinguir o Angico de Baixo do Angico de Cima.

Olha... Penitente: uma história de sangue e lágrimas. Isso aqui... O Secretário de Cultura daqui faz pesquisa assim como você está fazendo e, o que ele apanha por aí, ele joga...

**Regis:** É o atual secretário? Quem é?

**Francisco:** José Cícero.

**Sávio:** Sabe onde é a Secretaria de Cultura.

**Regis:** Não, mas vou atrás.

30:27

**Sávio:** Pronto. É vizinha à Igreja.

**Francisco:** É num casarão.

**Regis:** Ruim é porque, num final de semana...

**Sávio:** Mas no dia que você quiser vir...

**Regis:** Numa outra oportunidade, não é?

**Sávio:** Pronto.

30:38

**Francisco:** Pertencente à Ordem da Santa Cruz, fundada na Itália no século XII...

Olha... Já foi boa, não é? Os penitentes... Como foi formado?... Não é de hoje, não. São Francisco das Chagas chamava-se São Francisco de Assis, que morava numa cidadezinha chamada Assis. Ele, que se entregava muito a Nosso Senhor, mas achou que Nosso Senhor não estava ainda com ele. Nosso Senhor chegou e imprimiu cinco chagas nele. São Francisco é um só. A irmã dele, que chama Santa Clara de Assis, que ela, junto com Santa Luzia, protege a vista, não é? São Francisco jejuava pão e água. O pai dele chamava Bernadone, não é? 31:40 Queria que ele fosse comerciante, mas ele não quis. Jogou a roupa fora. ((inint.)) 31:49 Aí você mora ali, eu vou lá para a sua casa e não sei o caminho? Se eu sair daqui, eu vou "Olhe, tem uma irmandade..." e vai saber de onde nasceu, como é, não é assim? 32:08 São Francisco fundou três ordens: frade, freira penitente.

**Regis:** Quer dizer que a origem dos penitentes está em São Francisco?

**Francisco:** São Francisco que é da pobreza. [32:37](#) Pois bem... "Penitentes da Ordem da Santa Cruz, fundada na Itália no século XII por São Francisco..."

[Leal lê todo o artigo da revista. O próprio autor do texto, José Cícero, enviou ao meu endereço em Fortaleza um exemplar da revista]

[durante a leitura, algumas interrupções]

[falando sobre mulheres penitentes]

**Regis:** Aurora não aceita? [os penitentes de Aurora não aceitam mulheres?]  
[46:11](#)

**Francisco:** Não. Mulher não. Só é homem.

[interrompe a leitura do artigo em [52:32](#) ]

**Francisco:** Veja aí se tem um fundamento. Tem muitos, sem nós cortarmos aqui o assunto, que, velhinho, não sabe rezar nem uma ave-maria. Não é se exibindo, mas, é como eu disse no começo, vai num caminho sem saber de onde vem nem para onde vai. Entrou ali por entrar. Entrou ali porque acha bonito. Mas vamos ver que tem um segmento aqui.

"Um desses episódios ocorreu aqui..." [continua]

[Leitura até [57:38](#) ]

**Regis:** Incrível esse texto. Quer dizer que foi esse secretário de cultura...

**Francisco:** É o secretário...

**Regis:** José Cícero.

**Francisco:** José Cícero. Ele cata... Nós, mesmo, agora, tem um primo que andou catando para fazer um livro. Um dia desses, chegou aqui um advogado, um cabra do Pará... Chegou um cabra do Pará, colocou a maquinazinha ali e disse "Eu vou mandar até umas coisas". Eu dei umas veste a ele para ele levar... Do Pará. [58:18](#) Não quis não? [viu que eu mal trisquei no refrigerante de cola com bolacha]

**Regis:** Estou tomando a coquinha aqui.

**Francisco:** Esse que veio lá da Fortaleza eu não sei como é o nome dele.

**Sávio:** Ele gosta de vir para cá.

**Regis:** Wellington?

**Sávio:** Pronto. Eles vieram e pediram para pai fazer um trabalho para eles aqui na Malhada Funda e pai foi fazer. Não foi pai, naquele dia?

**Francisco:** Foi. Olha aí as bolachas. Não quer não? [não trisquei nas bolachas com lactose até então. Tive que comer para não parecer desfeita]

**Sávio:** Eles gravaram e levaram.

58:47

**Francisco:** Agora vamos nós. Cadê Luiz para botar ali para nós.

**Sávio:** Ele foi com ((inint.)). Ele vem já.

**Francisco:** Tá.

Sávio: Quando ele vier, ele bota o DVD ali e ele dá uma assistida.

**Regis:** Esse texto é recente ou é antigo? [revista de José Cícero]

**Francisco:** É de agora. Isso aí tudinho ele foi para trás, ele pegando e o povo contando a ele como era para trás. Isso daqui é recente.

**Regis:** Ele falou aí que tem oito grupos atualmente. Esses oito ainda existem?

59:21

**Francisco:** Existem. Ele disse que eram uns 30, mas foram deixando... Agora eu não tinha pegado é essa: você viu que Lampião, para se livrar da polícia, se vestiu como penitente para se livrar do policial, não foi? 59:37

**Regis:** E falou também dessa braúna santa que o senhor comentou...

**Francisco:** Não foi? A braúna santa.

**Regis:** Que foi onde ele começou a conviver com os penitentes, o Lampião.

**Francisco:** Foi.

59:58

**Regis:** Muito bom esse texto. Eu vou ver... Eu volto para Fortaleza segunda-feira. Eu posso tentar, de manhã, procurar essa pessoa aí, esse José Cícero. Será que é fácil encontrar?

**Francisco:** É fácil.

[conversamos um pouco até 1:01:18 ]

**Sávio:** Aí tu mora lá perto de Wellington?

**Regis:** É próximo.

**Sávio:** Tu faz faculdade, é?

**Regis:** É. Ele é meu professor.

**Francisco:** Isso aqui já não foi uma explicação boa?

**Regis:** Muito boa.

1:01:34

**Francisco:** Esse Luiz Domingos é um que está paralisado. Professor Luiz Domingos.

**Regis:** Ainda é vivo?

**Francisco:** É. Se você pudesse entrevistar com ele também...

**Regis:** Mora em Aurora?

**Francisco:** É.

...

1:02:10

**Francisco:** De vez em quando, vem alguém para uma entrevista aqui.

**Regis:** O senhor é referência, não é? O senhor ainda atua como decurião no grupo?

**Francisco:** No dia 4 agora, nós tiramos um terço. Não ouviu falar em Orlando Leite?

**Regis:** Não conheço.

**Sávio:** Foi vice-prefeito de Aurora.

**Francisco:** Foi vice-prefeito de Aurora. Conhece Tânia? Conhece aquele Jaime, que vende madeira e vende tudo? Não... Era um ricão... [o ricão seria Orlando ou Jaime? Acho que é Orlando]

**Regis:** O senhor foi rezar lá na casa dele, foi?

1:02:55

**Francisco:** Todos os anos. A mulher não deixa, não. Agora se você ver... A cruz em cima da mesa... Com toalha, com tudo... Ave-Maria... Lá, você... O povo pensa... É festa nesse dia. Ela manda... Não vai uma pessoa assim. Quando ((inint.)) 1:03:23 Tanto faz no sítio que nem na Aurora. Você não sabe que a gente respeita as casas? Dentro da casa não vai um. Mas ali é ela, vem moça de Fortaleza, vem outra de Portugal, que é filha dela também, vem tudo assistir. Agora na hora da merenda, tem gente que, às vezes, come uma bolachinha. Zé

Carneiro não bebe nem chá. É que o povo... Ali, com as bandejas, passa um e passa outro. É assim. Ali é o gosto.

1:04:28

**Regis:** Eu queia saber... Eu vou embora segunda-feira. Se eu não for incomodar o senhor, eu podia voltar amanhã para conversar mais um pouquinho?

**Francisco:** Aqui? Ora se...

**Regis:** Qual seria o horário melhor?

**Francisco:** Você é quem escolhe.

**Regis:** Um que atrapalhe menos o senhor. De manhã, como hoje, não é?

**Sávio:** De 8:30h para frente.

1:04:53

**Francisco:** Se eu botar isso aqui, quando eu quero, trago um monte de livro, jogo aqui em cima. Pode pegar aí.

**Regis:** Estou tomando.

**Francisco:** Eu vou lhe dizer. A gente só conversa com quem sabe conversar. Eu estava fazendo a ata, que a ata é a alma da reunião, não é?

**Regis:** É. Tem que ter um secretário para redigir a ata. Não é qualquer um que sabe escrever uma ata, não.

1:05:27

**Francisco:** É não. Uma ata sem emenda e sem rasura. Repetir não se pode. É que nem quem vai fazer aquele Enem. Uma redação. Outra... Tem que resumir. Às vezes, com dois espaços você conta a história, não conta? Eu estava fazendo uma ata. Eu trouxe os dados para fazê-la. Chegou Terezinha, minha mulher: "Chico, lá fora tem um rapaz". Com a bíblia debaixo do braço.

[conta a história de um crente do sétimo dia que o visitou]

[até 1:11:46 ]

**Francisco:** Eu tenho um compadre, chama João Macedo, o maior político de Aurora. João de Zeca, já ouviu falar? 1:11:52

**Regis:** Sim. É famoso.

**Francisco:** Ele um dia ia saindo e chegou um crente na casa dele: "Seu João, deixa eu ler a palavra de Deus para o senhor ouvir?"; "Eu vou avechado agora... Mas deixe eu lhe perguntar

uma coisa: que diferença tem a bíblia de crente para a bíblia católica? Não sabe, não, meu santo? A bíblia de crente só fede a sovaco. Só anda debaixo do braço" [1:12:27](#) [risadas]

**Regis:** Esse João de Zeca tem cada história.

**Francisco:** Eu tenho um livro dele.

**Regis:** Mas com as histórias dele?

**Francisco:** Com as histórias dele. Desde quando ele era pequeno.

**Sávio:** ...

**Francisco:** Tu já ouviu falar nas histórias dele?

**Regis:** Ora... É famoso.

**Francisco:** Eu tenho. Ali é repentista.

**Regis:** E quando ele estava lá no gabinete do governador e ofereceram um café a ele? "Você é diabético?"; "Não, sou prefeito de Aurora". [1:13:04](#) [risadas] Tem nesse livro essa história?

**Francisco:** Tem.

**Sávio:** ...

**Regis:** Ele é compadre do senhor?

**Francisco:** É compadre. Você chegue lá na Aurora e diga "Seu João, eu ouvi dizer que Chico Leal agora não está mais na parte de vocês, não"; ele diz "Meu santo, vá com outra conversa para outro canto". [1:13:59](#)

...

[1:14:10](#)

**Regis:** Só para terminar, naquela história do crente, o senhor disse para ele que sabia de onde vinha e para onde ia. Eu queria saber para onde é que o senhor vai.

**Francisco:** Aí é que eu digo. Quando eu chegar lá, é o que eu disse a ele, eu não vou lá...

...

[fala mais um pouco de João de Zeca]  
 [cantador bebedor de cachaça]  
 [no tempo que, na política, se dava as coisas]  
 [o povo pedia violão...]  
 [Furtuoso]  
 [outras histórias]  
 [mostra o livro de João de Zeca]

1:28:12

No gabinete do governador Virgílio Távora. Entrava direto no gabinete pelo grau de amizade. Um dia, foi barrado pela secretária, que disse que o governador não podia atender porque estava recebendo umas pessoas que vieram de Brasília. João de Zeca respondeu: "Então estou melhor que eles. Eu vim foi de Opala". [risadas]

1:29:17

FIM

1:31:09



## APÊNDICE C – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM 29.07.2018

### Entrevista com Francisco Leal em 29.07.2018 Sítio Angico de Cima (Aurora-CE)

*[Assim como no dia anterior, a conversa aconteceu pela manhã, sob o juazeiro, no terreiro da casa. Além das aparições habituais (Cícera, Silvandete, Sávio), um homem identificado como Flavão também participa]*

*[Homem = Flavão]*

**Francisco:** Quarenta e quatro. Eu dando cinquenta, eu já tenho seis em sua mão para a outra. Não é assim? Eu posso rasgar essa?

[Francisco negocia algo com esse outro senhor presente na roda]

00:36

...

02:31

**Francisco:** Essa cadeira aí não está baixa?

**Regis:** Eu estou bem.

**Francisco:** Ontem ele veio me entrevistar. Aqui, graças a Deus, anda você... Eu digo assim: "Deus não me deu o que eu pedi". O assunto quem diz é você.

**Sávio:** Tu viu as meninas ali? [referindo-se a Tia Nildes e Naildes]

**Regis:** Acabei de vir de lá. Ontem, daqui, ainda fui lá no Logradouro.

03:16

**Francisco:** Agora eu vou lhe dizer: família de Dona Deri. Estuda na universidade de Fortaleza.

(...)

**Regis:** Tia Querubina [respondi numa conversa cruzada]

**Francisco:** Tu conhece, não conhece? Querubina.

**Homem:** Conheço. Querubina eu conheço.

**Sávio:** Querubina é mãe da madrinha de minha mulher. Ele aqui [referindo-se a mim] é sobrinho da mãe do finado Chico Landim, Dona Deri.

**Homem:** E é? Seu Chico aí com negócio de penitente é professor. Ele aí entende. É ele com negócio de penitente, e um patrão meu, ((ininteligível)) 04:00, com negócio daquela coisa de batismo, de igreja... É quem sabe a história de Aurora é ele.

04:11

04:29

**Francisco:** Tu acredita que esse dedo começou a coçar ((inint.)) sem arranhar nem nada. Aí começou a inchar. Inchou o pé, fui para o hospital. Aí chegou, olhou e disse assim: "É o exame vascular", porque está deixando de circular. Aí eu fui. O exame, mil e duzentos. O doutor, você deita numa cama e ele lá no computador... Ele disse "seu sangue está melhor do que o meu, homem". Isso aí é uma bactéria, que pegou da poeira. 05:18 Aí a bactéria inflama e sai outras coisas. (...) Eu vou já entrar numa, que ele gosta muito... 05:36 Você está com dor de cabeça, dão uma injeção com o dedo Você tá com um dedo, dão uma injeção para dor de cabeça. Veio um cara... Tava doendo um dente. "Eu vou extrair esse dente". Chegou lá e estavam o odontólogo e o analista. Os dois conversando. O odontólogo é dente e o analista é coisa de hemorroida. Entrou e sentou-se na cadeira do analista. E o dente doendo. 06:12 o cabra chegou com uma lanterna por debaixo da bunda dele. Ele disse "Doutor, o dente está é doendo"; "E por que você não me disse?"; "Eu pensei que o senhor estava cortando a raiz". [risadas]

(...)

07:38

**Francisco:** A gente deve obedecer aos pais, mas duas coisas ele pode desobedecer. Para ir para a igreja e para ir para a escola. O pai interrompendo o filho de ir para a escola, pode desobedecer a ele. Um dia, um cara chegou da escola e disse "Pai, eu fui reprovado em todas as matérias. Só saí aprovado em uma"; "E qual foi?"; "Religião"; "Ah, uma coisa que não leva a nada". "Aqui na terra, não, mas, lá em cima, leva". Aí o velho ficou assim... Não é? Aqui não leva, não. Porque existe a religião e existe a... 08:37

**Homem:** Ei, Chico, quando é que vai ter o terço de penitente para mode eu vir? Eu acho boni:::to!

**Francisco:** Você quer ver? Qualquer hora...

**Homem:** Onde é?

**Francisco:** Nós fazemos aqui em casa... Vai ter um na Santa Vitória, mas nesses dias eu vou chamar para rezar um terço aqui.

**Homem:** E ali na capela de Carnaubau, Seu Chico nunca foi lá, não?

09:03

**Francisco:** Eu já fui quando tinha aquele menino pequeno..

**Homem:** Uma capelinha que tem aqui...

**Francisco:** Tu se lembra daquele pequenininho que morava na beira do rio? Eu fui praquela capela ali. Lá em Vicente Cruz ali, não morava Chico ali, não era? Ali eu fui. Eu vou para onde me chamam.

**Homem:** Não é do penitente?

**Francisco:** É.

**Homem:** Ei, Chico, agora eu vou perguntar uma coisa a Seu Chico.

**Francisco:** Se eu souber, eu falo.

09:49

**Homem:** Diz que o penitente, ele se corta quando está rezando. É verdade?

**Francisco:** Se corta. O sangue desce que bate nas alpercatas. Mas você começando a conversar muito... Eu vou lhe dizer. Foi retirado por um frade isso. Ontem eu disse para ele. Hoje em dia, ele só apanha a primeira vez. Daí para frente, ele faz sua desobriga se quiser. 10:13 Porque a primeira vez é obrigação. Se ele levar a primeira vez e resolver sair, ele não descobre ninguém. É que nem você... Você não sabe aquela simpatia? Você pega um cabra, dá uma pisa com pinhão roxo e ele não descobre quem deu. 10:28 Não tem essa? O cabra dá uma pisa com pinhão roxo e ele não descobre, não. A simpatia. Deixa eu contar essa. Tinha uma sobrinha minha que as pernas eram assim, cambito. Não tem gente que chama de zambeta, né? Aí a mãe dela chegou aqui e eu disse "Tu tem fé?". Ela disse "tenho". Eu cavei um buraco... Essa aí é verídica. Lavínia conhece ela e tudo. Faça que enterre o pé dessa menina três vezes aí. Você bota dentro do buraco e tira. E ela fez nas duas pernas. Repara se ela não endireitou. Você tem azia?

**Regis:** Eu tenho. Bastante.

11:28

**Francisco:** Quer aliviar a azia? Você, quando ver um cabra com azia, um cabra que se queixa disso: "Mas menino, eu tenho azia". Você diz "É coisa que eu nunca senti". Você diz isso para ele. 11:47 Você vê um cara se queixando de azia e você sente também, mas diz "isso é coisa que eu nunca senti".

**Sávio:** Passa todo para ele.

**Francisco:** Para ele.

**Regis:** Vixe, aí coitado do homem.

12:03

**Homem:** Que gera até úlcera essa azia, é?

**Francisco:** Se gera. Eu vou lhe dizer outra: "Vixe, Maria, meu Deus do céu. Minha orelha está quente. O povo está falando de mim". Isso é lombriga que você tem e as mãos coçando. A orelha está quente: pega a coisa da camisa e muda, que ele lá morde a língua.

...

13:04

**Francisco:** Ontem, nós falamos da Fundação Ibiapina, não foi? Lá eu ouvi os professores dizerem que o cavaleiro é aquele que monta no cavalo e ele dirige. Mas o homem tem três coisas com ele. Ele tem 13:27 o conformismo. Ele tem a desconfiança e ele tem o imediatismo. [*essa fala é repetida em outras entrevistas*]

[O home liga uma moto ali do lado. O homem descobre que a chave da reserva estava acionada e por isso ele não conseguia ligar. Acontece que ele colocou na reserva apenas para não dar gasolina emprestada a uma pessoa que ele encontrou no caminho: "Eu não dou um farelo a ninguém. Pode estar é morrendo aí. Ele vai pra casa a pé, mas eu não dou. Mas tem as pessoas"] 14:49

15:27

**Francisco:** Ô, Flavão... Flavão não é gente, não.

15:34

(...)

[Flavão também conta que não dá dinheiro pra cachaça nem pra rapariga. Francisco diz "Aí tá certo". Flavão arremata: "Sou ruim, menino".]

16:53

[Francisco conta a história do conformismo, da desconfiança e do imediatismo]

**Francisco:** Três coisas que todo ser humano possui. A pessoa diz "Deus me quer assim; assim seja". Quer dizer que ele se conformou com a vida. Deus Nosso Senhor não botou ninguém para ser pobre nem ir para o inferno. (...) Deus existe, está lá em cima, está certo e tudo, mas é obrigado a se esforçar. Não vá ficar deitado em casa e dizendo que Deus dará, não, que não vem. Só vem se fizer um esforcinho. Porque Deus ajuda. Chove e cai um rio d'água. Fique deitado numa rede e não vá plantar e limpar, não, para ver se Nosso Senhor vai limpar e deixar dentro de sua casa. Ele mostrou. 17:51

Ele vai e tira o conformismo: "Não, eu vou procurar. Eu vou lá na casa de fulano para ver se ele me ajeta isso e assim e assim". Aí ele diz "Quer saber? Eu não vou, não". Olha, já desconfiou.

**Sávio:** Ele desconfiou dele mesmo.

**Francisco:** Primeiro, ele se conformou com a vida. Quando abandonou a vida, disse que queria. Aí veio a desconfiança. 18:32 "Eu vou não, que sempre não me arrumam isso. Isso é

perdido". A desconfiança vem desde... Nós todos possuímos. Vai ao médico, o médico passa a receita e "Eu vou tomar esse remédio, mas eu vou sem fé". Se desconfiando. Aí não pensa positivo. Terceiro:

## 18:52

Abandona o conformismo e abandona a desconfiança. "Agora eu vou". Aí vai. Se eu for lá no Seu Fulano: "Eu vim aqui porque eu estou nessa situação, desse jeito, veja se você pode me ajudar nesse ponto, assim e assim"; "Rapaz, hoje eu não posso, não, mas amanhã..."; aí o cara diz "Só me serve se for hoje". Mostrou que é imediato [imediatista]. "Só quero se for hoje. Ou é hoje ou não quero mais". 19:26 (...) Você pede nove vezes a uma pessoa. No dia que ele falar para completar as dez, se não servir, as nove não serviram de nada. Nós não somos assim? 19:48 Outra... Diz que Nosso Senhor só dá o cambito a quem não tem toucinho para botar. Essa aí é a história dos avós da gente. Ele dá o cambito e, às vezes, o cabra não tem o toucinho para botar. É outra parábola, com outra significação. Outra... Deus Nosso Senhor tira de quem não tem e dá a quem tem. O povo não sabe. Tira de quem não tem e dá a quem tem. É regra da palavra do Nosso Senhor é tirar de quem não tem. Por quê? Porque, naquela vez, Nosso Senhor entregou quatro talentos a um, entregou dois a outro e entregou um a outro. 20:36 Com um tempo, ele veio. Aquele de quatro talentos tinha colocado em movimento e já tinha oito. Aquele de dois talentos colocou em movimento e tinha quatro. Ele foi e chegou para o que tinha um: "E tu?"; "Não, Senhor. Eu desconfiei. Podia o povo roubar. Tá guardado". "Vou dar àqueles que tem coragem de trabalhar". Tirou de quem não tem coragem, de quem não tem nada e dá já a quem tem. É aí onde vem. Você dê com a direita que a esquerda não veja. Nós estamos aqui, nós três, e chega uma pessoa necessitada a pedir alguma coisa. Pede logo a mim e eu digo "Tenho não". Aí você vai e dá. Quando eu vejo você dar, aí, para me amostrar, eu "Ah, eu tenho também". Porque vi dar. Aí eu vou primeiro olhar. Se você deu dez, eu procuro dar vinte para lhe cobrir. 21:48

Eu andava angariando donativos para o Menino Deus e cheguei numa casa. Cheguei lá e, quando eu mostrei a lista, ele foi e disse "Eu dou uma cuia de arroz". Uma cuia de arroz é dez litros, não é? Tinha um rapaz que morava com ele. O rapaz chamava-se Lauro. "E tu, Lauro?"; "Eu dou uma quarta". A quarta são oito cuias. Aí Antoniel foi bater comigo para retirar o nome do rapaz, botar na cuia e botar o dele na quarta. "Faça isso, não, Seu Antoniel. 22:43 Por quê? Porque ele, proprietário, o patrão do rapaz, e o rapaz dá uma quarta na vista dele e o nome ser lido lá na igreja. O mundo é dessa forma aí.

Hoje eu estava dizendo aos meninos aí. Não vamos nos queixar de gente ladra, não. O Brasil é cheio de corrupto, mas a corrupção veio do descobrimento do Brasil. Dom João VI, naquele momento em que foi sair do Brasil a família real, ele disse "Pé ligeiro. Procure os bancos e carreguem o dinheiro" 23:34 Foi em todos os bancos e levou o dinheiro para não deixar nem o dinheiro do Brasil.

*[Mais tarde, no mesmo dia, Francisco me mostrou um livro de História do Brasil com esses versos da saída de Dom João VI em destaque.*

*No contexto da revolução de 1820: a 26 de abril de 1821, D. João VI deixava o Brasil, acompanhado por 4 mil pessoas, levando tudo o que puderam, inclusive todo o ouro que*

*existia no Banco do Brasil. Grupos de brasileiros tentaram impedir a volta das jóias e dos bens do Tesouro para Lisboa. Cantava-se nas ruas:*

*"Olho vivo,  
pé ligeiro,  
vamos a bordo,  
buscar o dinheiro".*

*Seu regresso atendia às exigências das Cortes, mas, deixando D. Pedro como príncipe-regente do Brasil, agradava também ao grupo político que defendera a permanência da família real no Brasil - o Partido Brasileiro, que começava então, a se formar.]*

23:38

Naquele tempo, era trocado, o povo enganado, pimenta do reino com pau Brasil, não era assim?

24:04

[Um homem chamado Pereira chega desejando saúde, felicidade, paz e sossego. "Tendo isso aí, tem tudo. Agora pode continuar"]

24:32

[*corrupção*]

Todo dia, qualquer um, de pequeno, está roubando. (...) Eles lá roubam muito porque a posição é maior. No Brasil, é difícil existir um homem... Outra... Quem é que sustenta a palavra com lucro? Eu quero ver é sustentar a palavra com prejuízo. (...) O político da mão no ombro. Está chegando o tempo na mãozinha no ombro: "Você é meu parente e tal... Venho aqui toda semana". Nunca mais ele vem. "Rapaz, você não prometeu?"; "A luta é demais, rapaz, eu não posso, não". Se ele ganhou, a luta é demais. Se ele perdeu, ninguém não vai atrás, não, que tá é abusado. São essas coisas. 26:06 Essas coisas do mundo. O eleitor é uma galinha choca. Naquela época, havia comida e havia transporte. "Ei, já votou?"; "Não"; "Pois quando for votar, o carro está ali, tem transporte, tem tudo". Era assim. Aí chega hoje: "Já votou?"; "Já"; "Então saia do meio, rapaz. Os outros vão votar e você está interrompendo. Já votou e o que está fazendo aqui?". A galinha não pôs ainda não? "Eita, menino, ajeita essa galinha que ela vai pôr". A galinha está choca? (...) 27:05

[Pereira fala algumas coisas]

27:22

**Francisco:** Tem o eleitor pidão e tem o eleitor sério.

28:12

**Regis:** Seu Chico, e a origem desse nome Caboclo? De onde é? É desde criança?

**Francisco:** Pronto... Digo nesse instante. Francisco Leal de Oliveira.

**Regis:** Era mais conhecido como Chico Caboclo ou Chico Leal?

**Francisco:** Chico Leal. Aquele povo (...) chama Chico Caboclo, mas de escola é Leal, Leal e Leal. Ontem eu lhe contei. O velho que se sentou numa rede e relinchou que nem jumento. Conteí?

**Regis:** Contou.

**Francisco:** O velho Caboclo Leite, dono desse Angico todo.

**Pereira:** Lá da Malhada Funda até chegar no Angico.

**Francisco:** Esse cara era rico e chamava-se Caboclo Leite. Meu avô por parte de pai, lutando [*trabalhando*] com ele, botaram José Joaquim de Oliveira... Lutando com ele, não tem esse povo da confiança? Chamaram Zé Caboclo. "Esse menino aqui é filho de Zé Caboclo", aí nasce menino e chama Fulano, porque é filho de Zé Caboclo, Fulano Caboclo. Raimundo Caboclo... Aí começa que nem apelido. 29:50 Esse daqui tem um irmão que nós botamos o nome dele de Golim. Porque quando ele bebia cachaça, perguntavam "Tu ainda quer, Fulano?"; "Só se for um golim". Aí ficou. Vai nisso. Você vê o Angico. Era um grande angical que tinha [Angico é uma planta]. Todos esses... Crato vem dos indígenas. Barbalha veio...

**Pereira:** Só um instante, Chico. O menino trouxe o disco?

**Francisco:** Não.

30:22

**Pereira:** É o Golim, mesmo. Ele tomou o disco emprestado. É um disco dos penitentes.

**Regis:** Direto tomando um golinho...

**Pereira:** Não, ele deixou de beber já faz uns dez anos ou mais. Parece que passou foi para a lei de crente. Ele pediu um disco, que nós tínhamos tirado um terço de penitente. Ele pediu para gravar outro. Aí ele não me entregou. Chico mandou o menino ir lá buscar hoje de manhã lá em casa, mas...

**Francisco:** Aí já veio?

**Pereira:** Não senhor. Vi Luiz, não sei se ele trouxe.

31:03

**Regis:** Não tem problema, não.

**Francisco:** Mais tarde, quando Luiz chegar, nós botamos à vista.

**Pereira:** Quando você ver um cabra careca ajeitando para merendar alguma coisa, era eu pelo meio. [*no disco; imaginei ser um DVD*]

## 31:27

**Francisco:** Eu ia dizendo por que o sítio se chama assim. Aqui se chama Angico porque tinha muito angical. Aí você vai... Tipi... Porque tinha muito aqueles negócios que nascem debaixo das mangueiras que se chama Tipi.

**Regis:** O que é Tipi?

**Francisco:** Tipi é uma planta fedorenta que só não sei o quê. Aurora? Por que é que chama Aurora? Já sabe, não é?

**Regis:** Sei não.

**Francisco:** Homem...

**Regis:** Eu estou aqui é para aprender com o senhor.

## 32:15

**Francisco:** Agora eu vou contar. Por que Aurora? Tinha uma mulher que vendia no Café Aurora Velha e o nome da mulher era Aurora. Os comboieiros de Iguatu se arranchavam nesse café chamado Aurora. Aí ficou Aurora, só que Aurora Velha. Aquele sino da capela de São Vicente foi doado por Dom Pedro, o sino que tem aqui. Aí Aurora passou para vila e depois passou para Venda. Aí veio um jornalista de Fortaleza, Plínio Salgado, dormiu um dia lá no casarão. Quando amanheceu o dia que abriu a janela em cima, viu o sol. Aurora é o sol nascente não é, não? Veio disso aí. Aurora veio de uma mulher mundana. Mulher de viração. É difícil uma lanchonete que invista nisso.

**Pereira:** Entendeu como é que é? Não vou dizer que é mulher de cabaré, essas coisas, não. Mulher que se vira.

**Francisco:** Daí, veio o primeiro padre, os prefeitos. Eu tenho todos os que passaram até o prefeito de hoje. Tudo como foi criado, a primeira câmara de vereadores. Tudo, tudo, tudo. 34:00 O primeiro padre não batizava nenhuma criança com nome de Cícero.

**Regis:** Por causa do Padre Cícero.

**Pereira:** Como era o nome do primeiro padre?

**Francisco:** Vicente Augusto Bezerra. Aurora tem 942 km<sup>2</sup>, o município. Sítios têm muitos. Ninguém pode nem dizer os nomes dos sítios. Santo Antônio, (...) aí começa Jitirana, Bordone Velho, Santa Vitória... Naquelas de acolá: Ribeiro, Pilões... Nessa daqui, partindo de Aurora: Santa Bárbara, Pau Vermelho, Angico de Baixo, Angico de Cima, Malhada Funda, Boa Vista, Cobra, Tipi de Baixo, Tipi do Meio... Dobrando por ali, pela vila, vem Emboscada, Martim, Curralinho, Ipueira, Cantinho... De Aurora para lá, vem Vazante, Jatobá, Tumbo, Recreio... 35:41

E trabalhei em quatro censos demográfico. Trabalhava no demográfico, no agropecuário, no econômico, tudo eu trabalhei. (...) 36:42 Nós estávamos fazendo o curso com um tenente.

Para sair, porque, quando a gente sai, é porque está preparado. O censo é o Brasil todo. É todo de um jeito só. Hoje o mundo está solto, mas não era assim. Tinha um quesito que era assim: você chegando numa casa que tenha moça, é obrigado perguntar se já possui um filho. A gente achava pesado. Hoje em dia, não é pesado mais, não. Hoje em dia, está solto aí, não está? Aí o tenente... Aí achamos uma casa aqui de uma viúva com três moças. Chegando lá, ele começou a perguntar: nome; religião, qualidade e tal; e mexe a casa toda. Aí disse assim: aqui tem um quesito que eu não vou perguntar, não. E ela disse "Por quê?"; "Isso é lá para o sul, lá para o São Paulo, não adianta aqui para nós, não"; "E que quesito é esse?"; "Um quesito besta: perguntar se já é moça, se já tiveram filho"; "As minhas eu garanto".

**Regis:** Acabou perguntando.

**Francisco:** Não foi? Perguntou numa base. Soube perguntar. Quando eu estava perguntando essas coisas... "Quando eu sair daqui, que eu for para a casa daquela viúva acolá, você vai ver. Lá é viúva afobada". Cheguei, estava ela sentada, fiando. [38:51](#) Sabe o que é fiar?

**Pereira:** Sabe o que é fiar, não. Você descaroça o algodão e faz aquele cordão. Aí faz a roupa, viu? Roupas de Algodão.

**Francisco:** Fiando. Sentada no pé de parede, fumando no cachimbo.

**Pereira:** Sabe o que é cachimbo?

**Francisco:** Mulher que fuma em cachimbo, diz que não briga. [39:21](#) "Boa tarde, dona". Dá sede na gente sem a gente estar com sede. "Dona, a senhora pode me arranjar um pouquinho d'água aí?"; "Posso". "Dona, eu ando por aqui. Sou agente do governo". Tem que ir se identificando. "Trabalhando num censo. Se fosse possível a senhora me responder aqui algumas perguntas"; "Meu filho, censo é desde o começo do mundo". (...)

[40:33](#)

Foi essas coisas todas que eu... Ontem eu estava aqui. Você sabe o que é o saber?

**Regis:** O senhor tem isso escrito aí?

**Francisco:** Tenho... Saber é um patrimônio que cada um pode adquirir. Todo mundo pode adquirir. Nunca pense que eu sou um bobo igual a você. O defeito que tu tem, tu só enxerga em mim...

[Francisco lê vários provérbios e explica alguns]

[41:32](#)

Tuas palavras e tuas ações mostram quem tu és  
 Não digas com alguém aquilo que não gosta (...)  
 A expressão "não vi" e "não sei" nunca agradaram a ninguém.

(...)

[Pereira fala um bocadinho]

## 43:16

Não me jogue pedra e espere que eu te dê pão.  
O ímpio com tudo se enfuria.

...

Boca fechada não entra mosca.  
A tristeza não só acaba com a vida como acaba com ((inint.)).

...

## 44:34

[Francisco conta de algo que viu na televisão sobre a depressão]

Depressão pode cair em mim e pode cair em você.

**Regis:** É uma doença como qualquer outra.

**Francisco:** É um mal que chega. Você peça a Deus para não cair. Quando você vê que ela quer chegar, procure logo um meio.

## 45:00

Nosso Senhor só dá o cambito a quem não tem toucinho para colocar.

*[cambito é um pedaço de pau com gancho usado para pendurar o toucinho ou qualquer outra coisa. Papai comentou que, no Batedor, carregavam muita cana-de-açúcar em cambitos. Ainda hoje, Tio Bastião usa. É como um cabo de baladeira, só que bem maior e mais grosso (mais ou menos no calibre de uma canela fininha. Vovô Mundoca tinha um muito bom e diferente, feito de Aroeira.)]*

Todo cobrador é veiacó.

Ele não tem costume de pagar ninguém. Quando o povo deve a ele, ele cobra logo pensando que vão fazer que nem ele faz.

[veiacó é caloteiro]

## 45:47

(...)

## 45:51

Quem com a arma fere, é ferido. Não tem jeito. A gente prepara a cama e, no que a gente prepara, se deita nela. É porque, às vezes, a pessoa está sofrendo. "Rapaz, o que tu fez?"; você faz uma coisa aqui e, às vezes, não acontece com você. Acontece lá com uma família sua aquilo que você preparou.

**Regis:** A gente colhe o que planta...

**Francisco:** Quem planta coisa ruim, só colhe tempestade. Quem planta ventania, só colhe tempestade.

Mas você nunca deve fazer tempestade num copo d'água. Uma coisa, às vezes, é maneira, e não precisa fazer essa tempestade, não.

Quem tudo diz, fica sem saber de nada.

46:47

Quem muito fala, muito erra.

O fruto só cai de baixo da árvore. Dificilmente, um pai bebe, joga, é peralta, para tirar o filho do mundo.

Filho de peixe não morre afogado, não. Sabe nadar.

47:29

Não, porque ele está na universidade e isso aí cada vez é melhor.

**Regis:** Eu queria saber, numa reza que o senhor puxa como decurião, existe um roteiro?

**Francisco:** Tem o começo, tudinho até o fim.

**Regis:** Pois deixa eu pegar um caderno aqui.

(...)

48:28

**Regis:** O que é o alerta? É quando começa?

**Francisco:** O alerta é, vamos supor... Um alerta para aqueles que não vieram acordarem e virem.

**Regis:** Acordar?

**Francisco:** Sim... Às vezes, o cabra está dormindo: "Ah, menino, é mesmo, ó. Estão cantando. É hoje. Agora é que eu me lembrei". Ou, se não, ele "Eita, já estão alertando", porque, às vezes, acontece isso, que o demônio é coisa suja 49:00 . Você tem uma viagem e aparece uma visita e aparece uma coisa e o cabra doido para sair. "Olha, já estão alertando acolá" [como se o cabra escutasse e se alertasse; se atentasse].

**Regis:** E com quanto tempo antes começa o alerta?

**Francisco:** O alerta é depois de estar tudo junto.

**Regis:** Antes de começar, mesmo.

**Francisco:** Isso é, parte, no cruzeiro. Sem viajar [ele usa o termo "viajar" como "andar" ou "caminhar em procissão"]. Depois disso aí, tem os conselhos, que é "Ó, turma. Nós vamos para uma viagem por acolá... 49:46

**Regis:** Depois do alerta, é o conselho...

**Francisco:** Pode botar advertência.

**Regis:** É depois do alerta?

**Francisco:** É. É uma advertência que o chefe dá. Pode colocar aí [vou escrevendo no caderno]. Ah, pois você quer, então nós vamos.

**Regis:** E depois?

**Francisco:** Depois têm os benditos da saída.

**Pereira:** É quando chega o resto.

**Francisco:** É. O bendito da saída.

50:06

Assim... Eu vou dizer um verso

"Vamos meus irmãos  
E vamos com Jesus  
Que Ele foi por nós  
Cravado na Santa Cruz"

*[Pereira acompanha nos versos]*

Bem... Tira uns três a quatro benditos. Para sair, sai de costas uns três ou quatro metros. Quando termina isso daí, pede misericórdia. Misericórdia é tudo abaixado, beirando o chão *[Pereira conta mais na frente que é quando "beija o chão"]* e com a mão aqui *[no peito]*.

"Misericórdia Meu Deus"

*[canta]*

Bem, agora aí, todos eles têm beijado a cruz. O decurião dar a cruz para cada um beijar.

51:42

**Regis:** Depois da Misericórdia?

**Francisco:** Sim. Cada um beija a cruz.

**Regis:** A guia, né?

**Francisco:** Sim. A guia. Beija a cruz, a guia. Agora aí vai caminhar. O bendito escolhido... Vai só cantando bendito até uma casa ou cruz, onde for fazer o trabalho.

*[O evento roteirizado por Francisco leva vários nomes: reza, trabalho, terço, penitência... Essas palavras se confundem no discurso ao mesmo tempo que, cada uma, também distinguem certos trechos específicos do ritual]*

52:11

Cantando bendito.

**Regis:** Até o destino...

**Francisco:** Até o destino. Só bendito na estrada. Às vezes, pode ser um quilômetro, pode ser meia légua, pode ser uma légua... Cantando até chegar no ponto.

**Regis:** E chegando no ponto?

**Francisco:** Chegando no ponto, Misericórdia de novo. E terminou aquela jornada que vinha.

**Pereira:** Beija o chão. *[em referência a ficar abaixado beirando o chão durante a Misericórdia]*

52:53

**Francisco:** Agora vamos começar o trabalho, não é? É uma Misericórdia de novo e começa a Oração do Começo.

"Ajoelhemos pecador  
E vamos fazer oração  
Que é um redentor divino  
Do Sagrado Coração"

*[canta]*

Aí vamos começar o terço, aí um Ato para antes da meditação. Posso até dizer uns pés.

*[Interessante ele usar a expressão "pés" para versos]*

53:51

"Eu estou na presença de Deus. Ele me vê, me ouve e penetra até o íntimo de minha alma descobrindo nela os meus mais remotos pensamentos e afetos. Ah, como eu poderei sustentar a faixa de um Deus sendo eu tão miserável pecador quando penso em minha numerosa infidelidade e tantos enormes atentados que tenho cometido contra o meu criador. O temor e o remorso se apoderam de mim. Quase não me atrevo a levantar os olhos para o céu. A voz me ((inint.)) oh, Divina Maria, por toda a parte eu vos ouço chamar o refúgio dos pecadores, a consolação dos aflitos, oh, mão de misericórdia. ((inint.)) meu refúgio e a esperança, minha Mãe, alcançai no perdão de vosso adorável filho. Piedosíssima Virgem, bem conheceis a

minha ignorância e fraqueza. Sem os auxílios da graça, não sou capaz de bem algum nem mesmo posso ter um bom pensamento nem citar um bom sentimento da minha alma. Dignais vós mesmo, ensinai a morar, afastai de mim toda a distração, derretei o gelo do meu coração inspirado na ((inint.)) recolhimento e fervor para fazer dessa oração.

54:58

Aí faz o sinal da cruz, a Oração da Cruz, aí reza o Creio em Deus Pai, aí começa o terço. [mais uma vez, ele diz que é nesse ponto quando se começa o terço]. Faz umas 3 ave-marias, depois a jaculatória, "Meu Jesus...", não sabe? Aí canta um pé de bendito apropriado. Se for um terço de aniversário, de alegria, escolhe um bendito. E se for um terço pesado, escolhe aquele que é bem mais penoso.

**Regis:** Como é que essa última parte? [estava escrevendo e acabava me desconcentrando]

**Francisco:** Se for um terço de aniversário, um bendito mais bonito. Uma coisa de tristeza, vai rezar para um que morreu, procura um com o pé mais comovente.

56:00

**Regis:** Quem é que escolhe o bendito?

**Francisco:** É o decurião.

**Regis:** De acordo com a ocasião.

**Francisco:** De acordo com a ocasião. Bem, outra cosa... Se eu não estou dizendo ((inint.))... Aí a gente escolhe o dia. Segunda e Quinta é gozoso. Escolhe o dia e, conforme o dia, Quarta e Domingo é glorioso. Terça, Sexta e Sábado é doloroso.

**Pereira:** O negócio aí é difícil. [*rindo*]

**Francisco:** Meu amigo, eu estou dizendo. Chico nasceu para isso. 56:55 O primeiro, nos gozosos, é quando Nosso Senhor nasceu. O glorioso é quando Nosso Senhor ressuscitou. E o doloroso, quando ele estava sofrendo. Aí a gente vai e contempla cada mistério conforme o dia. Se for num dia de sexta-feira, doloroso: primeiro mistério... Agonia mortal de Jesus... Outro mistério, a contrição. Se for glorioso, o primeiro mistério é a ressurreição triunfante de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se for gozoso, o primeiro mistério é a encarnação do filho de Deus.

**Regis:** Isso que o senhor está falando é o terço...

**Francisco:** Aí é para nós começarmos antes do primeiro mistério. Eu escolho o dia. Se naquele dia for um dia de sexta, eu vou no doloroso. Se for um dia de quinta, eu vou no gozoso. Se for num domingo, eu vou no glorioso, entendeu como é? É conforme o dia. Eu não vou empregar doloroso para qualquer dia.

58:09

Vamos supor que seja um doloroso. Antes, a gente contempla: "Meu Jesus, perdoai...", não sabe? Aí vai e contempla um mistério. Segundo mistério, vamos supor. ((inint.)). Aí o mestre canta um pé de bendito antes de começar o pai-nosso.

"Na forte coluna, Jesus foi atado  
E todo sangrento seu corpo sagrado  
E todo sangrento seu corpo sagrado"

[Pereira acompanha no canto]

Bem, aí... Pai-Nosso... Primeiro, o mestre tira. O segundo vai outra pessoa. Então que, nos cinco mistérios, um mistério ele deixa para a parte de trás tirar e os da frente responderem. 59:17 (...) 59:44 Toda vida, são cinco mistérios, não é? Cada um pede bendito. Vamos terminar o terço, não é?

**Regis:** No final de um mistério, canta um bendito?

**Francisco:** Canta um bendito para começar outro mistério.

**Regis:** Entre um mistério e outro?

**Francisco:** Entre um e outro. Agora termina o terço. Final do terço: a oração para a ladainha cantada em latim.

1:00:19

"Kyrie eleison..."

[Francisco canta em latim. Pereira acompanha]

Aí está dizendo "Senhor tem piedade de nós".

**Regis:** Esse momento é a "Oração para a ladainha cantada"?

**Francisco:** É. Vai tirar essa daí. Terminou a ladainha, vai uma oração para tirar a Salve-Rainha.

1:00:58

[cita o primeiro verso de uma oração]

1:01:03

Aí os agradecimentos.

[cita alguns versos da oração para tirar a Salve-Rainha]

"Salve Rainha  
Mãe de Misericórdia"

...

[cantando]

Depois da Salve-Rainha, a gente diz...

1:02:01

[declama em latim]

Que quer dizer "Rogai por nós Santa Mãe de Deus".

[declama em latim]

[declama uma oração]

1:02:41

Aí vai ser as súplicas. Depois da Salve-Rainha. A súplica você entende como é, não é? Um pai-nosso com ave-maria... (...)

1:03:17

1:03:26

Se for um terço com defunto... [declama uma oração apropriada para defunto]

1:04:00

A súplica, se reza... Na súplica, se pede para aqueles que estão em agonia, por aquelas almas mais abandonadas. Porque tem muita gente que, morreu, acabou-se. A gente reza para aquelas mais abandonadas. Reza para aqueles que procuram titubear o trabalho da gente.

Aí nós terminamos os Pai-Nosso. Nós estamos dentro do terço. Vamos tirar "Meu Senhor Amado":

"Meu Senhor amado"

...

[os dois cantam]

Aí você canta também "Bendito da Paixão"

"Bendito... (...)

E a paixão do redentor

Que pra nos livrar das culpas

Padeceu por nosso amor"

1:06:08

Aí se reza "Senhor Deus":

"Senhor Deus  
Misericórdia"

[os dois cantam]

Aí a gente pede "Senhor Deus" para muitos pés. Aí vamos rezar a Oração de São Bernardo.

[declama a oração]

1:06:47

Aí se reza a "Consagração de Nossa Senhora".

[declama a oração]

Aí vai se invocar o Divino Espírito Santo

[declama a oração]

1:07:16

Pede-se a proteção ao "Coração de Jesus"...

Isso é um trabalho numa casa. Pedir ao Coração de Jesus para nos proteger quando tivermos acordados. Amparar quando tivermos dormindo. Aí se reza o "Ato de Contrição", se reza o "Ato de fé"

[declama o Ato de Fé]

1:08:23

Aí diz "Santo anjo do Senhor, meu zeloso e guardador".

(...)

1:08:43

Demora que nós não terminamos o trabalho. Chegou num ponto... Vamos dizer a jaculatória. Vamos aos agradecimentos:

"Meu Deus, já é tarde, já terminou o dia. Tudo é dom de Deus. Preciso te dizer agora 'Muito obrigado'. Muito obrigado por todos que estão aí. Por filho, por parente, pelos penitentes, pelos ausentes, pelos que morreram", não sabe? "Peço perdão por aquilo que podia ter feito e não fiz. Mas, amanhã, se eu tiver uma nova oportunidade, eu farei".

Depois, a jaculatória: "Ó, maria, concebida sem pecado...". Coloca "jaculatória" [*instrui sobre como posso escrever no caderno*]. Dá os agradecimentos. Aí tem a oração do término.

**Pereira:** A oração do término é que é boa.

**Francisco:**

"Nas vossas mãos..."

[*declamam os dois*]

1:10:19

Aí vai e pede misericórdia e terminou o terço aí. [*Mais uma vez, usa o termo "terço" para sintetizar o evento com um todo*] Aí o povo "Eita, vamos pra merenda...". Mas ainda tem uma antes da merenda: "Bendito de beijar".

**Pereira:** Antes da merenda. Aí depois a gente começa a fofoca.

**Regis:** O que é o bendito de beijar?

**Francisco:**

"Chega devoto  
E adorar Maria  
Nossa protetora  
Nossa luz e guia"

Tira esse e tira aquele outro:

"Vamos já beijar  
Nosso Bom Jesus  
Só Ele é quem pode  
Com o peso da cruz

Jesus é meu  
E eu sou de Jesus  
Jesus vai comigo  
E eu vou com Jesus

Jesus vai comigo  
No meu coração  
E aceitai, Senhora,  
Esta devoção"

1:12:14

Aí é um e um. Vêm de um em um, chega e beija.

**Regis:** A cruz?

**Francisco:** A cruz. Beija a cruz e beija o altar onde a gente tirou. Beija a cruz e volta, de um em um. O derradeiro que beija são os três da frente.

**Regis:** O decurião...

**Francisco:** O decurião e os dois. Eles beijam e pedem misericórdia. Aí chega o tempo que os cabras falam "Ei, chama aí, mestre", e os cabras sem querer ir. [*para a merenda*]

**Pereira:** Com vergonha.

**Francisco:** Às vezes... Eu fui a um terço e levei um bocado na Carnaúba. Cheguei lá, era uma festa. Aí dá a um, dá a outro. "E tu, Chico?". Aí falta o meu. Tinham matado bode e tudo, pois estralaram uns ovos pra mim. [*Pereira dar risada*] . Pega fulano, pega fulano... "Ei, cadê a merenda de Chico?". Um ovo estralado. 1:13:15

**Regis:** Não sobrou nada.

**Francisco:** Nada. Bem... Nós vamos terminar. Merendou, aí o dono da casa dá os agradecimentos: "Vocês vão desculpando...". Aí sai os agradecimentos:

"Deus lhe pague a sua esmola  
Deus lhe dê a salvação  
E acompanha Deus eterno  
E a Virgem da Conceição"

[os dois cantam]

1:14:09

Dá os agradecimentos. Aí vamos para a saída. O decurião pega na cruz e vai saindo.

"Ô, irmão, adeus  
Vamo-nos embora  
Nos encomende a Meu Deus  
E a Nossa Senhora"

Os de trás respondem:

"Vai-te embora, irmão  
Cumpre tuas penitência  
(...) oração  
(...)  
E um feliz perdão  
Pelo amor de Deus"

1:15:14

Aí eles vão saindo de costas [o decurião e os dois ajudantes]. Do mesmo jeito que eu lhe disse. Eles se afastam para aqui e para aqui, saem os três de costas. Quando saírem, eles acompanham. Aí nós saímos fora. Começamos naquele ritual que nós saímos do cruzeiro. 1:15:35 Um bendito. Se quiser, tira qualquer bendito. Tem aquele:

"Oh, Senhor daquela casa que...  
 Viemos contando os passos, Meu Senhor  
 Que aqui trazemos  
 E o Senhor  
 (...)  
 De alegria  
 Manoel da Vera Cruz  
 Filho da Virgem Maria"

Pode cantar diversas. Pode cantar bendito de Santo Antônio. Pode cantar aquele que, um dia, eu, com o povo...

**Pereira:** Ei, Chico, canta o Bendito de Santo Antônio, só para ele entender.

1:17:09

**Francisco:**

"O Antônio e o Antônio  
 E o Antônio (...)  
 Vai livrar teu pai da morte  
 Que vai morrer inocente  
 Socorre Antônio, socorre  
 Não cuida mais empregar  
 Daqui para o Meio-dia  
 Vosso pai vão encontrar  
 Santo Antônio estava pregando  
 E deu uma Ave-Maria  
 Que em minuto de uma hora  
 Em Lisboa chegaria"

Olha, é o seguinte. Santo Antônio, frade, estava pregando, aí tinha, que nem hoje em dia tem na Indonésia... A lei é dura, não é? Tinha havido lá uma morte e disseram que foi o pai dele que tinha matado. O pai dele foi preso e antes de meio-dia era pra ser degolado. A voz disse "Ô, Antônio, o Antônio / Socorre Antônio, socorre / Não cuida mais empregar / Daqui para o meio-dia vosso pai vão enforçar". Pois naquela pregação, saiu dali que ninguém viu e...

Vinha a justiça  
 Vinha a justiça  
 O homem que quem vós procura  
 Não é o que vós cuidaria  
 (...)  
 Porque são palavras loucas  
 (...)  
 Te levanta homem morto  
 Por um Deus que nos criou  
 Que este homem foi quem te matou

Este homem não me matou...

[*não entendi todos os versos. Mas todo o bendito conta a história do pai de Antônio, que foi acusado injustamente de ter matado alguém*]

1:23:20

Vamos terminar. Vamos chegando no cruzeiro. Chegada no cruzeiro. Todos beijam a cruz. Maria concebida; invocação; agradecimento; e aviso.

1:24:27

Outra: não se tira a roupa antes de terminar o trabalho. Só depois que beija a cruz. São compridas as coisas ou não são?

**Regis:** Isso dá quanto tempo?

**Francisco:** Dá uma hora e meia ou duas horas. 1:24:47 Nós não estamos nem botando nada.

**Pereira:** E outra coisa. Se tiver só água e sal, ninguém diz nada.

**Francisco:** É cento e quinze reais uma missa. Se for uma missa de uma pessoa mais ou menos, ainda dura quarenta e cinco minutos. Se for de um pobre, não chega a meia hora. Por quê? Porque a dos mais ou menos, tem uma mensagem, tem um coral, o padre ainda diz quatro ou cinco vezes aquele nome. 1:25:40 Aí a gente trabalha uma hora e meia, não cobra um tostão, sujeito a tudo. É o que eu disse ontem. Não chamam penitente por ((inint.)). Só chama por uma coisa de futuro.

1:26:09

Agora nós vamos dizer. Antigamente... Porque deixou de se disciplinar, não foi? De derramar, não foi?

[derramar = disciplinar-se].

**Regis:** A disciplina seria em que momento desse roteiro?

1:26:28

**Francisco:** Pronto. Digo nesse instante. Vai mais ou menos quando... Depois que terminou o terço, que cantou a ladainha, a Salve-Rainha, aí pode se cantar o Pranto. No pranto, o cabra pode meter o...

**Regis:** Antes da súplica?

**Francisco:** Antes da súplica. O Pranto é assim:

1:27:14

"Estava a mãe dolorosa

junto ao pé da cruz chorosa  
 Enquanto seu filho pedia  
 Sua alma cruel espada  
 Nela foi profetizada  
 Tira ((inint.))..."

São dez pés e o cabra lá. Se ele não souber na primeira vez, o decurião vai dizer. Bota o pé direito na frente e faz o manuejo. Porque faz numa base que pegue nas carnes para não pegar em cima dos ossos [1:28:12](#) . Quando ele termina, amarra uma toalha na cintura e vem dar os agradecimentos lá no altar. Pois é isso aí.

**Regis:** O pé direito na frente.

**Francisco:** O pé direito na frente e, aqui, manda: shaw, shaw.

[1:28:34](#)

**Regis:** Com cuidado pata não pegar no...

**Francisco:** Com cuidado para não pegar no meio do espinhaço.

**Regis:** Se não, dói.

**Francisco:** Ah...

**Pereira:** Pode aleijar.

**Francisco:** Não lhe disse o roteiro?

**Pereira:** Ei, Chico. Mas é quando o cabra quer entrar para essa lei.

*[Pereira se refere ao ato de se disciplinar. Francisco explicou que, hoje, é mais comum a disciplina acontecer só como ritual de entrada de algum novo membro]*

**Francisco:** Eu já disse ontem. Nós já fomos ontem. Hoje, eu quero dizer outra coisa.

[Silvandete chega]

[1:29:24](#)

**Regis:** Se o penitente em casa, sozinho, quiser fazer a disciplina, ele faz?

**Francisco:** Faz.

**Regis:** Eles têm costume de fazer isso?

**Francisco:** Faz. Um frade me disse. [1:29:33](#)

[fala com outras pessoas]

1:29:50

**Regis:** Se tem costume de fazer sozinho.

**Francisco:** Tem. Aí é por conta deles, não é, não? Frei Jeremias me disse uma. Ele disse "Leal, eu vou te dizer uma. A desobriga, você diz ao grupo que qualquer um pode fazer. Às vezes, numa merenda, todo mundo vai merendar e olha os joelhos!". Ele disse "Aí desobriga". Ele disse: "O chefe é quem escolhe". (...) "Vamos fazer isso hoje?". É que nem você... Jejuar: o que é jejuar?

**Regis:** Tradicionalmente, é não comer. Não pode comer carne. Comer o mínimo possível... Na Semana Santa...

**Francisco:** O que é jejuar?

**Pereira:** Primeiro, a gente tem que pensar em Deus.

**Sávio:** Jejuar é ir para a missa, é não falar da vida alheia.

**Francisco:** Jejuar: nada depende de comer 1:31:26 . Se eu fizer todo dia ((inint.)) uma hora da tarde e duas, eu não estou jejuando, não. Jejuar é aquele costume desgraçado que a gente tem que fazer... Respeitar aquele outro... "Hoje eu jejuo. Hoje eu não faço isso". Jejuar? Só porque eu não vou comer carne? Só porque eu vou lavar o rosto para não dar demonstração a ninguém que eu estou com fome? Jejuar é jejuar aquele defeito grande que a gente tem diário. Falar da vida alheia... "Hoje eu não vou falar da vida alheia, não". Esse é o verdadeiro jejum. Não é o de comer, não. A carne, pode-se comer... Hoje em dia, pode-se comer a carne. Não tem nada com isso, não. (...)

1:32:23

O que é religião? Vamos ver. O que é religião?

**Pereira:** Eu penso que religião é amar ao próximo e, daí para frente, você...

**Francisco:** Bem...

**Pereira:** Você sabe o que é?

[*Pereira pergunta para mim*]

**Regis:** Eu quero escutar o mestre.

**Francisco:** Não é medalha, não é ir pra missa, não é roupa preta no dia 20, não é deixar o meu cabelo crescer. Religião: do jeito que eu quero a sua vida, eu quero a minha. Não adianta. (...)

1:33:37

**Silvandete:** Hoje, mesmo. Nós estávamos lá na liturgia. A mulher que fez a primeira leitura olhou pra mim e disse "Mas esse homem lê ruim, viu". Com o diácono.

**Regis:** Essa aí não está jejuando, não.

[*nem eu*]

1:33:56

**Francisco:** Bem, são essas coisas aí. Não adianta eu ir à missa e dizer assim: "Eu não vou por ali, não, que eu não passo na frente da casa de ((inint.)), que eu não gosto dele". Aí vou para a missa, me confesso, comungo e venho dizer? Não é. "Eu vou dar dez reais aqui para meu padrinho Cícero". Padre Cícero não está aperreado por dez reais, não. Eu vou fazer uma desobriga, vou fazer umas nove noites de novena, vou rezar para as mãos ensanguentadas de Jesus. Vou fazer nove primeiras sextas-feiras. 1:34:40 Isso aí é outro tipo. Não ouviu aquela que eu contei do bode?

1:34:52

**Regis:** O que é a desobriga que o senhor falou?

**Francisco:** A desobriga é essa: fazer a disciplina. (...) Pois bem, o jejum... Primeiramente, vai, vai, vai... Quando chega a Semana Santa, "Mas rapaz, na Semana Santa eu não tenho um queijo, não tenho...". Rapaz, essa boca, nos outros dias, não é a mesma coisa, não. Para ele comer... 1:35:30 É uma festa beneficente hoje: "Rapaz, não vou, não. Não comprei nenhuma roupa. ((inint.)) 1:35:35 1:35:43 Agora para se apresentar ao povo... Não é, não?"

**Regis:** Quer se arrumar todinho...

**Francisco:** Devia se apresentar a Deus. Pois bem... São essas coisas. Não acenda uma vela e coloque num quarto e feche a porta.

**Pereira:** Essa lei aí é pesada. Não coloque uma vela...

**Francisco:** E coloque no quarto e feche a porta. Não adianta. 1:36:15 Eu fiz trinta e seis cursos no Crato. Não adianta você vir me entrevistar, eu saber das coisas e dizendo "Pode perguntar". Não adianta eu ter aprendido as coisas e ficar eu para acolá.

*[Francisco, com a história da vela e dos cursos, quer dizer que não é bom desperdiçar. A vela dentro do quarto e com ninguém dentro, não adianta nada. Alguém aprender tanta coisa e não saber o que fazer com esse aprendizado também não tem serventia]*

1:36:33

Eu lhe disse ontem. Para ser chefe aqui, é obrigado ter coragem. É ou não é? Uma vela que você acendeu, o que ela clareia? Você gasta com uma pessoa e a pessoa não serviu de nada.

Bem...

1:36:54

"Dê com a mão direita..." Nós já vimos essa.

[Francisco volta a ler os provérbios dos cadernos]

Toma menino bom pra mim, (...)

Não prometa o que não pode cumprir.

A vida da gente é um livro. Cada dia é uma página.

O professor não ensina tudo a seus alunos.

1:37:14

(...) [*a onça e o gato*]

1:38:01

A casa de ferreiro é espeto de pau.

**Pereira:** Olha aí, Chico, o negócio começando a melhorar.

1:38:17

**Regis:** Seu Francisco, o senhor tem o hábito de escrever todo dia?

**Francisco:** Eu escrevo direto. Eu, sem uma caneta e sem um livro, eu estou desarmado.

**Regis:** Fica direto no bolso, é?

**Francisco:** Direto no bolso.

Silvandete: Em casa de poeta, não pode faltar caneta e papel. Pode faltar tudo.

**Regis:** Haja caderno! E tem algum lugar em que o senhor gosta de escrever ou pode ser em qualquer lugar?

**Francisco:** Aqui debaixo desse pau.

[Juazeiro do terreiro]

**Pereira:** Olha a mesa dele aí.

[uma mesa improvisada]

**Regis:** Que árvore é essa aqui?

1:38:47

**Francisco:** Juazeiro. Deixa eu dizer umas coisas que eu quero, viu. A "casa de ferreiro é espeto de pau" é você só ver a casa de um pedreiro caindo. Ele faz casa para os outros, mas a dele, mesmo, ele não faz.

**Silvandete:** Regis, é aquela história do pedreiro que o cara mandou ele construir uma casa e ele fez com tudo ruim.

**Regis:** E o cabra deu a ele. Minha mãe contou essa história para mim.

*[Gostava muito dessa história quando criança. Hoje, não gosto tanto. O pedreiro pode errar um dia. Pode fazer no capricho dezenas de casas e errar uma. Sei que a moral é não ser desleixado no trabalho, mas moral com o trabalhador é tão difícil de estabelecer diante das condições de trabalho a que estamos acostumados]*

1:39:25

**Francisco:** Porque quem estuda esses provérbios tem que tirar para os outros, homem.

Quem atira com a ((inint.)) 1:39:31 alheia, não toma chegada.

Tanto faz perder um quilo como não. Não é dele, o quilo. Você empresta uma coisa e o cabra "Ah, isso aqui não é meu".

**Regis:** Não dá valor, não é?

**Francisco:** Do dizer para o fazer, tem uma distância grande ainda. "Eu vou fazer isso"; "Eita, daqui que você faça". E nem começou. 1:40:08 É mais pabo.

Quem sobe sem poder, desce sem querer.

O cabra subiu ligeiro: a queda é maior.

Quanto mais alta a árvore, maior a queda.

1:40:21

Quem quer passear bem, carrega a mãe na garupa.

Você não solta um pássaro pegado pelo que vai voando.

1:41:05

Quem tem dois, tem um, mas quem tem só um, não tem nada, não.

Toda veste serve um novo.

1:41:57

Quem deixa a casa, não quer morar.

Formiga, quando quer se perder, cria asas.

Deus dá o cobertor a pessoa conforme o frio.

1:43:00

Uma andorinha só não faz verão.

1:43:46

**Regis:** Um exemplo são o trabalhos dos penitentes, não é? Se for um só...

**Francisco:** Um não fazia só. É tão sério. Quem sabe diz, quem não sabe... Outra: nós não cobramos nada. Quem não souber naquela base ali, vai calado até aprender.

**Regis:** Outra coisa que eu nem perguntei: no grupo do senhor, são quantos?

**Francisco:** O grupo, nós, hoje, estamos andando com dez, doze. Às vezes, pega doze, vinte, mas o grupo, mesmo, aquele especial... Aqueles com quem nós andamos no grupo não é que nem carro de comício. Dá para você entender.

**Regis:** Não sai catando qualquer um.

1:44:36

**Francisco:** É. Vai tirar um terço acolá: "Se ele vai, eu vou também". Não. Não adianta a quantidade. Adianta a qualidade. Nós chamamos aquele povo que vai desempenhar.

**Regis:** E esses que são os fies, os compromissados, que estão sempre juntos, são quantos?

**Francisco:** Os doze. 1:45:00 Agora, outra coisa... Eu disse a você: os sotaques. As músicas não dão. Às vezes, pode chamar. Lá nas Antas tem. Em todos os cantos, tem. Ali por Bordone Velho. Mas lá, a música não se dá. Desmantela.

**Regis:** Tem que ter uma afinidade ali. 1:45:23

**Francisco:** É. Vamos supor que chegue um que quer mestrar nas Antas. Aí o povo "Eita, esse aqui é o mestre dali". Aí os daqui vão esperar por ele e vão botar o trabalho perdido. Que ele puxa e não sabem responder.

**Regis:** Não ensaia também não.

**Francisco:** Não ensaia.

**Regis:** Eu queria que o senhor me explicasse o que é a segunda voz. São quantas vozes?

1:45:44

**Francisco:** Tem a primeira. Tem a segunda, que ajuda o decurião. A segunda voz é quem canta fino. Porque se não tiver a segunda voz, o cabra fica rouco e nem entoa.

**Regis:** A primeira é do decurião.

**Francisco:** A primeira é do decurião. A segunda ajuda o de lá. A segunda pessoa. Agora a segunda voz é aquela bem fininha.

**Regis:** Quem é que canta essa segunda voz?

**Francisco:** A gente escolhe.

**Regis:** Pode ser um dos dois ajudantes...

**Francisco:** Não, não. Na frente tem um e atrás tem outro.

**Regis:** Eu entendi.

1:46:44

**Francisco:** Eu vou passando os provérbios, que ele está gravando.

**Pereira:** Eu e você cantando só para entrar.

**Francisco:** Mas aí atrapalha gravar.

**Pereira:** Está gravando?

**Francisco:** Está gravando. Isso que você diz, essas coisas ficam gravadas. Não é por isso.

1:47:02

Melhor perder uma hora num dia do que a vida num segundo.

1:48:16

1:48:26

Não cai uma folha de um pé de pau sem Deus consentir.

Não tem uma moça bonita descalça.

Moça bonita com os pés no chão é que nem um comércio sem pão.

1:49:05

Defunto sem choro, não espere salvação.

Laranja oferecida está podre ou está ardida.

1:49:47

Quem dar o que tem...

Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro.

Lava o teu dedo para poder apontar para mim.

Tira a trave do seu olho para enxergar um cisco no meu.

Quem nunca comeu mel, quando come, se lambuza.

1:50:34

Por que é que Deus não me dá o que eu peço?

Essa é fácil. Eu, sem ter nada, já quero pisar o povo. E se Deus Nosso Senhor me desse recursos?

Todo dia nós pedimos para nos condenarmos.

1:51:47

Macaco não olha para a sua cauda.

Quem tem rabo de palha não passa perto do fogo.

Quando vê a barba do seu vizinho se arder, coloca a tua de molho.

1:52:40

**Regis:** O senhor ensinava o quê?

**Francisco:** Eu? De português a matemática, tudo quanto quiser.

**Regis:** No grupo escolar?

**Pereira:** Aqui no Angico de Baixo.

**Francisco:** E dirigir.

**Pereira:** Você já desceu aí?

**Regis:** Não.

**Pereira:** Pois aí tem o Grupo onde ele, por trinta anos, foi professor e diretor. É sabido, menino.

1:53:12

**Francisco:**

Às vezes, engole um boi e se engasga com um mosquito.

Água só corre para o mar.

1:54:18

Quem muito quer, tudo perde.

Uma estrada é igual a mulher. Quanto melhor, mais perigosa.

Por que é que boi baba? Porque não sabe cuspir.

Quem foi que já viu galinha dos pés para cima? E para baixo, não tem galinha, não. Tem terra.

Quem já viu cavalo beber água com a cauda? E ele tira a cauda para beber água?

1:55:46

Se tiver um peba em cima de um tronco, ele não subiu. Foi uma pessoa que colocou.

O que é que só cresce para baixo? O buraco.

(...)

1:57:34

O que é que está no fim de Pernambuco e no começo do Brasil? É a cobra. No fim de Pernambuco tem CO e no começo do Brasil tem BRA.

Qual o nome de cinco letras que eu tiro três e fica nove? Não existe algarismo romano? O IX vale quanto? Nove. E Félix? Como se escreve Félix? Pois tire o F, o E e o L para ver quanto ficou. Nove. Não são cinco letras?

1:58:58

Qual o nome de uma cidade na divisa do Ceará que não tem nenhuma letra da palavra Brasil? Exu.

2:00:17

Nunca deixe a estrada por arroteio.

(...)

[*Seguem muito provérbios, charadas e causos*]

2:14:15

O Padre Vicente pegou no sono.

2:28:55

No término de um Curso de Qualificação de Professores, eu fui escolhido para contar anedota pelo Secretário de Educação, um aluno meu, que fez umas três ou quatro... Já, hoje, é formado em Letras e num bocado de coisa.

**Regis:** Foi aluno do senhor?

**Francisco:** Foi aluno meu. Graças a Deus, por onde eu passei, tem o rastro. Tem professores e tem um bocado de coisa aí. Aqui nesse Angico, só teve uma pessoa que eu não ensinei, mas o resto tudo aqui eu conheço.

**Regis:** Quer dizer que o senhor foi o único professor durante muitos anos?

2:29:45

**Francisco:** Muitos anos. Meu avô foi o primeiro professor aqui de 2:29:48 (...). Bem... Quando eu saí de casa, nunca fui para a escola na carta de ABC. Aprendi tudo em casa, com mãe e com tudo. Lendo, escrevendo e contando. 2:30:14 Essa que eu contei em cima de um palanque no final de um curso, foi tirado eu para anedota.

**Regis:** Não foi o senhor que se ofereceu.

**Francisco:** Não. Para representar turma, a turma 2:30:39 (...)

2:31:11

Não gosto de ocupar o primeiro lugar e quando eu vou a qualquer reunião, eu fico aqui, ó.

**Regis:** Bem caladinho, não é?

**Francisco:** Curso... Professora Iracilda, era ela formada e tudo com Educação. "Iracilda, qual é a palavra que é paroxítone e proparoxítone ao mesmo tempo?"; "Tu já vem, Leal". Porque ela não sabia dizer. Paroxítone e proparoxítone ao mesmo tempo.

**Regis:** E qual é?

**Francisco:** É a própria palavra "paroxítone", pode olhar. (...)

2:32:30

Casar com moça feia...

(...)

[*muitas conversas entre os presentes. Chega uma visita, chega Silvandete...*]

2:35:08

O cabra disse "Eu vou casar com moça feia, porque, quem casa com mulher feia, não precisa trameia na porta. Pode dormir com as portas abertas.

*[muitas conversas...]*

FIM

## APÊNDICE D – ENTREVISTA COM FRANCISCO LEAL EM 22.04.2019

### Entrevista com Francisco Leal em 22.04.2019

Local: Sala de Estar da casa do entrevistado; Sítio Angico, Aurora - CE

**Regis:** Eu queria começar, Seu Francisco, pela história de vida do senhor. Onde o senhor nasceu? Foi aqui no Angico?

**Francisco:** Nasci aqui no Sítio Angico, filho de Raimundo José de Oliveira e Maria Dária Leal. Meus avós foram José Joaquim de Oliveira e Maria das Dores de Jesus, os paternos. Maternos: Conegundes 01:06 da Silva Leal e Maria Tereza de Jesus. Então foi nesse Angico onde eu nasci, neto de Conegundes 01:14 da Silva Leal, o qual foi o primeiro professor da comunidade. Hoje existe o doutor Chico Lobo e o Padre José Gonçalves Landim que não negam. Foi meu primeiro professor. Daí eu nasci e me criei dentro de casa, todavia aprendi a ler, escrever e contar dentro de casa, com minha mãe. Quando eu saí para a escola, já saí sabendo isso. Passei dez anos estudando no sítio. O sítio não dá o atestado que vale para a cidade. 02:07 Aqui no Sítio Angico, eu estudei com Nina, estudei com Ziza, estudei com Rosalba. Do Sítio Angico, foram com essas pessoas. 02:21 Depois fui para a CNEC ((ininteligível)), a antiga CNEC. Lá estudava com Padre Januário, estudava com ((inint.)) Marcolino, estudava com a menina, sobrinha da finada Deri, estudava com Doutor Bastim. Fiz um curso... Naquela época, chamava Curso de Admissão, que hoje não existe.

**Regis:** CNEC?

**Francisco:** CNEC.

**Regis:** Onde ficava?

**Francisco:** A CNEC, hoje, é a antiga casa, perto da igreja, a Casa da Cultura. A mais velha casa que tem no município de Aurora. Foi reconstruída e agora toda a cultura está lá.

**Regis:** E o senhor fez esse curso com que idade?

**Francisco:** Nesse tempo, eu tinha dezoito, vinte anos.

**Regis:** Mas antes disso, já estudava aqui no Angico.

03:11

**Francisco:** Eu já tinha estudado dez anos no sítio. Quando cheguei lá, fui obrigado a estudar porque *lá tinha o papel*. Não é assim? Ficou solto. O estudo no sítio ficou solto. Era só com a folha de papel. Daí, eu fui para Crato e lá fiz trinta e seis cursos. Fiz contabilidade, fiz prática sindical, estudei o MEB, que é o Movimento de Educação de Base. É aquele que, só basta a pessoa entregar um giz e um quadro, e você ensina ele a ler. Não precisa caderno, não precisa nada. Agora o MEB puxa do aluno... Se, por exemplo, você pronunciar a palavra "manga", é obrigado a gente explicar que tem manga de candeeiro, tem manga de chupar, tem manga de roupa, tem a manga onde coloca o gado... 04:17 Aquela palavra que ele colocar, você deixa

ele tinindo. Se falar em bola, você diz que tem a bola de borracha, tem a bola de carne, tem a bola de bilhar, você sabe como é. Estudei nesse ponto aí. Passei esses anos aqui estudando.

Aí vi que o Angico, estudando aqui só adulto, merecia as crianças. 04:41 Requisitei... Procurei o prefeito. Nessa época, era Francisco Bezerra Santos, meu compadre. Pedi um Grupo no Angico 04:52 e ele me concedeu um Grupo. Antes disso, coloquei uma menina para ensinar numa casa ganhando cem reais por mês... Ensinando as crianças. Aí construí o Grupo com quinze homens. Passou aqui dentro de casa. Ele me dava o dinheiro todo sábado. Deixei o grupo pronto. 05:13 Nessa época, fui e coloquei professora já por minha conta. Ensinei trinta anos nesse grupo. Nesse sítio, somente uma pessoa não aprendeu comigo, porque não morava aqui. Mas hoje tem professora, tem Raimundo Leal, que não tem não sei quantas faculdades, estudou comigo até a quinta. Quando eu passei, deixei isso. Era um grupo em que eu fui diretor por trinta anos e a ordem era a minha. Eu fazia, combinava com o prefeito e ele dava por bem feito. Chamava o padre... O padre celebrou quarenta e cinco missas no estabelecimento em que eu estava. Quando foi para inaugurar ele, veio o prefeito de Juazeiro, veio Erivando Cruz, 06:10 ((inint.)) de Fortaleza, veio tudo. O padre inaugurou, foi a bênção, foi tudo nesta época. Foi nesse grupo onde eu deixei a marca. Eu não deixava outra coisa.

Toda vida, criado com meu pai. Meu pai, o que é que ele fazia? Quando eu estudava na cidade, não havia transporte como hoje. Era obrigado a acordar quatro horas da manhã. Ele saía, tirava o leite, pegava uma burra, selava e me entregava. Eu ia para a cidade. 06:48 De lá para cá... As lições, nesse tempo, eram decoradas. Não é que nem hoje. Hoje se lê é de grupo: reúne um grupo e a professora diz "lê, Fulano, lê Sicrano". A pessoa chegava na professora, ela abria o livro e você dizia tudo decorado. É por isso que eu aprendi e foi aprendido, não foi pesquisando. Não foi no "Colégio 3 P's", não. Que o colégio 3 P's é "pagou, pescou, passou". 07:31 Não foi nesse. Eu fiz foi aprender. Hoje, eu conversando com o povo, vou perguntar na literatura, na geografia, no português, e a pessoa diz "não, nós não estamos vendo isso ainda não". 07:43 Vejo um menino no nono ano e eu vou perguntar: "Substantivo assim... O que é coletivo? O que é abstrato? O que é sujeito indeterminado? O que é sujeito oculto?"... Ele diz "não, nós não estamos vendo isso ainda não". "Você não está estudando, porque no livro tem". Porque a verdadeira escola que existe é a casa do pai. Daí para frente, o professor vai só apurando. 08:15

Todavia, passei. Deixei a comunidade toda como se diz. Qualquer coisa que havia, qualquer conta, qualquer carta, uma receita que chegava: "Eu só tomo esse remédio, se Chico ler". 08:31 Porque é aquilo que eu digo: "Deus não me deu o que eu pedi, mas me deu o que eu preciso" 08:38

**Regis:** Porque o senhor era o único...

**Francisco:** O único que, não é me exibindo, o povo tinha confiança e tem.

**Regis:** Mas o senhor também era um dos poucos que lia? As pessoas sabiam ler?

**Francisco:** Não sabiam ler. "Aqui só quem sabe ler isso aqui é Chico". Um rapaz saiu foi na cidade com a receita. Bateu nas farmácias todas e não encontrou o remédio. Chegou de tarde: "Chico, eu não encontrei esse remédio". Eu olhei: "Isso aqui é uma solicitação de um exame para Brejo Santo" 09:17 O farmacêutico não era preparado.

09:51

**Francisco:** Eu ajudava meu pai. De tudo, eu sei fazer.

**Regis:** E o pai do senhor fazia o que?

**Francisco:** Era agricultor. Eu sei brocar, eu sei limpar mato, eu sei cavar cano, eu sei bater tijolo, eu sei bater telha, sei cozinhar rapadura, sei caldeirar, sei caixilhar. De tudo no mundo eu sei fazer **10:16**. Porque eu aprendi antes de tudo. Agora pai tinha muito gosto e meus tios: "Coloca esse menino para estudar". Era muito gosto. O trabalho que eu fazia quando vinha da aula era botar um caminho d'água. **10:35** Aí eu só podia era fazer os gostos de pai, não é?

**Regis:** Botar o que?

**Francisco:** Um caminho d'água dos potes. Ia ver lá na cacimba. Só fazia isso. Outro negócio era estudar. Ele fazia questão de eu ir estudar. **10:51** Onde eu fui a aula, eu fui o primeiro. O professor dizia "Tome de conta da sala aí, que eu vou acolá". Um dia, eu tomei conta da sala e ele disse "Quem brincar, você me diz". Aí uma colega minha subiu nas carteiras e eu "Diga aqui se você não brincou. Foi a primeira que brincou". Digo logo, porque tem que falar a verdade. Nunca recebi repressão do professor, nunca, nunca. Toda vida, quando ia encerrar o curso: "Ei, vai ser nosso orador da turma". **11:25**

**11:46**

Desde esse grupo, houve casamento, houve primeira comunhão, houve o Rondon, naquela época... O doutor receitava tudo (costurado) por mim. Fundei a associação, como ainda hoje tem. **12:08** Chegou num ponto, em 1947, pai já dentro de casa, *eu via ele nessa irmandade*. Em 1947, ele me convidou e foi quando eu comecei. De 47 até hoje, você olha quantos anos que eu conheço a irmandade. **12:30** Então, nasci no Angico, me criei no Angico, vivo no Angico, conheço todo mundo do Angico. Se aqui você me pergunta quem é e quem não é, como é, a natureza... Você sabe que a psicologia, quando o cara vai, só pela conversa, já conhece a pessoa. Eu conheço. Sei qual é o nome completo, sei quem é conhecido pelo apelido. Aqui mesmo tem (Naldemiro) Alves Neto: conhecem ele como Netinho.

**13:05**

**Regis:** E muitos foram alunos do senhor...

**Francisco:** Aluno. É tanto que quando o fórum veio aqui ((inint.)), parece que vem recomendado:

- Quem é Fulano de Tal?
- Não mora aqui
- Quem é fulano?
- Mora em lugar tal.

Pronto. Eles mandam a referência.

**13:40** Toda vida, nunca me songuei a nada. Nunca fui desses que acendem uma luz e deixa a porta para clarear. Se eu fui e aprendi uma coisa, chegava e transmitia aquela coisa. A última coisa que eu fiz foi o "Crime sem ser crime". Eu disse essa? Estudei o "Crime sem ser crime", estudei muitas coisas, mas eu chegava e transmitia. Porque eu ir, aprender e chegar para jogar fora... **14:08** Eu não quero só para mim. Portanto...

14:25

**Regis:** O senhor disse que o pai do senhor incentivou muito a estudar, mas ainda assim o senhor o ajudava. Como era na infância? Estudava de manhã e depois ajudava na luta? Como era o dia-a-dia?

14:49

**Francisco:** Era o seguinte. Quando era nas férias, para não ficar só dentro de casa vadiando, o que é que pai mandava fazer? Cortar moita, cortar fardo de algodão, catava o algodão mais ele, e, muitas vezes, eu trabalhava antes de sete horas. Quatro e meia eu já estava fazendo o serviço logo. Porque eu ia entrar sete horas no grupo, para estudar. Nas horas vagas, não ficava uma pessoa trabalhando e eu sem fazer, não. É tanto que, lá em casa, não tinha mulher. Eram quatro: eu, Miro, José e João.

**Regis:** São os irmão do senhor?

**Francisco:** Irmãos. Um botava a água, outro moía o milho, outro varria a casa, outro pilava. Ali era decidido e cada um fazia aquilo.

**Regis:** E onde era? Nessa casa aqui?

**Francisco:** Não. Numa casa mais para ali. Mas toda a vida aqui mesmo no Angico. Nós nascemos e nos criamos aqui. É tanto que eu digo que conheço o Angico.

15:58

**Regis:** Mas o senhor também aproveitava, quando criança, para brincar?

**Francisco:** Ah... Brincadeira sadia. Nessa época, as brincadeiras que você via eram aquelas que tem... Como é? Rodando num pau... Era cavalo-de-pau, era correndo, era de se esconder, era brincando de cobra cega. As brincadeiras nessa época eram essas aí. 16:27 Era dominó. Brincadeira sadia. Eu saía de casa e não era que nem hoje. Só saía de casa e dizia "pai, eu vou ali". Se pai não respondesse com alegria, o cabra podia dizer "E tu não disse que ia"; "Não, mas pai parece que não quer deixar". Era assim. Não bebia nada. Não tinha esse negócio de beber. Não existia, como existe hoje, a droga. Não existia namoro feio. Às vezes, alguém batia um violão. Tinha (galamarte) 17:10, a brincadeira com um pau assim, rodando. As brincadeiras eram bater um violão, era cantar, tudo era diferente de hoje. Dentro da religião, a coisa era outra. Nós colocamos a santa da Malhada Funda ((ininteligível)) 17:31 e fomos bater em Cachoeira dos Índios.

17:45

**Regis:** E a rotina de estudo do senhor? O senhor tinha livros? Nessa época, não tinha Grupo Escolar ainda...

**Francisco:** Tinha não.

**Regis:** E onde é que arrumava livro?

**Francisco:** Comprava. Tinha para vender lá na biblioteca. Nessa época, estudava-se um livro chamado "Elucidário", autores contemporâneos, "Soldado de chumbo". Os nomes dos livros dessa época eram esses.

**Regis:** Então o pai do senhor comprava?

**Francisco:** Comprava. Veio um livro para mim do Rio de Janeiro, o Lunário Perpétuo. Já ouviu falar? O Lunário Perpétuo estuda o signo, estuda o inverno, estuda os planetas, que é Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão... O lunário tem isso. A descoberta dos planetas, que foram nove descobertas, o tamanho do sol, o tamanho da lua, a estrela, que chama estrela d'alva, que é Vênus. Esse livro foi comprado para mim. Muitas coisas, eu devo saber porque possuo um livro. Não vivo só pegando. Quem só diz aquilo que os donos sabem é papagaio. O papagaio, se chega no final da conta que o dono não ensinou, aí ele não sabe mais.

19:22

**Regis:** E cedo o senhor também aprendeu a escrever.

**Francisco:** Quando eu saí de casa, não foi escrevendo, lendo, contando? Porque mãe, dentro de casa, me ensinou. 19:33 Quando eu saí, não saí mais nessas carteiras de ABC, conta de somar, ler. Escrevia era bilhetinho nessa época. Já fazia tudo.

19:45

**Regis:** E essa história de escrever poesia? Começou quando?

**Francisco:** Ah... Esse *dom*... Desde quando mataram uma menina ali. Eu sempre tive aquele dom, que o povo dizia assim: "Esse aqui vai ser advogado, porque é repentista". 20:05 Porque uma pessoa dizer alguma coisa para eu ficar calado? É igual a seu Lunga: eu tenho uma resposta para dar. Conforme a pergunta dele, é minha resposta. Nessa época, eu escrevia várias coisas: poesia de saudade, de amor, de tristeza, de tudo. Eu vejo alguma coisa, já me dá vontade de escrever. Pego um papel e vou fazer aqui 20:40 .

**Regis:** Mas o senhor lia poesia na época?

**Francisco:** Li muita poesia, mas cheguei a analisar o que era uma poesia e conhecer primeiro o que é o martelo, o que é poesia em dez, o que é poesia em sete. Como é que a pessoa não faz poesia, conhecer como é um erro... Porque, vamos supor, poesia dada a amarrar. São seis versos: o segundo amarra com o quarto e o quarto amarra com o sexto.

21:17

**Regis:** Que tipo de poesia é essa? Amarrado?

**Francisco:** É. Amarrar. Vamos supor: eu digo uma poesia terminada em A. Tem de o quarto (verso) terminar em A e tem de o sexto terminar em A. Portanto, se eu disser "O padre Luna", eu tenho que caçar um nome para rimar com "Luna". Se eu colocar "uma", não dá certo, porque é Luna... N - A...NA. Foi um N. E "uma" é M-A...MA. Eu, na poesia, vou corrigir isso tudo.

21:57

**Regis:** E isso o senhor aprendeu como?

**Francisco:** Um dia, um advogado, meu compadre, disse "Ô, Chico, Luna não amarra com uma, não, não?". E eu digo "E eu não sei". Ele disse "Amarra não". Porque a poesia perfeita vem dentro do português todo assim. Na poesia, "cinza"... Você não acha rima para "cinza". Um nome parecido com "cinza", para amarrar você não encontra. É tanto que o cantor, se

terminou em cinza, deixou o outro atado. [22:44](#) "Bezerro" você ainda acha, porque tem "aterro". [22:46](#) Eu gosto de pesquisar. Eu sempre... Toda vida... Provérbio, ditado, eu tenho um caderno cheio. "Chico, como são os provérbios, os ditados...?". Bem, pesquisar, para qualquer coisinha, deixar uma pessoa nadando, eu, com um bocado de professor, fazendo curso de qualificação de professor, perguntei uma coisa à vereadora que apareceu um dia desses:

- Iracilda, qual é a palavra que é paroxítona e proparoxítona ao mesmo tempo?
- Tu já vem, Leal, com tuas coisas.

Porque ela não soube. Aí eu ia e dizia. Eu não deixo a pessoa sem dizer. Qual é uma cidade - eu gosto muito dessas coisas - no Nordeste que não tem uma letra da palavra "Brasil"? Eu gosto dessas coisas. Aí não sabe, eu vou e digo. [23:57](#) Qual é o nome composto de cinco letras, que eu tiro três e ficam nove? Eu gosto de pesquisar isso. Muitas dessas coisas... Eu tenho um caderno cheio dessas coisas. [24:10](#)

**Regis:** E dicionário? O senhor usa?

**Francisco:** Ah, eu tenho dois. Tenho dicionário e tenho dois. Ele não é o pai dos burros? Aquilo que a gente olha e não tiver no dicionário, aquela palavra não existe [24:24](#). É tanto que, às vezes, eu dou uma conversa com a classe feminina. Eu digo: "Coitadas, as classes femininas pronunciam palavras que são do corpo delas". Mulher que assim: "Eita, eu tô escrota". Está dizendo a parte do corpo. Às vezes, pronuncia aquilo sem saber. [24:53](#) Pois bem, eu gosto de dicionário, eu gosto de tudo. A literatura, a brasileira. Ontem... Sabe o que eu estava estudando ontem? Eu disse a você uma coisa, que ontem eu sabia menos e hoje eu sei mais, não foi? [25:20](#) Chega aquela pessoa, começa a conversar e faz eu ir lá no livro. Comecei ontem a dizer como foi que, começamos a falar de padre, se formou essa religião. A Universal, a Batista, a de Sétimo Dia... Só existe um Deus, e por que não vai para um canto só? Aí eu encontrei ontem. Eu comparei ontem... Eu fiz um pé na hora que eu estava estudando. Eu fiz um pé de verso. Deixa eu olhar se acho. [26:16](#)

[Distancia-se do recinto para procurar o pé de verso mencionado]

[27:09](#)

**Francisco:** Na hora que eu estava estudando... Eu estava no pé de Juá com esse papel... Aí vim em cima e vim em baixo. Eu estava com esse livro... [27:42](#) Aqui, escrevi esse: "Martinho Lutero criticou da Igreja à Santa Sé / Foi um professor de fé / Relíquia Santa queimou / Na ordem ele ingressou / Foi vindo da vigência / Tornou-se sem competência / Pelo Papa, condenou-se..."

[Método de Escrita]

Ontem eu escrevi outro. Na hora que estavam falando em religião [28:35](#) ... Deus não é castigador / Disse Jesus que amava / A todos os seres humanos / Ele não discriminava / Ele era o Messias / Esperando todos dias / [28:52](#) ((inint.)) / Todos podem chegar ao céu / Através do filho Jesus / Vários problemas enfrentou / Até no alto da cruz / [29:08](#) ((inint.)) toda plateia / Recusou [29:11](#) ((inint.)) / ... a sua cruz.

Pois bem, eu peguei aqui. Martinho Lutero foi da Ordem de Santo Agostinho. Foi um professor, mas começou a criticar a Igreja e queimou as relíquias da Igreja. O Papa Leão X o

condenou. No que condenou, ele ficou de formar uma religião 29:40 . Formou a religião, Martinho Lutero. No tempo de Augusto, não foi? Imperador Augusto... Pois bem, eu gosto muito dessas coisas.

**Regis:** E leitura em literatura? O senhor tem costume de ler?

**Francisco:** Tenho. Deixa eu ver se eu tenho literatura aqui.

**Regis:** Literatura brasileira...

**Francisco:** 30:12 Deixa eu ver se encontro aqui. Se for nesse...

[Folheia um livro didático]

Redação... Redação... Redação... Literatura. Deixa eu ver.

[Continua a folhear o livro]

30:46 Aqui. A brasileira. É ou não é? Olha ela aqui. Pro:::nto. Aqui é onde eu pego a literatura brasileira e como foi a carta sobre o Brasil, como foi Gregório de Matos, eu pego desses caras. Como foi o Padre Manoel da Nóbrega.

**Regis:** É a história da literatura.

**Francisco:** E ele tem retrato. Como foi Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama. Bem, vou pegando dos poetas.

**Regis:** Porque aí tem os versos deles...

**Francisco:** Tem os versos todos e o que é que eles fizeram. Aluízio Azevedo, a carta de Cabral...

**Regis:** O senhor disse que o que despertou o senhor a escrever muito fortemente foi a morte de uma pessoa.

31:58

**Francisco:** Mataram uma menina ali, aluna minha. Todos os dois, alunos. Nunca esperou-se que saíssem de dentro de uma sala. Ele tinha 32:19 ((inint.)) nela e ninguém nunca sabia. Pastorou ela e, quando ela foi ver água, jogou a indireta. Ela não aceitou e disse "Eu vou dizer à sua mulher". Ele já era casado. Quando ela deu as costas para ele, ele jogou a pedra. E quando ela caiu, ele jogou a faca. Foi preso um rapaz que, aqui e acolá, conversava com ela. Aí eu comecei fazendo pesquisas para descobrir o autor. Cheguei lá e encontrei uma estaca melada de sangue. O corpo tinham levado. De noite, eu fui lá. Rezei o ofício, rezei tudo, rezei terço. No outro dia, fomos ao sepultamento. Ele tremendo, esse cara. O pai dele diz "Mas Fulano, vai andar de carro e é todo se tremendo". Aí fui na pesquisa. Ouvi dizer que um irmão saiu com a mulher dele, foi bater lá e acharam uma alpercata. A mulher quis chorar e eu "Não chore, não". 33:58 Arrancaram a estaca. Eu fui escutando. Ele tinha um menino pequeno. O menino chegou na casa de um homem chamado ((inint.)) 34:14 e disse "Papai, essa noite, quis brigar mais mamãe e disse 'Se você duvidar, eu faço do jeito que fiz com a outra' ". 34:23 Eu guardei.

**Regis:** O senhor foi investigando.

**Francisco:** Investigando. Depois ele apareceu com um golpe na mão. Disse "Eu fui pegar umas vacas acolá, peguei na corda da vaca e ele me fez um golpe". Eu disse "Com mais quem você foi?". Ele disse "Eu fui mais Neto". "Neto, fulano levou...?"; ele disse "Ele nunca levou nem um arranhão". Quando ele foi matar, a mulher pegou na faca.

Quando foi no outro dia, eu ia saindo para ver uma coisa lá no fórum e uma sobrinha minha, uma professora, disse "Seu Chico, não condene o homem demais, não"; "Eu não estou nem falando no nome dele". 35:09 Um dia, numa bodega, estava todo mundo, num dia de domingo, mangote de cabra bebendo e conversando essa morte". Quando eu entro, eles sentaram. Eu digo "Olhem, vocês não conversem sobre isso, não, que só quem sabe disso é tu, não é, Zé?"; ele disse "Sou eu mesmo".

Aí eu trabalhava de secretário lá no esposo de... Ali gostava muito de mim... lá em Chico Landim, de Dona Deri. Nós tínhamos uma associação e eu era secretário. O dizer era meu. 35:49 Aí vinha um promotor para lá num dia de domingo. Esse promotor vinha e conversava e pescava... Ele pensando que eu morava lá, no Angico de Baixo. 36:05 - 36:09 ((inint.)) O promotor numa tarde dessa aqui mais o oficial de justiça. Eu disse "Mas rapaz, eu estava por bem de ir para essa reunião, mas eu não vou, não. Não fui chamado". O promotor passou aí, chegou no sol com um homem chamado Zé Vaqueiro. 36:26 Conversa e conversa. Como o homem demora a chegar, eu disse "Seu Zé, o que é que aquele homem conversava tanto?"; "Tava perguntando quem era seu Zé de Bernardo. Aquilo é um homem de Deus". Zé Vaqueiro. E eu digo "Ô, homem, se ele soubesse que eu morava aqui, ele tinha vindo por aqui, tinha tomado um café e eu ia contar quem era o Angico". Zé Vaqueiro saiu de madrugada e foi contar ao promotor. Sete horas um carro tava me chamando. 36:59 Chegou e disse "O juiz disse que o senhor fosse lá"; "Bora". Chego lá e o promotor:

- Seu Leal, eu quero que o senhor converse aí para eu ver. Não vou lhe fazer pergunta, não.

Aí eu comecei:

- Soube que mataram essa menina e tal...

Quando cheguei no ponto que eu disse:

- Um dia desse, eu fui rezar um terço na cruz dela, topei numa mulher que disse 'Chico, o que é que tu acha dessa morte?', eu disse 'Rapaz, eu fiz a oração de Santa Helena e só dá para Fulano'. Ela disse 'Eu também já vi e ele escondeu a faca'; daí eu disse 'Vamos fica na nossa'

"

37:42

O promotor disse "Já sei. Foi ele mesmo. Vai ver. Vai ver". Mandou ver, e o cabra disse "Só vou com um revólver", e ele disse "Vá com dois revólveres". Me deixou em casa, pegou ele... Antes de chegar na rua, descobriu que tinha sido ele. Foi desenrolando e aí foi preso. Aí foi um dia com as testemunhas. Sete testemunhas a favor dele e eu contra. Só eu contra e sete a favor. Eram oito testemunhas nesse dia. Quando foi na hora da reunião, o oficial disse "As sete testemunhas estão dispensadas. Só fica Francisco Leal". 38:27 Fui lá. Sentado aqui, dois copos d'água, o juiz aqui. O juiz disse "Eu quero entender", e eu comecei a conversar: contei

as histórias, como foi e como não foi. O juiz virou para mim e disse "Seu Leal, será que foi ele que matou, mesmo?"; eu digo "E ele não disse antes de chegar na Aurora. Ele disse com a boca dele antes de chegar na Aurora".

**Regis:** E ele disse para quem?

**Francisco:** Disse para o oficial que prendeu ele. Passou aqui, prendeu ele lá onde ele estava trabalhando e, antes de ele chegar, o delegado descobriu. Aí disse "O senhor acha que ele ainda mata gente?"; eu digo "Ele não matou a primeira. Doutor, sabe como é? Isso é que nem aquele provérbio: 'quem faz um cesto, faz um cento'".

**Regis:** E ele morava aqui no Angico?

**Francisco:** Morava aqui. Todos os dois moravam aqui. Pode olhar que o retrato dela é aquele acolá.

**Regis:** Em cima do espelho?

**Francisco:** Sim. Era aluna minha e eu mandei tirar o retrato.

**Regis:** E essa foi a primeira poesia.

39:59

**Francisco:** Foi a primeira poesia que eu escrevi.

**Regis:** Qual é o nome dela?

**Francisco:** É Silvani. Agora o promotor pegou gravando. Não tem aquelas fitinhas? O promotor pegou, botou no bolso e gravou. Aí lascou. Só pegou por causa disso. Aí a única coisa que fez ele sair de Aurora... Catorze anos no Barro.

**Regis:** O promotor?

40:30

**Francisco:** Não. O assassino. Pegou logo catorze anos, mas não para cumprir dentro de Aurora. Foi tirado daqui.

**Regis:** E nunca mais o senhor viu esse homem?

**Francisco:** Nunca mais.

**Regis:** E depois dessa poesia, não parou mais.

**Francisco:** Não parei mais. Se eu pego uma coisa de papel dessa, você vê. O assunto que eu, quando pego... Deixa eu ver essa daqui o que diz.

O ano de 2016 referente ao inverno  
 Eu peço muito ao pai eterno  
 E peço mais uma vez  
 Completa hoje três mês

Nem tem água e nem tem pasto  
 Nem tem mal é muito gasto  
 Zeca vivo e mosquito  
 Do canal ao quatro grito  
 Através do pai divino

41:41

**Regis:** Dá para o senhor me explicar o que o senhor estava dizendo sobre os vários tipos de poesia? Quantos versos tem ela?

**Francisco:** Essa daqui é em dez.

**Regis:** O senhor gosta mais de escrever assim?

**Francisco:** Não, eu gosto de escrever em sete. Eu gosto de escrever muito em sete, em seis. Deixa eu ver se acho uma de sete ou de seis aqui.

42:02

**Regis:** Por que é melhor de sete?

**Francisco:** É porque é mais fácil. Os outros pés são todos amarrados.

**Regis:** Amarrado é quando tem rima, não é?

**Francisco:** Rima. Que dê para rimar.

**Regis:** E como funciona? O senhor rima quais versos?

**Francisco:** 42:22 Na de dez é o seguinte. Deixa eu ver esse aqui. "De tiro e de facada". Ele vai amarra depois de dois.

42:52

[Declama alguns versos ininteligíveis]

Então o primeiro verso rima com o quarto, e o segundo com o terceiro. Agora com esses dois é obrigado rimar. [Declama mais alguns versos] 43:45 Eu queria caçar é quando estupraram uma mulher ali, mas pode ir fazendo suas perguntas, que eu vou procurando.

43:52

**Regis:** Eu queria saber o que o senhor gosta de escrever além de poesia.

43:57

**Francisco:** Eu gosto de escrever retrospectiva. Eu gosto de escrever isso aí.

**Regis:** E qual é o assunto?

**Francisco:** O nosso sítio. Quem foi nosso sítio antigamente?. Hoje está aí, está acabado. Apareceu isso e apareceu aquilo. O passado. Eu gosto muito de escrever o passado.

**Regis:** É uma maneira de registrar o que aconteceu.

**Francisco:** Eu gosto muito disso aí. Registrar o que aconteceu, porque a pessoa vê. Está escrito aquilo ali.

44:59

**Regis:** E, do jeito que os pais do senhor o incentivaram a estudar, como foi com os filhos do senhor?

**Francisco:** Ah... Não tem um que seja analfabeto. Todos sabem ler. Todos. E eu vou dizer uma coisa. Eu boto força. Quando eu vejo que a pessoa não tem um caderno e tem vontade de estudar, eu compro aquele caderno. Eu não vou perguntar quem é aquela pessoa. Eu não vou perguntar se é família. Dou conselho. Quando eu vejo uma pessoa deixar o estudo, para mim, dói.

45:35

**Regis:** E por que o senhor acha que o estudo é tão importante?

**Francisco:** O estudo é tão importante porque quem não estuda é um peso morto. Comparando mal, é que nem um balseiro numa represa d'água. Um balseiro numa represa d'água, quando o vento dá assim, balança quem está sobre a água. Vai lá e vem cá, vai lá e vem cá. Quem não sabe ler, nunca diz "Eu tenho direito nisso". Ele só diz "Me disseram". 46:18 Eu vim aqui porque me disseram. Porque o homem tem três coisas com ele. O conformismo, a desconfiança e o imediatismo. 46:35

No conformismo, ele diz "Deus Nosso Senhor me botou assim e assim e eu vou seguir"; Deus Nosso Senhor não mudou ninguém, não botou ninguém para ir ao para o inferno. 46:46 Desconfiança é a pessoa dizer assim: "Eu vou já falar isso a Regis" / "Eu não falo, não, que ele sempre não me arruma". Desconfiei já de mim mesmo. Terceiro... Quando eu abandono a desconfiança e o conformismo, eu vou e... "Rapaz, me arrume isso aqui" / "Hoje não dá certo, não, mas amanhã..." / "Não, só me serve se for hoje". Nós não somos cheios disso? 47:17 "Não, se não for hoje, eu não quero". Não é assim? Nós somos isso. Tem outra coisa, num tempo, eu estava lembrando: é obrigado a pessoa se segurar porque as pessoas têm uns cinco confiando com elas, que, se elas forem fracas, elas se perdem. Como? Subconsciente. 47:37 O cabra: "Olha, vou deixar esse monte de dinheiro aqui para você pasturar". Precisa ele ter um subconsciente forte para ele não tirar. Não é assim? Outra: a pessoa diz quem a pessoa é com a própria boca. Com a própria boca ela diz quem ela é. Vai passando ali uma pessoa e eu tenho uma filha moça: "Vai mais Fulano, vai". Aí outro diz: "Mas quem é Chico. Solta aquela filha dele mais Fulano". Ele está dizendo que é ele, que ele não tem capacidade de andar mais a filha de ninguém. Todo cobrador é veiaco. Por quê? Porque não tem costume de pagar ao povo e, quando o povo está devendo a ele, 48:22 ((inint.)) 48:26 Outra: dizem que a gente só colhe o que planta, e é certeza. Quem planta rosa, colhe rosa. E quem planta espinho, colhe espinho.

**Regis:** Como era o senhor como professor? O senhor se considerava um professor paciente?

48:50

**Francisco:** Paciente. Eu sou assim. Numa sala minha, se um aluno me perguntar uma coisa cem vezes, eu estou pronto para ensinar. Cem vezes que ele me perguntar, eu não vou dizer "Não dá. Estude". Não. Nunca deixei abuso numa sala. E ensinava mais na classe feminina. Cheio de moça.

**Regis:** E eram separados? Os meninos das meninas?

**Francisco:** Não, mas na minha só ia moça. Agora já puxou outra história. Eu vou já dizer essa outra. A classe ((inint.)) 49:30, como nós falamos no começo, na escola do MEB. Tinha outro que ensinava a escola do MEB no Martins. Aí nós reuníamos a escola para ir visitar a escola do outro. Um dia, a Secretaria de Educação veio retirar com os alunos para se apresentarem na praça, para fazerem uma pesquisa. Levei uma porção de moça, que se apresentaram na avenida. Depois, havia uma festa na Beneficente. Disse "Agora nós vamos para a festa". E eu: "Olha o dedinho. De jeito nenhum". Eu não pedi o pai de vocês para vocês virem para festa. Vou levar e entregar vocês lá. Se ele deixar, ele presta a conta dele. Imagine vocês na festa e eu lá fazendo o quê? Não." Aí ficaram todas desgostosas. Quando foi no outro dia, 50:29 ((inint.)) "Topem aí. Dancem aí na casa do Grupo. Mas eu não vou sair mais vocês e 'Ei, me dê sua filha que nós vamos lá para uma festa acolá". Aí "Cadê minha filha?" / "Ficou dançando".

**Regis:** Nos cadernos do senhor, há muitas folhas com anotações com nomes de uma pessoa e um valor do lado. É muito comum isso nos cadernos do senhor. O que são essas anotações?

**Francisco:** O nome dele e o valor na frente? Débito? Vamos supor: eu tenho uma base. Se você me comprar, eu escrevo "Deve tanto". Se eu lhe dever, eu escrevo "Devo tanto". Se eu desaparecer e não tiver escrito, ninguém vai querer tomar, não.

**Regis:** Entendi. É a maneira de o senhor se organizar...

51:30

**Francisco:** Como é que chama aquilo? O controle. Olha, no fim do mês, eu tenho que pagar a prestação disso, tenho que pagar internet, tenho que pagar energia... Eu boto com tudo. Fulano de Tal me deu tanto e entrou com tanto... Eu gosto de anotar isso. Olha: hoje tem uma coisa que eu não sei. Já remexi quatro cantos do mundo, pelejei, caçando isso. Tem dinheiro no dia 26 para lá, e tem dinheiro para pagar no dia 22. Como é que eu faço? Já remexi, fui lá, cacei, mexi, amanheci o dia... Não tem. O jeito é eu me aquietar. Eu tenho no dia 26, mas o cabra vem no dia 22. Cinquenta reais. Pode perguntar. Vou ver se eu acho aqui alguma coisa. Está cheio de poesia isso aqui.

**Regis:** O senhor falou que em 1947 entrou para a Ordem. E o senhor nasceu quando?

**Francisco:** Em 1936. Olha aqui um pé de verso:

Minha vida está pesada  
A esperança acabou  
Veio o plano todo virou  
Vivo desorientado  
Recordo muito o meu passado  
Eu tinha tranquilidade  
Hoje somente a vontade  
De fazer uma distinção  
Tenho caráter e opinião  
Coragem e capacidade

Está vendo? Deixa eu ver se eu acho outra aqui.

53:30

**Regis:** O senhor mostra o que escreve para alguém? Tem costume de mostrar para alguém? Para quem?

**Francisco:** Aquelas mesmas pessoas que dão valor. Não é certo? Porque não adianta a gente entregar para aquele povo que não dá valor. E dão valor. 53:56 Olha, no Juazeiro tem uma coisa, que um cara está até ganhando dinheiro sem minha autorização. Eu escrevi sobre aquela morte da menina, e o título é "A morte de Silvani". Ele pegou e vive vendendo os discos no comércio. Gravado aqui. E eu não autorizei.

54:29

**Regis:** O áudio?

**Francisco:** Sim. Ele andou gravando o disco e vendendo: "A morte de Silvani". Não é engraçado?

**Regis:** E o senhor só foi descobrir depois.

**Francisco:** Depois. Quando... Os meninos que eu disse, para usar minha imagem, foram bater no campo de futebol para eu assinar. Pois bem, "A morte...". Lá no Juazeiro tem isso.

54:54

**Regis:** Agora me lembrei dessa história do futebol. Quando o senhor começou a se envolver com esses times de futebol? Foi desde pequeno?

**Francisco:** Pronto. Desde a escola.

**Regis:** O senhor jogava?

**Francisco:** Em 1955, quem jogasse bola, ganhava ponto. E quem não jogasse, o professor não dava ponto. Tinha que jogar bola e comecei a jogar à força.

**Regis:** Antes disso, o senhor não tinha costume de jogar?

**Francisco:** Não. Antes disso, eu não jogava, não. Aí eu comecei. O prefeito, que é meu amigo... Eu digo: "Compadre B. Santos, o que você diz desse negócio de futebol?". Ele disse "Compadre, futebol é onde está a educação".

**Regis:** E qual era o prefeito?

**Francisco:** B. Santos. Francisco Bezerra dos Santos. O futebol é onde está a educação. Eu digo "Como, compadre?"; "Porque no futebol você conhece o homem. O homem que não dar a bola para Fulano e não dar para Sicrano, ele só quer a bola para ele e do mesmo jeito é casa dele. Ele só quer as coisas para ele. No futebol, compadre, você derruba um e quando acaba são os mesmos amigos. E você, sem estar jogando bola, não vai chegar e empurrar o cabra e derrubar, não. Dentro do jogo, derruba e dar a mão. A educação vem do futebol"

É tanto que, futebol... Você sabe como foi que começaram a jogar futebol? Foi na Itália, com cabeça de gente. [56:40](#) Foi com a cabeça dos mortos. Começaram a jogar de uma para o outro... Não é na Itália onde o futebol nasceu.

**Regis:** Na Inglaterra.

[56:48](#)

**Francisco:** Na Inglaterra? Pois foi.

**Regis:** Aí o senhor começou a jogar com os colegas da escola...

**Francisco:** Com os colegas da escola.

**Regis:** Isso lá em Aurora?

**Francisco:** Em Aurora. "Vamos fazer um time"... Time MEB. Fui para campeonato. [57:14](#) Joguei em Tipi, joguei em Ingazeiras, joguei por ((inint.)) Velho, joguei por Jitirana, joguei por ((inint.)), joguei por Jatobá, joguei na Aurora, para todo canto. Meu time era respeitado.

**Regis:** E qual era a posição do senhor no time?

**Francisco:** O chefe. Treinador.

**Regis:** Mas o senhor não jogava também?

**Francisco:** Não. Só treinando.

**Regis:** Nunca chegou a jogar?

**Francisco:** Não. No meu time, não. [57:36](#) Aí eu fui só treinar. Formar time. "Fulano, vai ser goleiro, Fulano vai para a esquerda. O jogo eu quero desse jeito. Fulano arma e entrega para fulano e tal". Nós, quando entrávamos na Aurora, diziam "Lá vem a seleção". E eu "Olha, nós vamos entrar e arrodar o campo. O goleiro, com a bola na mão, na frente. E quando chegar no meio, faz a entrada para o campo".

**Regis:** Era um ritual.

**Francisco:** É, nós entrávamos assim. Porque logo você vai assombrando o outro time. É ou não é? Vai logo... Aquele jeitão. Tinha um jogador que, quando ele metia o gol, ele dava três ou quatro saltos mortais assim... [58:14](#) Ixe, Maria, o dono da liga achava bom... Era a seleção.

**Regis:** E o senhor conhecia de futebol para treinar assim?

**Francisco:** Conhecia porque tinha um livro. [58:25](#) Tinha um livro e sabia as regras. Uma ata: quem for fazer uma ata para mim, pede a secretária qual é a regra de fazer ata. Futebol: tudo de futebol. Como é que você entra? Você vai ser goleiro, você vai ser defesa. Defesa: se você for botar três, bote uma mais atrás e uma na frente. Bem, você vai ser o ponteiro esquerdo e você vai ser o direito. Esse daqui cruza para acolá. Quando o futebol for ativo, penetra na área

para chutar e pegar, de cabeça... Aí estudei todas as regras: se for expulso, não pode colocar outro. Se você for levar para as penalidades, antes do futebol terminar, bote aquele cara que você quer que bata pênalti. 59:09 Porque só pode bater pênalti se estava jogando. Bem, estudei todos os negócios e tudo.

**Regis:** Tudo nos livros?

**Francisco:** Tudo nos livros. Levava explicado tudinho. Não é camisa que faz futebol. Quem faz futebol é o interesse de quem vai jogar. Porque camisa não faz futebol. Quem não sabe jogar de bandinha assim com o pé, não sabe jogar futebol. Time da Aurora apanhava. Nós, da seleção... "Lá vem. Lá vem a seleção". Pronto. Era assim.

**Regis:** Quer dizer que era o time do MEB.

**Francisco:** Do MEB.

**Regis:** O senhor lembra em que ano ou em que época foi?

**Francisco:** Foi na época de Dona Fátima... A prefeita era Fátima nesse tempo. Doutora Fátima. Deixa eu olhar aqui. Carlos Macedo, oito anos; Adailton, oito. Dezesesseis. Quatro... Vinte anos. Vinte anos para trás. Porque foi na época de Doutora Fátima. Você veja como eu era. Eu dizia a meus jogadores: "Olhem, eu quero de vocês um jogo. Eu não quero outra coisa. Eu quero jogo. Vocês não pagam nada"... Eu tinha setenta camisas, eu dava chuteira. A prefeita... Um dia, eu fui... "Doutora, eu vou fazer inscrição para o campeonato". Ela foi lá dentro e "Quanto é, Chico?", e eu digo "Cinquenta". Aqui os cinquenta e cem contos para você gastar com os meninos. Quando era na época, eu mandava fazer cem din-dins e cem doces. 1:01:11 Levava numa caixinha. Levava pano, 1:01:15 - 1:01:18 ((inint.)) Eu organizava era tudo. Aí fui jogar com o povo do Tipi porque o povo começou com cachaça muita, aí não dava para mim.

**Regis:** Depois o senhor foi treinar com o Tipi?

**Francisco:** Sim. O Angico dizia assim: "Mas deixar nós e ir jogar com o povo do Tipi?". Aí eu deixei o Tipi e fui para o Angico. Cheguei cedo para um jogo de tarde. Os caras estavam todos bêbados. 1:01:54 ((inint.)) arriscado uma violência. "Quer saber de uma coisa. Vou deixar aí". Você sabe que eu tenho um neto que, antes de ontem, foi jogar lá no Perpetão?

**Regis:** Onde é o Perpetão?

**Francisco:** Em Cajazeiras. Ele foi aqui para Aurora. Veio um cabra de Fortaleza e, de oitenta, o cabra escolheu três, e ele saiu no meio. Aí tem o Mardônio, que é locutor da 102, está formando, leva eles para Cajazeiras, leva para tudo... Mas, é como se diz, o menino joga é no bonito. 1:02:33 Joga bem.

**Regis:** Ele é novo?

**Francisco:** É novo. O menino tem quinze anos. O jogo está na mão do juiz. Eles foram para Cajazeiras e disse que lá havia penalidade, havia tudo. Quando eu ia para jogo, eu queria primeiro ir. Porque conforme me faziam lá, eu fazia lá. 1:02:57 Mas quando era um dia de jogo, água fria, merenda, tudo... Garrote... Eu ganhava com meu time. Carneiro, ganhava...

**Regis:** Era a premiação?

**Francisco:** Era. "Ei, vamos disputar um carneiro?" Oito ou dez times para disputar um carneiro. O meu ganhava o carneiro. Garrote, o meu ganhava. [1:03:21](#) Uma vez... Eu não torço é para um time. Para andar chorando por um time? Não, porque a gente não serve para carregar a chuteira deles. E tem cara que chora, que briga por um jogador.

**Regis:** Então o senhor não tem um time?

**Francisco:** Tenho. Palmeiras. Mas menino! Se perder é Palmeiras e se ganhar é Palmeiras. Eu não sou daqueles que só é do time se o time estiver ganhando, não. Agora eu vou lhe dizer... É uma das maiores torcidas do Brasil e, para mim, não existe: é o Flamengo. Sabe por quê? Porque eu gosto de dizer assim: na bandeira do Brasil não tem aquela qualidade da camisa. Não vejo o vermelho. Mas eu sou Palmeiras! [1:04:15](#) Se perder é Palmeiras e se ganhar é Palmeiras.

**Regis:** Na vitória e na derrota.

**Francisco:** Na vitória e na derrota.

**Regis:** E os times do Ceará? O senhor não acompanha?

[1:04:27](#)

**Francisco:** Não. Eu não gosto, não.

**Regis:** Mas ainda assiste jogo?

**Francisco:** Assistio. O Fortaleza agora deu no Ceará, não foi?

**Regis:** 1 a 0, ontem.

**Francisco:** E duas vezes o Ceará apanhando, não é?

**Regis:** E jogo do Palmeiras, o senhor assiste na televisão.

**Francisco:** Ah... Palmeiras... Isso aí eu não deixo, não. [1:04:47](#) Palmeiras, eu acho bonito logo é a camisa. Verde. Você sabe que eles têm mais sorte de verde do que com aquela amarela? E você veja... De onde foi Gabriel Jesus? Não foi de dentro do Palmeiras? De onde foi Valdívia? Não foi de dentro do Palmeiras?

[1:05:16](#)

**Regis:** Seu Francisco, e hoje o senhor recebe aposentadoria?

**Francisco:** Recebo aposentadoria...

**Regis:** Mas trabalha ainda na roça?

**Francisco:** Não. No ano passado, ainda plantei. Eu disse "Quer saber de uma coisa. Eu vou deixar de estar plantando. Plantar isso aqui para quê? Só me mortificando". Eu fazendo...

"Série de exercício", mas, no ano passado, eu gastei... "Eu gastei" não, quem gastou foi a Prefeitura. Deu uma coceira num dedo aqui. Fui lá e o doutor disse "É falta de circulação". Passaram um exame para eu ir lá para Brejo Santo. Pois bem, gastar mil e duzentos contos num dedo? 1:06:03 "Homem, deixe de pegar poeira, deixe de certas coisas"; "Eu vou deixar, mesmo". Pois foi.

1:06:08

**Regis:** E o senhor faz o quê no dia-a-dia? Como é? Acorda cedo?

**Francisco:** Me acordo cedo, varro essa casa, ajeito as coisas. Eu estou aqui para dar assistência a quem vier. Meu negócio é me sentar ali, pego um livro e vou ler.

**Regis:** Na sombra do juazeiro?

**Francisco:** Na sombra do juazeiro.

**Regis:** Ali é bom.

**Francisco:** É... Pego um livro ali e vou ler. Chega os amigos e conversam. Porque tem deles que não sabe conversar.

1:06:41

**Regis:** O senhor me falou, em julho do ano passado... Eu anotei o passo a passo do terço. Eu queria entender melhor cada etapa dessa. O senhor falou que começa com o alerta. O que é o alerta?

**Francisco:** O alerta... Alertando aqueles que não chegaram. Para correrem: "Eita, já estão alertando". Às vezes, o cabra está entretido, conversando com os amigos e diz "Ô, Fulano, vou já embora porque me deu uma dor...". Ele inventa uma coisa. "Vou já embora".

Alerta, alerta...

**Regis:** Porque ele fica escutando de longe o alerta começar.

1:07:36

**Francisco:**

Alerta, alerta, pecador...

[CANTA] O ALERTA

1:08:10

Aí diz isso três vezes e os outros respondem três vezes. Quando diz isso três vezes, termina com o Misericórdia. Aí o decurião diz "Vamos". Aí é que ele diz para onde vão.

**Regis:** Só nesse momento.

**Francisco:** Nesse momento. "Vocês se ajeitam. Nós vamos a uma viagem..." e diz onde vamos. 1:08:38

**Regis:** Isso leva algum nome? Que parte é essa?

**Francisco:** É a viagem de despedida do cruzeiro. Vai sair para cobrir a viagem.

**Regis:** É isso que o senhor chama de conselho e advertência?

**Francisco:** Entre o alerta e esse negócio aí, ele dá a advertência. "Olha, todo mundo rezando, todo mundo respeitando..." Antes disso, recorda a música de um bendito, ali baixinho. Aí sai:

"Vamos meu..."

Saindo de costas.

**Regis:** Já é um bendito de saída. Só canta nessa hora?

**Francisco:** Só canta nessa hora.

"E vamos com Jesus  
Que Ele foi por nós  
Cravado na Santa Cruz"

**Regis:** E por que saem de costas?

**Francisco:** É porque é o jeito, mesmo. Já aprendemos assim, saindo de costas, olhando para o cruzeiro. [1:10:20](#) Aí termina isso aí e pede misericórdia todos abaixados. Por que não levanta a cabeça? Porque nós não somos capazes de estar nem mirando para Deus lá no céu.

Aí tira um bendito. Se a viagem for longa, o decurião marca. Se for uma viagem de cem, duzentas braças, ele sabe o tanto de benditos, sabe se dá para cantar um ou dois. Nós recomendamos: "Olha, aqueles que não souberem, fiquem calado. Vai escutando. Segunda, somente uma. Cuidado que a segunda começa primeiro. Começa por último e termina derradeira. A segunda é quem controla a voz. Se não tem uma voz fina no meio, você estando acostumado com segunda e estando ela nesse lado direito, você quer ela no lado direito. Você acostuma.

[1:11:25](#)

Você vai, vai, vai. Quando chegar na casa ou na cruz - vamos usar o exemplo da casa -, do mesmo jeito, você chega, para ali um minuto. O dono da casa recebe a cruz e vai lá para dentro com a cruz. A gente diz "Menino, alguma pessoa de confiança, quem quiser, venha assistir ao terço". Não vem meninada, mas pode assistir ali ao terço.

**Regis:** Dentro da casa?

**Francisco:** Dentro da casa. Aí começa:

[1:12:00](#)

[CANTA]

Ajoelhemos pecador  
E vamos fazer oração  
Que é o redentor divino

Do sagrado coração

São uns quatro a cinco pés. Pede misericórdia e reza a oração de apresentação.

**Regis:** Então tem a misericórdia antes e...

**Francisco:** E quando chega. Toda vida que termina bendito, reza a oração

[REZA]

Eu estou na presença de Deus...

1:13:59 Aí reza o "Creio em Deus Pai" e depois pode rezar assim:

[REZA]

**1:14:36**

Reza o Pai Nosso e começa as três ave-marias. Antes das três ave-marias, diz

Deus o salve Maria filha de Deus Pai  
Deus o salve Maria Mãe de Deus Filho  
Deus o salve Maria Esposa do Espírito Santo

Se não quiser assim, diz

1:14:54

[REZA]

O anjo do Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo...

...

O verbo divino se fez homem e habitou entre nós.

1:15:08

Aí vai começar o terço. Mas antes do terço:

Meu Jesus, perdoai  
Livrai-nos do fogo do inferno  
Levai as almas todas para o céu  
Socorrei principalmente aquelas que mais precisarem

...

Mãe de Deus  
Derramai sobre a humanidade inteira  
As graças...

1:15:41

Aí você olha... Se for num dia de segunda-feira, mistérios gozosos. Se for num dia de terça, mistérios dolorosos. Se for num dia de quarta, mistérios gloriosos. Você escolhe: segunda-feira, dia no nascimento; terça-feira, dia que Nosso Senhor sofreu; quarta-feira é quando ele

já... Aí você contempla e canta um pé de um bendito que seja adaptado para aquela vez. Ou canta "Ó, Virgem senhora" ou "Se minha alma bem soubesse", conforme o terço.

1:16:17

**Regis:** Depende do quê? Quais são os temas do terço?

**Francisco:** Os temas como?

**Regis:** O senhor disse que canta um bendito adequado para a ocasião...

**Francisco:** A ocasião... Se for um terço de alegria, um terço de aniversário, duma graça alcançada, você procura um bendito de alegria. Se for um terço para as almas, uma alma que está penando, você procura aquele bendito comovente.

[CANTA]

"Se a minha alma bem soubesse  
Recordava toda hora  
A morte passando  
Cristo...  
Nossa Senhora"

1:17:16

Segundo Mistério: ((inint.))

[CANTA]

*Na forte coluna Jesus foi atado  
E todo sangrento seu corpo sagrado  
E todo sangrento seu corpo sagrado*

E eles respondem:

[CANTA]

*Vivem no rosário  
Sois rosa mimosa  
Em... ((inint.))  
Coisa mais formosa*

Glorioso... Terceiro mistério: a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Amor de Deus.

1:18:06

[CANTA]

*Da ((inint.)) do Pai  
O Deus filho envia  
O Espírito Santo que abraça Maria*

Conforme... O mistério ((inint.)) 1:18:22 Quarto mistério, vamos supor. Não... Quinto mistério: Jesus morrendo crucificado entre dois ladrões. ((inint.)) 1:18:38

[CANTA]

*No mais alto do carvalho*

*Morreu nosso bom Jesus  
Dando o último suspiro  
Cravado na Santa Cruz*

Bem, rezou-se o terço. Quando reza o terço, o dono da casa diz para quem oferece [1:19:08](#) . Se for por uma alma, eu digo "Deus eterno e criado, protetor de todas as criaturas humanas. Concedei o perdão àqueles que partiram deste mundo sem ((inint.)) [1:19:29](#). Sede complacente Senhor Deus, vides que \_\_\_\_\_ (o nome da pessoa) merece logo o vosso perdão ((inint.)) com todos que estão aqui. Oferecendo esse espírito que agora rezamos a chaga do ((inint.)) de Jesus para que termine suas aflições onde estiver se purificando.

((inint.))

Aí a gente pode...

[CANTA]

*A virgem nos manda o terço rezar  
E (( )) [1:20:03](#) meu filho ((inint.)) lhe salvar*

Reza... Aí a gente reza uma oração com uma ladainha:

[1:20:13](#)

[REZA]

((inint.)) Eterno Deus, olhai para o coração ((inint.))

...

E aqueles que imploram a vossa misericórdia

...

[1:20:29](#)

**Regis:** O que é a ladainha?

**Francisco:** A ladainha? Vamos supor...

**Regis:** É cantada também?

**Francisco:** Cantada.

[REZA]

*Senhor, tem pena de nós  
Jesus Cristo, tem pena de nós*

...

Agora diz em latim:

[CANTA EM LATIM]

[1:20:45](#)

[1:21:05](#)

Aí outro tira três pés atrás e três na frente. Quando tira ((inint.)) 1:21:13 Quando tira isso aí, termina a Salve Rainha:

**[REZA]**

1:21:15

*Infinitas graças vos damos, soberana rainha, pelos benefícios que todos os dias recebemos recebemos de vossas mãos maternais. Dignai-vos... Vamos cantar uma Salve Rainha:*

1:21:35

[CANTA]

*Salve Rainha*

*Mãe de Misericórdia*

*Vida, doçura*

*E esperança nossa*

...

Reza toda. E, quando termina a ladainha:

1:22:08

[CANTA EM LATIM]

Quer dizer "Rogai por nós Santa Mãe de Deus"

[CANTA EM LATIM]

Oremos, concedei-nos Senhor todo o socorro ((inint.)) 1:22:28 pela salvação da alma e do corpo. Pela intercessão da sempre Virgem Maria estejamos livres do mal na vida presente. E entremos um dia na porta da bem-aventurança eterna.

1:22:43

Aí a petição. Você vai rezar um pai-nosso para as almas, rezar um pai-nosso para o dono da casa, rezar para aqueles santos da devoção, rezar para Santa Luzia, para proteger os olhos da gente. Terminou as petições, lá vai a consagração a Nossa Senhora. Oração de São Bernardo à santíssima Virgem 1:23:13:

[REZA]

*Lembraís-vos, ó puríssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer*

...

1:23:38

Aí a consagração:

[REZA]

*Ó Senhora, minha mãe, eu me ofereço todo a vós*

...

Aí você vai para o ato de contrição, o "Senhor meu Jesus Cristo"... Depois reza o "Ato de fé":

1:24:06

**[REZA]**

*Eu creio firmemente que há um só Deus...*

...

*Santo anjo do Senhor*

...

*1:24:39*

*Bendita e louvada seja a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, rogai por nós*

...

Ai vem:

**[REZA]**

*1:24:52*

*Divino Espírito Santo*

*Amor do Pai e do Filho*

*Inspirai-me sempre no que devo pensar*

*Naquilo que eu vou dizer*

*Como é que eu devo falar*

*Como é que eu devo escrever*

*Como é que eu devo agir*

*O que é que eu devo fazer*

*Para procurar Vossa glória*

*O bem ((inint.))*

*Minha própria santificação*

*1:25:09*

*Ó, Jesus,*

*Dentro de nós para nos encorajar*

*Na nossa frente para nos orientar*

*Atrás de nós para nos proteger e guardar*

*Acima de nós para nos abençoar*

*1:25:24*

*Santo anjo da minha guarda*

*Vós ((inint.)) ao meu lado*

*E esteja ao lado dos meus filhos*

*Dos meus netos, dos meus parentes, dos meus amigos*

...

Aí vem, se quiser uma pausa...

*1:25:44*

Vai cantar o bendito da paixão:

**[CANTA]**

*Bendito*

*Louvado seja*

*E a paixão do redentor*

*Que pra nos livrar*

*Das culpas  
Padeceu por nosso amor*

Vai uns seis ou quatro pés e vem o "Senhor Deus":  
[1:26:31](#)

*Senhor Deus  
Misericórdia  
...*

Quando termina Senhor Deus, a gente pode dizer

[REZA]

*Já é tarde  
Já terminou o dia  
Tudo é dom de Deus  
Precisamos dizer agora  
Muito obrigado  
Nossos dias estão ricos  
De presente que o senhor nos oferece  
Se soubesse olhar mais para eles  
Fazia cada dia e cada noite um inventários  
E seria cada vez mais feliz  
Obrigado, Senhor  
Por tudo o que eu consegui  
Fazer hoje  
Obrigado pelos meus irmãos  
Pelos meus filhos  
Pelos meus netos  
Pelos meus parentes  
Pelos meus amigos  
Por dá gosto o Senhor trabalhar convosco  
Na construção de um mundo  
Mais humano e mais feliz  
Eu peço perdão por aquilo que eu poderia ter feito e não fiz  
Mas amanhã se tiver uma nova oportunidade  
Eu farei se Deus quiser*

[1:27:24](#)

Aí você vai, reza um pai-nosso e diz

[REZA]

Ó, Maria, concebida sem pecado

...

Aí reza a última oração:

*Nas vossas mãos  
Eu entrego minha alma*

*E meu espírito  
Vós ((inint.))  
Senhor Deus da verdade  
Tenha misericórdia da minha alma  
Permita Meu Deus*

....

*1:28:12*

Faz o sinal da cruz e pede misericórdia. Se levanta e tira o bendito de beijar:

[CANTA]  
*Vamos já beijar*

(Vem de um em um beijar)

*Nosso bom Jesus  
Só ele é quem pode  
Com o pedo da cruz  
Jesus é meu  
E eu sou de Jesus  
Jesus vai comigo  
E eu vou com Jesus*

Se quiser, tira esse:

*1:28:54*

[CANTA]  
*Nome de Maria  
Tão bonito é  
Salvai nossas almas  
Que ela vossa é*

Se não quiser, tira esse:

*1:29:07*

*Senhora Santana  
Cheia de alegria  
Nós somos devotos  
Da Virgem Maria*

E, às vezes, o dono da casa vai e pede, que é devoto do Padre Cícero, aquele que diz

*1:29:27*

*Bendito louvado seja a luz*

...

*Valei meu padrinho Cícero*

...

Às vezes pede. Pois bem, você tira o bendito de beijar. Aí aparece uma merenda. Aí merenda... "Menino, vamos?" / "Vamos". Misericórdia e vai:

[CANTA]

*Vamos meus irmãos  
E vamos com Jesus  
Que ele foi por nós  
Cravado na Santa Cruz*

Esse é o da saída do cruzeiro. Agora o da casa:

1:30:28

*Ô, irmão, adeus  
Vamo-nos embora  
Nos encomende a meu Deus  
E à Nossa Senhora*

Quando termina isso aí... A gente merendou, e ainda vai:

*Deus lhe pague  
A sua esmola  
Deus lhe dê a salvação*

Isso aí é o agradecimento. Tira esse aí, pede misericórdia e sai de costas do altar. A gente pede a eles para a cruz sair na frente e nós sairmos atrás. Aí pega um bendito e sai. Ou sai "Santo Mariano" ou sai... A gente escolhe aquele bendito que eles saibam responder, porque às vezes ((inint.)) "Eita, povo para trabalhar ruim", não é assim?

1:31:52

**Regis:** Por isso que é importante, lá no início, combinar tudo, quais os benditos...

**Francisco:** Tudo. Um dia, eu fui sem combinar. Fui e recebi um povo da rua. Quando subi uma ladeira, eu perguntei: "Que benditos vocês querem que eu tire?". Um velho falou "Pode tirar qualquer um". Aí eu comecei...

1:32:16

*Para onde vai  
Homem perdido  
E ((inint.))  
E olha pecador  
A falar do bom Jesus do Bonfim*

O velho disse "Eu nunca ouvi isso"; "Você não disse que eu tirasse qualquer um". Aí a gente vem. Quando chega num cruzeiro ou onde for, todo mundo reza três ave-marias, oferece aquele trabalho e dar os agradecimentos, corrige o que faltou e avisa para a próxima. "Até a próxima... Conto com vocês... Faltou isso...Era desse jeito"... Vai a correção. Você não sabe de um cabra que só foi penitente uma noite? Já contei essa, não já?

**Regis:** Sim, que pegou uma chuva, não foi?

**Francisco:** Pois bem. Olha, tirando a Santa Missa, eu não tenho preguiça. Pode me chamar agora. A música de qualquer bendito está na cabeça. Eu não vou me exhibir, mas até agora nós nunca encontramos uma pessoa para tirar renovação.

1:34:06 Por que é que se chama para rezar um terço de penitente? Porque o terço de penitente vem composto. A gente canta ladainha, a gente canta Salve Rainha, a gente canta bendito da paixão, a gente canta "Senhor Amado", a gente canta "Senhor Deus". Se for possível, canta o pranto. O pranto, eu nem disse essa, é que o povo ficava naquela época.

1:34:34

*Estava a mãe dolorosa  
Junto ao pé da cruz  
Chorosa*

O cabra tira a camisa, amarrada na cintura...

*Enquanto que o filho pendia  
Sua alma cruel espada  
Nela foi profetisada  
Que ((inint.))*

São dez pés, e o cabra [imita o gesto da autoflagelação]

**Regis:** E que hora é isso?

**Francisco:** Depois do terço, o mestre ensina. Bota o pé esquerdo na frente e faz o manejo. O manejo que faz é que bata nas carnes e não bata no osso. O mestre vai ver se já deu: "Pára". Mas hoje está tudo mudado.

**Regis:** Por que o pé esquerdo na frente?

**Francisco:** Porque é o jeito de se balançar.

1:36:09

**Regis:** Mas hoje não é obrigado. Faz quem quer, não é?

**Francisco:** Só quem quer. Dom Vicente que disse "Retire isso. Não precisa, não. Porque o homem vive trabalhando, vive passando mal, aí, derramando sangue, termina tuberculoso". Precisa, não. A penitência se faz de qualquer forma. ((inint.)) "Olhe, lá é um convento de frade. Nós fazemos a penitência, nós nos açoitamos nas nádegas"... "Você faça assim: 'olhe, hoje todo mundo vai merendar de joelho' ", ele disse. É penitência 1:36:50 E é mesmo.

**Regis:** Já é uma forma de penitenciar. E Dom Francisco é quem?

**Francisco:** Um frade.

**Regis:** Mas daqui de Aurora?

**Francisco:** Não. Desses frades que andavam pregando.

**Regis:** Ele foi o primeiro a...

**Francisco:** A recomendar. Foi ele. Aí nós deixamos.

**Regis:** Quando?

**Francisco:** Já foi em 1940 e pouco. Aí nós deixamos e ficamos desse jeito.

1:37:25

**Regis:** Depois eu posso tirar uma foto da do senhor?

**Francisco:** Demais.

**Regis:** Da vestimenta...

**Francisco:** Se quiser eu vestido...

**Regis:** Pois ótimo. Eu quero. Só mais uma pergunta antes de o senhor ir lá: Da outra vez que o senhor me explicou, mas ainda não entendi a diferença entre primeira e segunda voz. Só tem essas duas?

1:37:52

**Francisco:** Não. Tem a primeira voz e a segunda voz. E tem a segunda no corpo todo. A segunda voz, vamos supor, é cantar mais fino do que aquele que está cantando.

**Regis:** Lá na frente, fica o decurião e a segunda.

**Francisco:** E uma segunda. É. Aí eles dois, o decurião e o segundo, cantam sempre um mais fino um pouco do que a segunda. Aí controla. Porque se ficar todos os dois grossão, fica feio. 1:38:32 Fica um mais baixo, e a segunda é mais fina do que eles todos.

**Regis:** Deixa eu ver se eu entendi. Lá na frente fica o decurião mais uma segunda.

**Francisco:** A segunda pessoa e a segunda voz.

**Regis:** O decurião começa e a segunda responde?

**Francisco:** Não. Ele acompanha. Só entoa, se tiver. E a gente só canta se tiver segunda, senão a gente fica rouco.

**Regis:** Para não forçar tanto.

**Francisco:** Para não forçar tanto. Se for todo mundo cantando grosso, fica uma coisa feia.

1:39:11

**Regis:** Mas não é todo mundo igual, não?

**Francisco:** Não. É como eu disse. Todo mundo igual não fica bonito. É tanto que não é todo mundo que bota segunda, não. Ela tem que começar primeiro e acabar por último. Se os

outros param, ela fica. Ela é quem entoa. É mais fina. 1:40:13 Quem não lê, fica naquela tradição antiga. Porque ele nasceu daquele jeito e ficou daquele jeito. Ele não foi se evoluindo. O padre celebrava com as costas viradas para nós. Alcançou? E em latim. Nós não entendíamos o que estávamos ouvindo.

...

Hoje em dia quem celebra a missa é o povo. Ele faz só a homilia. A gente está com a Igreja. Antigamente, o Padre Vicente, se fosse para batizar um menino com nome de Cícero, ele não batizava. Hoje em dia...

...

Peguei o microfone, com o bispo lá e tudo, e foi eu que rezei lá no meio de cento e vinte homens.

1:41:57

Ensinei muito preparação para Crisma. Ensinei muito a matéria Religião. Porque quando eu fiz o curso de Religião... A gente não dá aula prática? Aqueles professores que ensinam a gente se fazem de alunos. Ensinei ao bispo, freira... Já fiz tudo isso.

1:42:41

Às vezes, eu fico olhando como é que se prepara um menino para a primeira comunhão. ...

[SAIO PARA IR AO BANHEIRO E FRANCISCO FICA TRATANDO COM UM HOMEM QUE CHEGOU]

1:45:34

[CANTA UM TRECHO ENQUANTO ESTÁ SOZINHO]

*Deus me livre do inferno*

*Meu Jesus a clemência*

*No inferno queima e sofre*

...

1:49:48

**Regis:** E esse aqui, seu Leal?

**Francisco:** São Jorge. São Jorge é meu santo protetor de ((inint.)). São Jorge Guerreiro. Você não vê São Jorge na lua? ]

**Regis:** O senhor me mostra, então, as vestes?

**Francisco:**

*Ser peta é um dom*

...

*Dizer que canto é fácil*

*Difícil é saber cantar*

...

1:52:04

**Regis:** O senhor nunca usou óculos?

**Francisco:** Não.

Eu queria procurar... Um dia, quando você vier de novo... Um dia, uma mulher foi estuprada lá naquela gurita. E eu fiz o nome dos três estupradores... Tem um verso disso. E tem um verso "O que merece um ladrão". Eu já lhe contei aquela de Pedro Bandeira, não foi?

1:53:03

É que nem fazer discurso. Quando a gente faz discurso, primeiramente, a gente procura conquistar a plateia. É a primeira coisa no discurso. Depois que você conquista a plateia, você faz o discurso.

...

Eu vou fazer um discurso lá no meio da cidade, vou falar em barragem, falar em estrada dessas daqui, vou falar em broca, eu vou apagado. Lá no meio da cidade, eu tenho que falar em saneamento básico, esgoto, essas coisas. 1:53:53 Vem um cabra da cidade falar em saneamento aqui, ele vai é vaiado. Cada um, na sua base. Você procure conquistar a plateia. Contar uma história primeiro.

...

[MANUSEIA UM LIVRO DIDÁTICO PARA MOSTRAR UMA HISTÓRIA DA VINDA DE DOM JOÃO VI AO BRASIL]

*Olho vivo*

*Pé ligeiro*

*Vamos a bonde*

*Pegar o dinheiro*

[QUANDO COMEÇOU A CORRUPÇÃO NO BRASIL]

1:57:36

[LÊ ALGUNS ESCRITOS]

1:58:13

Nasci no mês de agosto

No ano de trinta e seis

Na data vinte do mês

Num dia de quarta-feira

[POESIA SOBRE SUA VIDA]

2:00:59

[TIRAS AS VESTIMENTAS DE UMA MOCHILA PENDURADA NO ARMADOR]

2:02:00

[VOU BUSCAR DUAS COISAS PARA ENTREGAR A FRANCISCO. UM LIVRO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO E UMA TOUCA DAS RENDEIRAS DE JERICOACOARA]

[mostra o barrete]

2:03:58

[TIRO RETRATOS DE FRANCISCO]

Explicou que não tem disciplina no momento. Pretende procurar no sótão do pai alguma e amolar para ter uma à disposição.

2:04:16

"A arma do penitente é a disciplina"

**Regis:** De que é feito?

**Francisco:** De aço.

**Regis:** Manda fazer, é?

**Francisco:** Manda. Tem um cabra que faz. Essas roupas, digamos que um cabra quer entrar. Ele entrega o pano a gente e a gente chega na casa de uma mulher e manda fazer. Se ele mesmo mandar fazer, ele é descoberto. Ele mesmo não pode mandar.

**Regis:** Eu tenho uma coisinha para dar para o senhor. Não ligue para a simplicidade, não.

**Francisco:** Pois não.

**Regis:** É um livro e isso aqui, que eu encomendei a uma pessoa que faz [mostrei a touca]

**Francisco:** Mas menino!

**Regis:** O senhor pode usar do jeito que o senhor gosta.

**Francisco:** Eu vou lhe agradecer através de um verso. Você disse que iria escrever uma carta, não disse?

**Regis:** Eu vou escrever.

2:05:42

**Francisco:** Eu respondo linha por linha. Do jeito que vier seu assunto, eu respondo. Desde já, eu digo logo obrigado.

**Regis:** Esse livro aqui...

**Francisco:** Eu não gosto de livro, não é?

**Regis:** São os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. É muito bom,

**Francisco:** Bispo. Não foi bispo?

**Regis:** É um exercício. Se o senhor quiser, todo dia o senhor lê um pouquinho. Vai evoluindo.

2:06:57

**Francisco:** Você diz a ele que todo dia a gente está se lembrando dele.

**Regis:** Eu falo.

**Francisco:** Sim... Você diz a ele que Terezinha morreu, viu?

**Regis:** A esposa do senhor, não é? Eu fiquei sabendo e falei para ele. Ele lamentou muito.

[CONTA SOBRE O DIA DO FALECIMENTO DA DONA TEREZINHA]

[até 02:09:46]